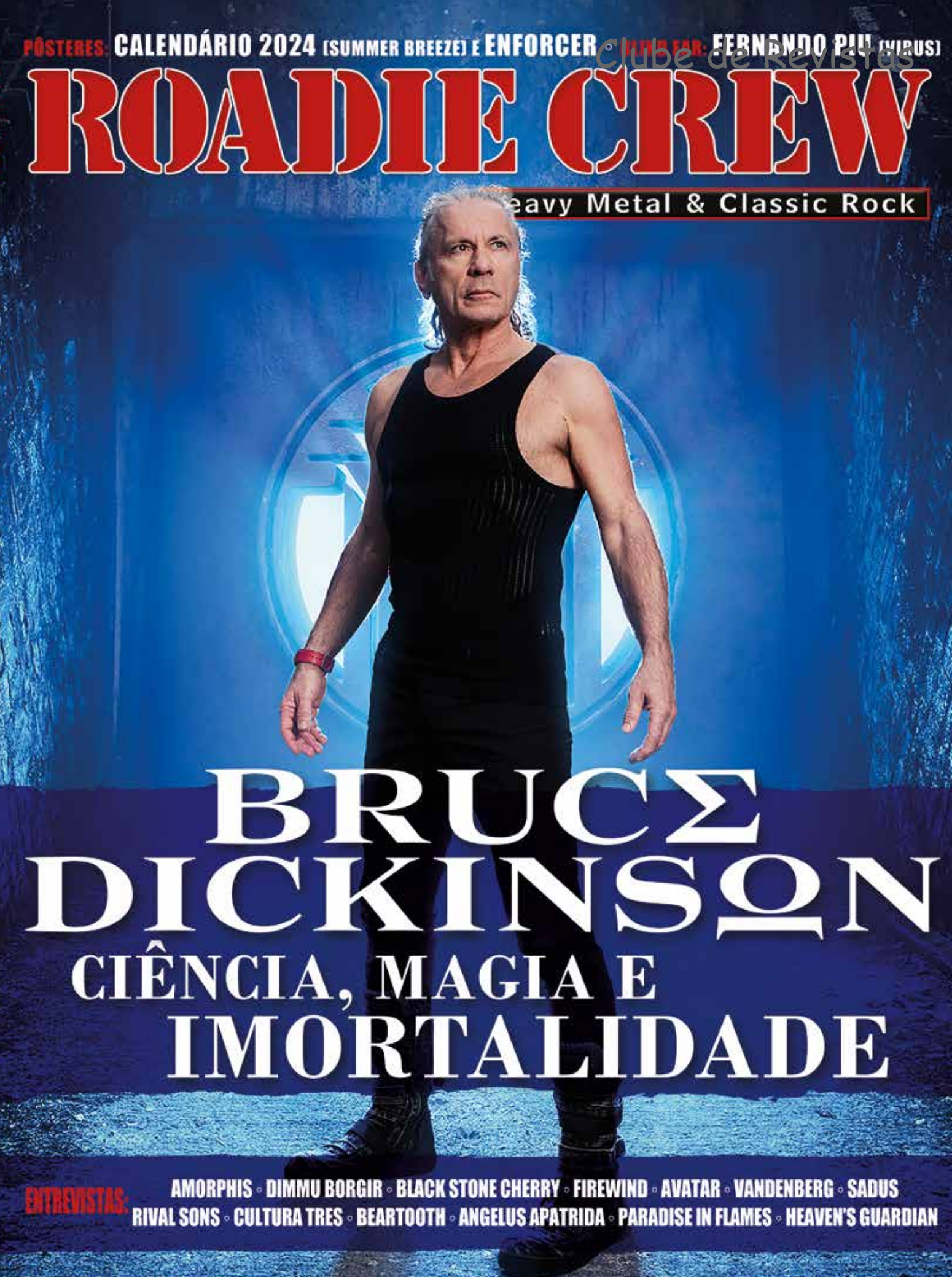
PÔSTERES: CALENDÁRIO 2024 (SUMMER BREEZE) E ENFORCER • FLASH FAR: FERNANDO PUJ (VIRUS)

Clube de Revistas

ROADIE CREW

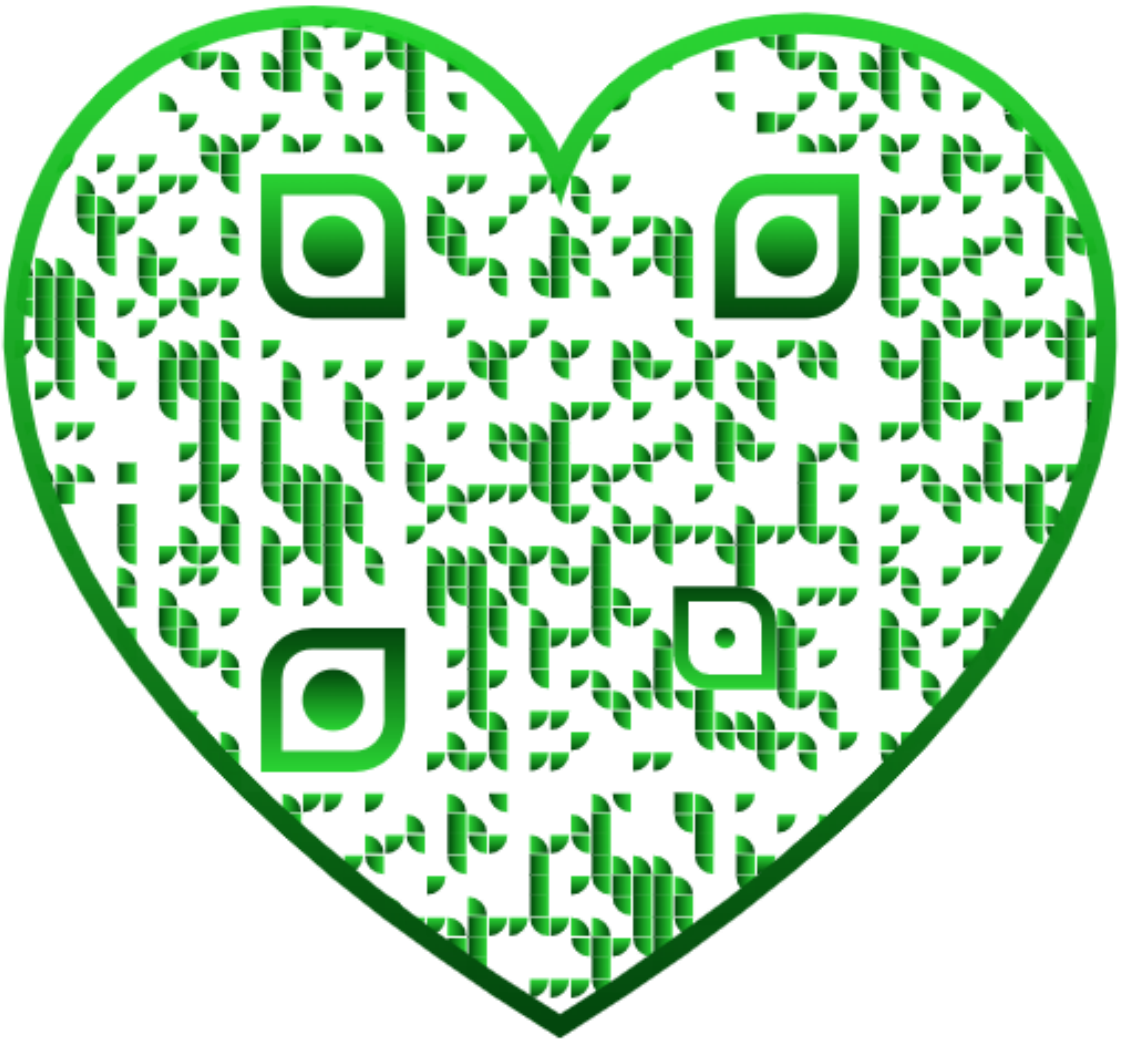
Heavy Metal & Classic Rock



BRUCE DICKINSON

CIÊNCIA, MAGIA E IMORTALIDADE

ENTREVISTAS: AMORPHIS • DIMMU BORGIR • BLACK STONE CHERRY • FIREWIND • AVATAR • VANDENBERG • SADUS • RIVAL SONS • CULTURA TRES • BEARTOOTH • ANGELUS APATRIDA • PARADISE IN FLAMES • HEAVEN'S GUARDIAN



Clube de Revistas

CLASH BULLDOGS

UM DOS DESTAQUES DO HEAVY METAL NACIONAL

SHOW CONFIRMADO SUMMER BREEZE BRASIL 2024

COM COMPOSIÇÕES COM BLAZE BAYLEY, HENRIQUE FOGAÇA E MIKE ORLANDO
PRODUZIDO POR THIAGO BIANCHI (NOTURNALL)
BANDA JÁ SE APRESENTOU AO LADO DE GRANDES NOMES COMO
SHAMAN, NOTURNALL, FELIPE ANDREOLI (ANGRA), SINISTRA E MATANZA RITUAL

@CLASH_BULLDOGS

Spotify DEEZER amazon Prime music Available on iTunes

animação: www.jdiasdesign.com

Clube de Revistas

DE VOLTA AO BRASIL

MARKETING-PR

Hoffman & O'Brian
marketing artístico e entretenimento

DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

Spotify deezer YouTube Music

@VELVETCHAINSBAND

Clube de Revistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 PORTAL RC
18 BRUCE DICKINSON
24 PLAYLIST
Alice Cooper (Road)
26 BLACK STONE CHERRY
30 AMORPHIS
34 DIMMU BORGIR
38 COLLECTION
The Allman Brothers Band
40 CULTURA TRES
42 HIDDEN TRACKS
H-Bomb
44 ANGELUS APATRIDA
46 RELEASES
49 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Led Zeppelin - IV
53 ROCK AVERAGE
Black Sabbath - Headless Cross
56 BEARTOOTH
58 FIREWIND
60 BLIND EAR
Fernando Piu (Virus)
62 AVATAR
64 VANDENBERG
66 SADUS
68 HEAVEN'S GUARDIAN
70 BACKGROUND
Nightwish (Parte 3)
74 CLASSICREW
Judas Priest, Van Halen, The Black Crowes e Exodus
76 ETERNAL IDOLS
Bernie Marsden
78 RIVAL SONS
80 PARADISE IN FLAMES
82 PROFILE
Clandestine (Zombie Cookbook)

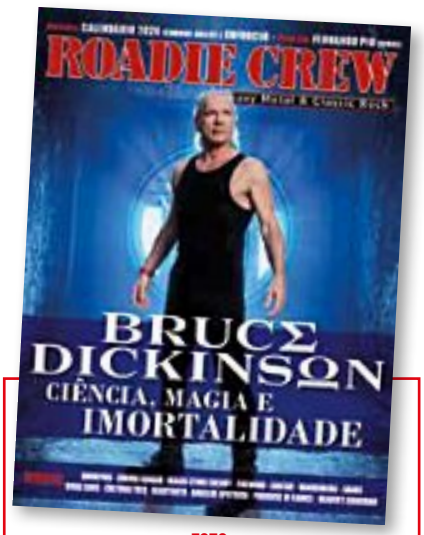


FOTO:
John McMurtrie

BEHIND THE STAGE

HEAVY NEW YEAR

A cada início de ano as esperanças se renovam, pois aquele otimismo chega para que visualizemos sonhos que almejamos conquistar. A pressão das metas virá, mas como estamos aqui para entreter, passar conhecimento e relembrar notícias marcantes, nada melhor que uma breve retrospectiva, pois nos últimos meses fomos tomados por fatos que serviram de base para muitas conversas no meio do heavy rock.

Uma delas foi o fim do Kiss como conhecemos e a chegada dos avatares, tendência que já foi colocada em prática com o Abba. O derradeiro show, ocorrido no dia 2 de dezembro no Madison Square Garden em Nova York, foi uma apresentação normal, a não ser no momento em que avatares de cerca de 2,5 metros substituíram Gene Simmons, Paul Stanley, Tommy Thayer e Eric Singer em *God Gave Rock'n'Roll to You*. É, chegou aquele momento do "quem Kiss teve" – os mais velhos irão lembrar...

Considerações à parte, o fato é que o "show humano" tem que continuar e a Gene Simmons Band foi confirmada para a segunda edição do Summer Breeze Open Air Brasil, que será realizada entre os dias 26 e 28 de abril. A GSB conta, além de Gene, com os guitarristas Zach Throne e Brent Woods (Wildside, Sebastian Bach), e o baterista Brian Tichy (Lynch Mob, Whitesnake e outros).

Outro assunto que marcou foi o anúncio da última turnê do Sepultura, chamada de "Celebrating Life Through Death" e que servirá como comemoração aos quarenta anos de banda. Com início programado para o dia 1º de março em Belo Horizonte (MG), o giro final irá durar 18 meses e deverá passar por todos os continentes do globo. "A gente vai parar justamente por isso, estamos no melhor momento da história da banda. A gente sai de cena de uma forma muito tranquila, em paz com a gente mesmo", declarou Andreas Kisser.

E como todo mundo hoje em dia só fala sobre shows e há uma histeria coletiva nesse sentido, quem está acostumado a vir ao Brasil, passou por aqui recentemente e voltará outras duas vezes em 2024 é Bruce Dickinson, matéria de capa desta edição. O vocalista do Iron Maiden explicou todos os detalhes acerca de seu novo trabalho solo, *The Mandrake Project*.

A edição também traz entrevistas com Black Stone Cherry, Amorphis, Dimmu Borgir, Cultura Três, Beartooth, Angelus Apatrida, Firewind, Avatar, Vandenberg, Rival Sons, Paradise in Flames, Sadus e Heaven's Guardian. Entre as seções, destaco o Blind Ear com o guitarrista Fernando Piu (Virus), marcando o começo das celebrações dos quarenta anos do primeiro volume da coletânea *SP Metal*.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 278
JAN-FEV/2024
ANO 26

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Écio Souza Diniz, Gustavo Maiato, Heverton Souza, Ivanei Salgado, Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Thiago Prata e Valtemir Amler

FOTÓGRAFOS
André Simões dos Santos, Belmilson dos Santos, Elvis Rafael Andrade, Leonardo Palma Benaci e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

Clube de Revistas

SOUND CITY RECORDS

Valhall Music

NAPALM RECORDS

POWERWOLF

MISSA CANTORE II

Missa Cantorem II reúne alguns dos melhores vocalistas do metal. Eles reinterpretam o aclamado álbum de 2021 dos lobos alemães, Call of the Wild. Cada música homenageada por um diferente cantor brilha agora sob nova luz.

imunico · www.jduartedesign.com

THE GEMS

PHOENIX

Rock and roll cru e groove dão o tom desse debut que marca o ressurgimento de três ex-integrantes do Thundermother. E elas alertam: Phoenix é um álbum de rock perfeito para quem quer diversão!

COBRA SPELL

666

Contando com a ótima vocalista Kris Vega e com as talentosas guitarristas Sonia Anubis (ex-Crypta) e a brasileira Noelle dos Anjos, 666 é um álbum sedutor, repleto dos mais instigantes clichês do hard 'n' heavy oitentista. Viciante!

EM BREVE

EVERGREY
FROM DARK DISCOVERIES TO HEARTLESS PORTRAITS - A LIFETIME OF METAL

EM BREVE

VISIONS OF ATLANTIS
PIRATES

EM BREVE

LORD OF THE LOST
WEAPONS OF MASS SEDUCTION

Adquira em
www.valhallmusic.com.br

Clube de Revistas

DRAGONHEART
"UM MUNDO TOTALMENTE DIFERENTE"

Nome de respeito quando o assunto é metal melódico no Brasil, a banda paranaense DragoNHeart, destaque nos anos 2000, retorna com um novo álbum, *The Dragonheart's Tale*, além de planos interessantes para essa retomada, como turnês nacionais e internacionais, bem como a montagem de um staff completo para cuidar de todos os seus interesses.

Eduardo Marques, Thiago Mussi e Marco Caporasso revivem a boa fase do grupo paranaense

Fotos: Divulgação

***Throne of the Alliance* (2002) é um álbum marcante para o metal brasileiro, que na época vivia a explosão do metal melódico. Quais frutos vocês ainda colhem dele?**

Eduardo Marques: Estive 19 anos afastado da banda. Foi difícil deixar o DragoNHeart na fase mais promissora. Por isso, não sabia o impacto que *Throne of the Alliance* tinha causado ao longo dos anos. Ao retornar, recebi muitas mensagens de fãs tanto do Brasil quanto de outros países falando desse álbum. Relatos de músicos importantes que o ouviam quando eram adolescentes e foram influenciados musicalmente por ele, e de fãs dizendo que o álbum os ajudou a passar por fases difíceis da vida. Ele está em listas de melhores álbuns de power metal pelo mundo e é motivo de orgulho para nós. É surpreendente que tínhamos 20 anos quando compusemos a obra!

Agora, pouco mais de vinte anos depois, um novo disco: *The Dragonheart's Tale*. Ainda ligado às origens do estilo, qual o sentimento em lançá-lo em outros tempos?

Eduardo: É um mundo totalmente diferente. O lado positivo é que tudo é profissional. Temos empresa de direitos autorais cuidando da banda, produtor de shows, assessor de imprensa, fotógrafo, redes sociais, acesso a equipamentos de ponta, produção de clipes. Isso faz com que a música chegue ao maior número de pessoas. E realmente o estilo que exploramos no álbum novo é do power metal clássico do início dos anos 2000 com uma produção e roupagem moderna, o que tem causado uma sensação de novidade com um toque de nostalgia. Hoje sabemos em tempo real se o que a banda está produzindo está sendo bem recebido. Em outras épocas nosso termômetro eram as votações da ROADIE CREW de final de ano feita pelo correio. O lado negativo é que tudo acontece muito rápido. Tem o hype, você lança o álbum, as pessoas ouvem e já querem um trabalho novo.

Qual o contexto de *The Dragonheart's Tale?* Ele abre alguma nova trilogia?

Thiago Mussi: Não abre nova trilogia. Como marca o retorno do Edu, decidimos conectá-lo principalmente com o segundo álbum, *Throne of the Alliance*. Então ele é um prequel, uma obra que conta a origem dos principais eventos e personagens do lore que criamos, já que todos os nossos álbuns se passam no mundo de fantasia de Allur. Como as histórias não fazem parte da mesma narrativa, demos o nome *The Dragonheart's Tale*. Ele é dividido em três atos: *Sea, Waves and Gunpownder*, que fala sobre a origem da Ghost Galleon; *Battle, Blood and Honor*, que narra a infância do DragoNHeart quando era apenas um escudeiro em sua primeira batalha; e *Magic, Anvil and Fire*, que conta o expurgo do Blacksmith e suas armas mágicas proibidas. Todos esses contos são cantados por um bardo chamado John Cursed na Taverna Hangman Willy, onde uma caveira, o pirata Willy, que criamos para responder às perguntas de nossos fãs com ironia e humor nas nossas redes sociais, recebe nossos aventureiros para escutar as histórias, como num jogo de RPG ou livro de fantasia.

A mixagem e a masterização ficaram a cargo de Fredrik Nordström (Dream Evil, Hammerfall), referência no gênero. Como foi o contato com ele e em que ele lapidou o som da DragoNHeart?

Marco Caporasso: Ele é referência de trabalho das bandas que fazem parte do mesmo estilo que nós, como Powerwolf e Sabaton. Quando se trabalha com esses caras é necessário cumprir seus Standards, como a metodologia de gravação para os instrumentos e voz, o que é difícil nos estúdios brasileiros porque as pessoas estão acostumadas a sempre trabalhar da mesma maneira e não querem fazer diferente. Outra coisa é que esses grandes produtores têm uma agenda apertada. Então trabalhamos muito em estúdio para entregar o material no prazo com uma super performance e qualidade. Ele recebeu o material, trabalhou em cima das dezenas de canais, efeitos, instrumentos medievais, vozes, participações e nos enviou pronto, com a melhor produção que tivemos na história do DragoNHeart.

Chamam a atenção os elementos de pós-produção, como efeitos sonoros e dublagens, tudo para construir um mundo de fantasia à parte.

Eduardo: Sempre estive envolvido com games, RPG e Running Wild (risos). E esses elementos fazem parte desse universo. Tinha um cenário para jogar D&D que vinha um CD para criar a atmosfera do jogo bem no clima da intro do álbum *Port Royal*, do Running Wild. Queríamos ser uma trilha sonora para nossas letras que narram histórias de fantasia de 'capa e espada'. E esses efeitos e narrações são essenciais para colocar o ouvinte dentro da história, amarrar ou separar as narrativas.

O disco conta com a participação de Henning Basse (ex-Metalium) e Vanessa Rafaelly. Como se deram as escolhas?

Marco: A escolha de Henning Basse aconteceu porque a voz dele é única e se encaixa no nosso estilo. Somos muito fãs do cara! Além disso, a experiência nos trouxe know-how de como gravar da melhor forma a voz. Depois da gravação ele curtiu tanto que queria participar do álbum inteiro. Já a Vanessa Rafaelly é uma grande cantora lírica e vocalista de metal. Uma das melhores vozes do Brasil. Andre Matos incentivou-a no início de carreira e ela canta de Mozart, passando por Nightwish, a Sepultura. Ela trouxe um toque épico para a faixa *Eric, The Red*, num clima Ennio Morricone; e na *Plague Maker* ela colocou um vocal lírico, inacreditável, no estilo da ópera *Carmina Burana*. Nós a convidamos porque vimos um vídeo dela emitindo uma nota aguda num concerto com orquestra e ela queimou a luz do teatro!

Vocês fizeram um show ao lado do Primal Fear (26 de outubro, em Curitiba/PR) tocando clássicos da carreira e novas canções. Qual foi a resposta do público?

Thiago: Fazia quatro anos que não subíamos no palco. Tivemos o convite para tocar com o Helloween há alguns meses, mas estávamos reformulando a banda. Agora, com a formação estabilizada, veio o convite da produção do Primal Fear. O público foi incrível! Nos apoiou do início ao fim. E, mais uma vez, *Blacksmith* levanta a galera, como acontece há 26 anos. Tem um público mais jovem agora que conhece as músicas, eles nos acompanham no Instagram. E tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente o produtor Achim Kohler, engenheiro de som do Primal Fear, que produziu nosso single em 2021 na música *Ghost of the Storm*.

Matheus Vieira

Clube de Revistas

BEHAVIOUR
O DEATH METAL NÃO MORRE

"A banda foi formada em 1989 e interrompeu as atividades em 1994, quando estava prestes a gravar o que seria nosso primeiro EP, o que foi muito frustrante. O estilo sempre foi death metal. Gravamos duas demos na marra no início dos anos 90, fizemos shows incríveis para um público selvagem, com grandes bandas e grandes amigos, nas condições mais precárias possíveis. Concretizar o retorno levou décadas, mas só o faríamos se fosse da maneira correta". O autor desse preâmbulo é o vocalista da banda paraibana Behaviour, Eduardo Jarry, que destaca nesta entrevista a alegria pelo lançamento do debut, *Rex Imbecilic* (2023), mais de três décadas depois do surgimento do grupo, complementado por Thyago Trajano (guitarra), Eduardo Amorim (baixo) e George Medeiros (bateria).

Eduardo Jarry, Thyago Trajano, Eduardo Amorim e George Medeiros: o retorno triunfal do Behaviour

É muito legal quando a gente vê alguma banda dos anos 80, por exemplo, gravando discos nos dias de hoje. E ainda mais quando acontece com uma banda que nunca tinha lançado um álbum antes e consegue realizar este sonho mesmo décadas depois. Como foi realizar este registro histórico?

Eduardo Jarry: Lançar *Rex Imbecilic*, sem dúvida, está sendo muito importante. Todos os integrantes do Behaviour lançamos discos e EPs por diversas outras bandas das quais fizemos parte nesses últimos 25 anos. Especialmente para mim e George, esse era o disco que estava entalado, impedido de sair por diversas circunstâncias. Então, no ano passado, conseguimos reformar a banda, encontrando as pessoas certas para realizar o lançamento. A nova formação é sólida. Eduardo Amorim e Thyago Trajano são músicos excepcionais, têm o death metal no seu DNA e entendem a essência da banda. *Rex Imbecilic* representa o legado e o presente do Behaviour.

Como foi revisitar sons antigos e dar a eles uma cara nova, oferecendo material tanto para antigas quanto para as novas gerações?

Eduardo: Totalmente natural. De fato, não fizemos versões atuais ou qualquer adaptação ao 'mercado' de hoje. Todas as bandas históricas gravaram em seus discos versões mais bem tocadas e gravadas das músicas que estavam nas suas demos. Nós só demoramos trinta anos para lançar o disco (risos). A intenção foi exatamente essa, reapresentar a banda para quem curtiu as demos na época, assim como apresentar os sons para uma nova geração que nunca teve contato conosco. Sempre tem uma galera que acha que não se deve tocar nas coisas antigas. Mas no geral a resposta tem sido excepcional.

Quando a gente vê que o disco traz dez músicas de qualidade e participações de Alex Kafer (The Troops of Doom), Fernanda Lira (Crypta) e Kam Lee (Massacre), tudo se tornou ainda mais especial, certo?

Eduardo: Sem dúvida! Nunca vou cansar de agradecer a generosidade desses convidados. Kafer e Fernanda são talentos internacionais; esbarramos com eles em shows, fizemos os convites e eles aceitaram na hora, na maior tranquilidade. Colocaram suas marcas nos sons. Os resultados em *Black the Day* (com Fernanda) e *Let Them Fall* (com Alex) falam por si. Kam Lee foi algo surreal para nós, o Massacre é uma influência enorme no Behaviour. Ter no disco (na faixa *Trust No One*) o cara que formou o Mantas e o Death, que você escuta há 35 anos, é algo indescritível. O respeito e a atenção que ele teve conosco foram muito além do esperado.

Como chegaram ao nome *Rex Imbecilic* e à arte da capa?

Eduardo: A arte da capa foi feita pelo lendário Andreas Marschall (Sodom, Kreator, Immolation). Na cara de pau mesmo, escrevi para ele, mandei o conceito de uma figura nefasta e manipuladora. Ele confirmou a disponibilidade, gostou da ideia, sugeriu outros elementos. Não poderíamos estar mais satisfeitos com a arte. Meu brother Alcides Burn (Krisiun, Nervosa) completou o trabalho fazendo um layout matador. Sempre escolhemos o nome de música mais impactante para ser a faixa-título. *Rex Imbecilic* tem elementos de todas as faixas e representa bem a obra.

Em termos de letras, o quanto elas dialogam com os dias de hoje?

Eduardo: Primeiramente, é death metal, então os temas sempre serão obscuros e negativos. Assassinos em série, sociopatas, pedófilos, manipulação, grupos de extermínio... A impressão é de que as letras estão baseadas nas manchetes de hoje, mesmo boa parte tendo sido escrita há mais de trinta anos. A humanidade está em completa decadência, e nós somos a trilha sonora.

***Irate* abre o trabalho com um som cadenciado e logo se torna um rolo-compressor. Desde lá é possível constatar a boa produção, que conseguiu mostrar aquilo que se espera de um disco: ouvir os instrumentos e os vocais com clareza. Como foi todo esse processo até chegarem a este resultado de alto nível?**

Eduardo: Temos a sorte de ter um produtor de alto nível por aqui. Trabalho com Victor Hugo Targino há mais de uma década. Ele é extremamente talentoso. O jovem produtor mais old school que já vi trabalhar, sempre de olho nos mínimos detalhes. Ele conseguiu atingir o resultado que buscávamos, que é justamente o que você mencionou: denso, pesado, mas, principalmente, decifrável e audível. Já mixei discos com produtores europeus e americanos e tinha certeza de que ele atingiria o nível dos gringos, sendo muito mais acessível ao input da banda.

Apesar de se tratar de um grupo de death metal, o Behaviour traz uma sonoridade que deve deleitar muito fã de thrash também. Na verdade, de outros públicos do metal mais extremo e outras vertentes do metal. Vocês notam isso pelo feedback recebido?

Eduardo: Nos primórdios, o death metal foi baseado em um punhado de bandas: Slayer, Sodom, Dark Angel, Slaughter, Celtic Frost, Hellhammer. Então, naturalmente, as bandas que surgiram no fim dos anos 80 e início dos 90 tiveram uma marca forte do thrash. Recebemos vários comentários indicando elementos de Slayer, Celtic Frost e Sepultura em nosso som. Sempre respondo o mesmo: old school death metal tem uma tremenda influência do thrash.

Com o disco na praça, o que podemos esperar pela frente, tanto em termos de novas composições quanto de shows, videoclipes e outras formas de divulgar a banda?

Eduardo: Vamos lançar o segundo lyric video, para a faixa *Black the Day*. Um clipe também está nos planos para outro som. E já estamos trabalhando no próximo disco. Temos tido a sorte de recentemente dividir o palco com tremendas bandas, como The Troops of Doom, Nephastus, Rot, The Mist, Medicine Death, Rebaelliun, Necropolis, Expose Your Hate, Desalmado e Open the Coffin. Estamos recuperando o tempo perdido.

Thiago Prata

Clube de Revistas

ROTBORN
DEPOIS DO DESAFIO A SUPERAÇÃO

Presente na cena desde 2021, a Rotborn, que nasceu em Bauru/SP, tem na bagagem o EP *Genocidal Resolution* (2021), o álbum *On the Perspective of an Imminent Downfall* (2022), além de duas turnês, uma brasileira e outra pela Europa. Em uma conversa com a ROADIE CREW, Luis "Satã" (vocal), Vitor Caricati (guitarra), Nestor Carrera (bateria) e Jeferson Tarzia (baixo) demonstram satisfação total com os trabalhos realizados e já preparam novas façanhas. Confira.

Nestor Carrera

Músicos experientes, Nestor Carrera, Vitor Caricati, Jeferson Tarzia e Luis "Satã" trazem para você o que há de mais brutal no Rotborn

A Rotborn surgiu durante uma fase crítica da saúde mundial. Como o propósito de montar uma banda, além de trabalhar nas composições e executar as ideias, permaneceu consistente durante a pandemia?

Vitor Caricati: Começamos o projeto todo de forma virtual, trocando ideias por WhatsApp, enviando arquivos e antigos esqueletos de músicas. A internet facilitou muito as coisas, nesse sentido. Conforme a situação da covid mostrava sinais de arrefecimento com as vacinas se tornando realidade, começamos a marcar os primeiros ensaios tomando o máximo de cuidado possível para evitar contágio. No início, somente Nestor, Jeferson e eu nos encontrávamos, já que nosso vocalista Luis Satã entrou meses depois.

Nestor Carrera: Até já tínhamos algumas composições bem estruturadas que funcionariam muito bem pra esse projeto e que só dependiam de alguns ajustes e ensaios para partirmos para as gravações, que dariam origem aos primeiros lançamentos.

Após a fase de horror gerada pela pandemia, muitas pessoas tiveram que adaptar seus planos a uma nova realidade. Com a banda aconteceu isso?

Vitor: A falta de perspectiva foi, de certa forma, inspiração para o resultado final do disco – inclusive, o nome do álbum reflete isso. Por se tratar de um projeto totalmente novo, havia a flexibilidade de fazermos a coisa toda acontecer conforme a realidade da época permitia. O que viesse após esse período inicial já seria lucro (risos).

Jeferson Tarzia: Além de matéria-prima para a concepção e produção do álbum, as limitações desse período meio que nos tornaram reféns do próprio contexto pois, enquanto não houvesse possibilidade de iniciar as atividades de forma mais concreta e presencial, com ensaios, shows etc., teríamos de nos adaptar, e fatalmente focaríamos em compor material, como efetivamente ocorreu nos primeiros dias da banda. Felizmente, conforme o cenário foi evoluindo, conseguimos dar contornos mais sólidos e começamos a prospectar ensaios, shows etc.

Em 2021, vocês gravaram o EP *Genocidal Resolution* e um dos formatos deste lançamento foi o cassete que, inclusive, está quase extinto pela baixa disposição de fitas no mercado. Como foi a ideia de recriar isso?

Jeferson: Embora o cassete tenha sido minimizado como formato de lançamento ao longo das duas últimas décadas, o fato é que ele nunca se tornou totalmente obsoleto perante o grande número de entusiastas, sendo alvo hoje de um 'revival', semelhante ao ocorrido com o vinil em meados da década de 2000. Partindo dessa premissa, a ideia de lançamento do EP em fita partiu da Redefining Darkness e, além de bem recebida por nós, foi muito oportuna, já que se trata de um material personalizado e limitado, direcionado a esse nicho específico, e que consubstanciou uma forma de unir a nostalgia referente às demo-tapes.

A sonoridade da banda é brutal em todos os aspectos. Para músicos que vieram de escolas distintas como thrash metal, black metal e death metal, como resolveram investir numa pegada mais death/grind?

Luis Satã: Acredito que era uma vontade de todos os integrantes se debruçarem em tal vertente, afinal, todos temos forte influência do death/grind. Inclusive, Vitor e Jeferson já tinham tentado com outras bandas que, infelizmente, acabaram não vingando. Mas, falando pessoalmente, era um sonho ter uma banda com essa sonoridade, o grind sempre agregou inspiração na forma como canto, e ter colocado em prática uma roupagem mais coerente me trouxe uma enorme satisfação.

Assim como o EP, o full-length *On the Perspective of an Imminent Downfall* foi lançado no exterior. Como ocorreu a oportunidade de fechar com o selo americano Redefining Darkness Records?

Nestor: Já existia um contato bem estreito com o pessoal da Redefining, já que minha outra banda, a Escarnium, faz parte do cast deles. Foi só uma questão de enviar as músicas que compôem o EP. Eles ouviram, curtiram e aprovaram. O mesmo se deu com a Cianeto Records, que lança e distribui nosso material aqui no Brasil.

Neste caso, pode-se dizer que os vários shows pelo Brasil em 2022, seguidos pela turnê europeia no mesmo ano ao lado da Escarnium, também ajudaram a impulsionar o nome da banda na cena underground. Correto?

Vitor: Acho que foi aquela coisa de aproveitar as oportunidades que foram aparecendo. Os quatro membros da banda estavam bastante motivados e olhando para o mesmo lado, então as coisas acabam sendo muito mais fáceis. Fora o fato de que o know how adquirido em outras bandas e outras correrias acaba fazendo a diferença no saldo final. A gente não dá as mesmas cabeçadas (risos).

Como foi a história da escolha da Rotborn pela curadoria do festival itinerante Knotfest, que é protagonizado pelo Slipknot?

Jeferson: Houve muita surpresa da nossa parte, pois não mensuramos o alcance da divulgação da banda, de uma forma tão imediata, ainda mais em um eixo mais mainstream. Recebemos a notícia via 'tags' nas redes sociais, realizados tanto pelo festival como pela curadora da sessão Bandcamp Roulette. Por sermos uma banda bem nova e de um segmento mais extremo e específico, é muito legal perceber que conseguimos atingir esse contingente ligado a um grande festival, com uma repercussão praticamente instantânea. E, obviamente, ficamos muito felizes com a receptividade.

Para 2024, podemos esperar o próximo álbum, videoclipe ou mesmo outra turnê?

Nestor: Com certeza! Já temos o próximo disco pré-produzido e com previsão de lançamento para meados de 2024. Ainda estamos no processo de bolar a estratégia de lançamento e divulgação do álbum com os selos, mas um material audiovisual está na nossa lista de prioridades. Quanto às turnês, em parceria com a Speedfreak Agency, já estamos agendando shows pela Europa novamente, em outubro de 2024. Tivemos um resultado bastante positivo em 2022 e antes mesmo de voltar para casa a conversa de um próximo giro já estava presente em todas as nossas reuniões.

Leonardo M. Brauna

Clube de Revistas

EVERTON MARIN

Headway: Piano Concerto N.I

Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás

Maestro Eliel Ferreira

Piracanjuba

OSJG Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás

Programa Goyazes

SECULT Secretaria de Estado da Cultura

Governo de Goiás — O Estado que dá certo

Clube de Revistas

VOCIFER
NOVO ESQUADRÃO DO POWER METAL

Se com *Boiuna* (2020) a Vocifer mostrou seu cartão de visitas, o segundo álbum, *Jurupary* (2023), emerge não apenas como uma evolução natural, mas coloca os tocantinenses no hall dos principais grupos nacionais do power metal. Além de um time com cinco talentosos músicos – João Noleto (vocais), Lucas Lago (baixo), Pedro Scheid e Gustavo Oliveira (guitarras) e Alex Cristopher (bateria) –, a banda conta com participações de gigantes em seu novo full-length, como o tecladista Fábio Laguna (Angra, Edu Falaschi), o baixista Luís Mariutti (Sinistra, ex-Angra e Shaman), a vocalista Daísa Munhoz (Soulspell) e Thiago Bianchi (Noturnall). Conversamos com Noleto, Lago e Scheid a respeito deste "novo esquadrão" do power metal.

Laura Pedrini/Divulgação

Gustavo Oliveira, Pedro Scheid, João Noleto (acima e no centro), Lucas Lago e Alex Cristopher erguem a bandeira do metal de Tocantins

Algo que ficou marcado em *Boiuna* e que volta à baila com *Jurupary* é o conteúdo lírico. Além de serem discos conceituais, trazem assuntos ligados ao folclore da região Norte do país. Quando conversamos sobre *Boiuna*, Lucas brincou que 'toda história boa começa numa mesa de bar'. Como foram as conversas para a criação das letras de *Jurupary*?

Lucas Lago: Foram quase numa mesa de bar (risos). Mas desta vez eu estava tomando uma em casa e cada um na sua casa, na época da pandemia. Decidimos estudar bastante o tema, discutimos que os sentimentos de cada música deveriam constar na cronologia. João fez um roteiro antes de começarmos a escrever as letras. Vivíamos gravando ideias e mandando um para o outro até formar *Jurupary*.

João Noleto: Sem contar que tínhamos praticamente outro disco com outra temática já engatilhado, vários riffs e letras.... Mas caímos na real: somos contadores de histórias do Tocantins.

Poderiam falar mais a respeito da história que o disco conta?

João: O argumento principal foi inspirado em relatos coletados por Ermanno Stradelli (1852-1926) em seu livro 'A Lenda de Jurupari' (1ª. edição, 1890). Mas também lemos muitas teses e dissertações sobre o personagem, os rituais... Foi uma imersão. Nossa adaptação retrata, assim como consta no livro, um mundo devastado por uma pandemia (não tinha como não nos identificarmos), em que a humanidade, à beira da extinção, recebe uma nova oportunidade quando o Sol envia seu filho para trazer a lei, a música, a ordem. Primeiramente, sua amada (Seucy, a mãe das estrelas) reencarna e, depois, dá à luz a Jurupari. Há na história menções sobre outras lendas do Jurupari, em que ele se apresenta como ser maligno, há menção acerca dos instrumentos sagrados e da música do ritual de Jurupari. É um verdadeiro carrossel de emoções.

Da capa, de autoria de Wendell Araújo (Cólera, Desalmado), passando pela temática e chegando à sonoridade, tudo parece muito bem amarrado.

Pedro Scheid: Estávamos muito mais maduros musicalmente em relação ao processo de gravação do *Boiuna*. Primeiramente, o conceito foi definido, e, a partir dos estudos, escrevemos um enredo com início, meio e fim. Daí vieram os arranjos musicais com a contribuição dos novos integrantes (Gustavo e Alex). E, como novamente estávamos sob a mentoria de Thiago Bianchi, a afinidade gerada pela primeira gravação fez com que o processo da segunda se tornasse mais congruente e mais refinado, uma vez que já conhecíamos a forma de trabalhar de cada um.

Quanto ao conteúdo sonoro em si, há uma diversificação, com músicas rápidas, bem power metal, como *The Voice of the Light*, outras mais cadenciadas e com riffs pesados, vide *Vanity in Disguise*, e a balada *Rain of Doubts*...

Lucas: Apesar de um propósito comum, a Vocifer é formada por várias personalidades e gostos pessoais que conseguem conversar, por mais diferentes que sejam. Acho que isso é o grande diferencial. A receita para se fazer músicas variadas é ouvir bastante coisa fora do que você toca e abrir a cabeça para coisas novas. Além disso, até o momento, nunca tivemos problema com ego. Nosso processo de criação é bem livre. Sabemos que somos um time, e todos jogam por todos para ganhar.

E também há músicas que ganharam mais camadas com o acréscimo de alguns elementos, como a presença do Tambores do Tocantins em *We Are* e a de Daísa Munhoz (Soulspell) em *Wings of Hope*.

João: Os Tambores eram para ter participado no *Boiuna*, infelizmente não foi possível na época, mas Marcio Bello, regente do projeto, é nosso amigo e parceiro de longa data, de vários carnavais em Taquaruçu/TO (risos). Nossa vontade era ter tambor no disco todo! (risos) Sobre a Daísa, fica até difícil não se emocionar ao mencioná-la. Uma pessoa fantástica e a verdadeira diva do metal nacional. Com certeza, a voz mais marcante do heavy metal mundial. Essas participações acrescentaram muita energia ao disco.

E não podemos esquecer do Fábio Laguna, que já tinha participado de algumas faixas do trabalho de estreia, mas que aqui assina os teclados no disco todo.

Pedro: Diante do trabalho primoroso que o Fábio fez em duas faixas do nosso primeiro disco, nos sentimos quase que na obrigação de convidá-lo para participar novamente, desta vez em todas as faixas de *Jurupary*. Seus arranjos e orquestrações dão muita profundidade e imersão às músicas, e esse era um fator que queríamos trazer para o disco como um todo devido ao seu conceito e à construção das partes instrumentais. O Fábio é um profissional excepcional e não hesitou em trabalhar conosco. Sua participação elevou o álbum a outro patamar.

A parceria com Thiago Bianchi vai além da produção, com os vocais dele em *To Be Alive*. Como é tê-lo como uma espécie de 'padrinho' para a Vocifer?

João: Eu diria que o Thiago é um mentor e membro honorário da banda – como George Martin era o 'quinto beatle'! Ele se envolvia não apenas nas questões técnicas, mas pessoais. A vontade de fazer o melhor é de todos. E sempre com muito carinho envolvido, caso contrário, o Thiago jamais toparia o convite para esse dueto. E que dueto, hein?

O grupo é um dos principais representantes atualmente do metal não apenas do Tocantins, mas da região Norte do país. Como vem sendo erguer essa bandeira?

João: Orgulho. Sempre tivemos a sede de ser esse representante. Todavia, contar a cultura de um povo requer muita responsabilidade, por isso tanto esmero e estudo. Apesar do esforço hercúleo que é fazer metal em terra de agro, é gratificante ver o nome do nosso Estado correr o mundo. Temos fãs estrangeiros que ficam fascinados com as histórias que contamos, enquanto existem pessoas da nossa própria região que ainda as desconhecem.

Thiago Prata

Clube de Revistas

MAD SNEAKS
CONTRA A CORRENTE

Criada no interior de Minas, mas hoje radicada em São Paulo, a banda Mad Sneaks começou sua trajetória há mais de dez anos. Inspirados no rock dos anos 90, Nirvana à frente, Agno Dissan (vocal e guitarra), Elton Vince (baixo) e Amaury Johns (bateria), lançaram um disco em 2013, passaram a compor em inglês e de lá para cá se tornaram um grupo premiado por conta dos vídeos criativos e até ousados que produz para seus singles. Amaury Johns falou sobre a trajetória do trio.

Mad Sneaks mira o mercado internacional em 2024

Divulgação

Vocês se dizem inspirados pelo rock dos anos 90 em geral, mas creio que a principal referência seja mesmo o Nirvana. Seria isso ou estou enganado?

Amaury: Sim, absolutamente! O Nirvana talvez seja 90% de toda nossa influência. Aprendemos muito com essa banda de várias formas. É inegável a força desse power trio tão poderoso! Mas também temos outras grandes influências que gostamos de trazer para nossa música, como Alice in Chains, Pearl Jam, Social Distortion, Ramones, Soundgarden, Mudhoney, TAD, Seether, Silverchair, The Virginmarys, Dvrill etc. Poderíamos ficar horas a fio falando sobre nossas influências e de como elas afetaram nossa música.

O primeiro disco de vocês, *Incógnita* (2013), foi mixado por Jack Endino. Como chegaram nele e que tal foi a experiência de trabalhar com alguém como ele?

Amaury: O contato inicial veio através de um conhecido nosso de Seattle chamado Charles Cross. Ele é mundialmente conhecido por ser o biógrafo de Kurt Cobain no livro 'Mais Pesado que o Céu'. Cross fez a indicação para ele e um belo dia você acorda com um e-mail em sua caixa de entrada de ninguém menos que Jack Endino perguntando se você gostaria de masterizar seu álbum com ele. Foram realmente um dia e um momento muito especiais em nossas vidas!

Em 2018, vocês lançaram o single *Limbo*, passando a compor em inglês. Por que optaram por essa mudança?

Amaury: Lançamos *Incógnita* em português e tivemos feedbacks muito interessantes fora do Brasil. As pessoas mandavam e-mail dizendo que não entendiam absolutamente nada do que estávamos cantando, mas adoravam a melodia e a pegada. Isso acabou abrindo nossa cabeça para pensar em fazer os próximos lançamentos em Inglês. Em minha opinião, o Mad Sneaks soa bem mais forte/poderoso em inglês e acredito que acertamos nessa decisão.

E ainda como consequência da repercussão de *Limbo*, Page Hamilton, da banda Helmet, convidou vocês para produzir uma música com ele, que acabou sendo *Dead Killer*. Que tal foi trabalhar com ele?

Amaury: Foi realmente um dia memorável em nossa história! Mostramos nossa música e ele curtiu muito a vibe da banda. Perguntou se queríamos apenas apresentar nosso trabalho ou se queríamos produzir uma música com ele. Até então nós não sabíamos que ele fazia esse tipo de trabalho. Foi a brecha perfeita e desse contato inicial despretensioso saiu nossa primeira parceria com o grande Page Hamilton, da incrível banda Helmet!

Já em 2022, vocês lançaram outro single, *e-soldier*, que foi produzido por Toby Wright (Alice in Chains, Slayer, Korn) e ganhou em vídeo de animação assinado por Agno Dissan. Como foi esse trabalho?

Amaury: Já conhecíamos o trabalho do Toby de longa data. Ele produziu artistas que amamos há muitos anos. Ele foi super gentil com a gente e fez um trabalho incrível na música. Existem alguns elementos bem interessantes nela e, se você parar para analisar, pode ser que encontre algumas coisas que façam referência a algumas de suas bandas favoritas. O clipe é um 'tapa na cara' muito direito em todos nós, humanos. Eu desafio qualquer pessoa a assistir o clipe e não se identificar de alguma forma. Sejam honestos, OK?

Vocês também fizeram, no ano passado, uma versão de *Something in the Way*, do Nirvana, com bandolim, baixo e violão. Como surgiu essa ideia?

Amaury: Sempre pensamos em fazer alguma homenagem ao Nirvana e a escolha mais óbvia seria os clássicos, certo? Bom, resolvemos apostar contra a corrente e tentar fazer uma versão diferente de uma música que particularmente é minha preferida do *Unplugged MTV*. O Dissan trouxe a ideia e realmente tivemos um pressentimento muito legal do que poderia vir dessas ideias iniciais. Entramos em contato com o pessoal da BMG Rights, apresentamos a ideia, eles acharam super interessante e liberaram o projeto. Foi realmente um grande prazer lançar uma música da nossa maior influência de todos os tempos.

O mais recente lançamento de vocês é o single *Label*. Ela vai receber um vídeo, também?

Amaury: Com certeza! Acredito que muito em breve teremos um novo clipe, também em 2D, para mostrar ao público. O clipe está em final de produção e deve sair muito em breve.

No final das contas, o Mad Sneaks só lançou um disco completo, lá em 2013. Pretendem soltar algo mais nesse formato ou a ideia é continuar investindo em singles?

Amaury: Acreditamos que para esse momento o ideal seja lançar singles ao invés de um álbum cheio. A forma de consumir música mudou muito e talvez essa seja a melhor forma de fazer todo um trabalho ser ouvido de verdade.

Ao longo do tempo, vocês acabaram acumulando uma grande experiência internacional. Depois de tudo que viveram nesse aspecto, dá pra dizer que a saída para o rock brasileiro ainda é o aeroporto?

Amaury: Ótima pergunta! Acredito que existam duas possibilidades para responder essa pergunta. Se você acredita que sua música soe melhor em outro idioma, você certamente deve tentar encaminhar seu material para fora do país. Mas obviamente existem bandas de rock que cantam em português que soam incríveis. Para nós, como banda, com certeza foi uma ótima possibilidade. O fato de as músicas serem em inglês com certeza abriu portas lá fora e esperamos muito em breve visitar cada um desses lugares pessoalmente.

Então, há planos de fazer uma turnê pelo exterior.

Amaury: Definitivamente sim! Nesse exato momento estamos conversando com algumas agências nos EUA tentando viabilizar essa tour e realmente acredito que teremos ótimas novidades muito em breve para quem gosta tanto da nossa música. Vai ser um ano incrível!

E uma turnê nacional, também está nos planos para 2024?

Amaury: Com toda certeza! Já estamos trabalhando nesse projeto e acreditamos que logo vamos ter algumas novidades. Esperamos ver cada um de vocês em breve!

Pra terminar, gostaria que vocês falassem sobre o mascote MAD, que é uma caveira metade humana e metade primata. Qual o significado dele?

Amaury: Nosso querido MAD! Trata-se da dualidade inerente ao ser humano. Nenhum de nós é totalmente ruim ou totalmente correto. Temos nossos próprios conflitos e nem sempre a forma como lidamos com eles são a melhor forma de fazer. Somos seres errantes e ao mesmo tempo encontramos formas muito boas de fazer determinadas coisas. Acredito que se trate da dualidade!

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

QUANTUM NOCTEM
ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Criado em Brasília/DF, o Quantum Noctem surgiu com o intuito de fazer um som baseado no metal, mas diferente, criativo e experimental. Conseguiu. Com o disco conceitual *Utopia*, Victor Vitório (vocal), Márcio Oliverr (guitarra), Matheus Maia (baixo e vocal) e Renan Costa (bateria) apresentam uma (ou mais) novidade a cada faixa, tornando a audição empolgante. O baixista (e ocasional vocalista) Matheus Maia falou com a ROADIE CREW sobre o disco de estreia e os planos da banda.

Divulgação

Quantum Noctem: criatividade e experimentalismo a serviço do metal

Para começar, quais a origem e o significado do nome Quantum Noctem?

Matheus Maia: E se você pudesse tocar na noite? Se o vazio, oculto e escuro fosse palpável? O termo quantum noctem deriva do latim e é a junção de duas palavras que formam um significado análogo e que pode resultar em várias interpretações – sim, adoramos fazer as pessoas pensarem ao invés de dizer o que devem pensar. Assim, a definição vem da percepção de que a partícula quântica é a menor partícula já registrada. Daí, quantum noctem em uma tradução direta significa noite. Então, quantum noctem seria a menor partícula que se consegue tocar da noite.

Não sei se vocês concordam com essa percepção, mas Quantum Noctem parece ter o instrumental totalmente voltado ao metal, enquanto as linhas vocais transitam por áreas mais livres, digamos assim. Seria isso mesmo?

Matheus: Nosso som sempre teve a ideia de ser experimental em vários aspectos. Por se tratar de um primeiro álbum, não queríamos ter que descobrir e definir qual seria o som da banda antes e então pensamos em descobri-lo durante o processo de gravação e materialização. Seguindo nessa linha, seria injusto ter que delimitar o que seria permitido às linhas de vocal. Foi então que a melhor forma de poder nos classificar como uma banda de metal experimental foi fazer jus ao termo e experimentar o máximo de técnicas e nuances que as músicas permitissem.

Outro detalhe que chama a atenção é que em muitos momentos vocês mostram uma considerável influência do prog, mas praticamente não usam teclados. O que os levou a usar as cordas como único fio condutor da música do Quantum Noctem?

Matheus: Olha, de verdade, não foi proposital (risos). O uso de linhas que remetem ao prog pela presença de riffs mais incisivos e dobras mais acentuadas entre baixo, guitarra e bateria se deu pelo fato de termos admiração em comum pela definição do som. Então tudo "coladinho" pode soar definido e pesado, rápido e preciso ao mesmo tempo, e isso faz com que a experiência da audição se torne diferente ao conseguir perceber e entender cada uma das frases e arranjos. Se já posso dar um spoiler, para o próximo trabalho pretendemos trilhar um pouco mais nos caminhos experimentais e é bem provável que haja a inclusão de teclados, elementos de orquestra, outras técnicas vocais e até mesmo participações especiais.

A faixa *Bleed Like a Hero* chama a atenção por ser praticamente um thrash, com vocais guturais. Seria mais uma prova da versatilidade da banda e, em especial, do vocalista Victor Vitorio?

Matheus: A ideia e a gravação dessa música ocorreram em circunstâncias complicadas, já que nossa forma de compor e gravar é atípica, por assim dizer. Por incrível que pareça, quando finalizamos as guitarras, vimos que a ideia tinha ficado ótima e seria, de certo modo, um prato cheio para testar e exercer a liberdade que pensamos em dar ao Victor. O cara, além de escrever todas as letras, ainda tirou diversas cartas técnicas da manga e simplesmente surpreendeu com essa linha melódica incrível contrastando com riffs pesados. Para nós, isso mostra mais que a versatilidade da banda, mostra a versatilidade de um vocalista incrível.

Já *Close Your Eyes* é um metal com muitos toques de modernidade. O dito metal moderno faz parte das influências de vocês?

Matheus: Com toda certeza uma das coisas que queríamos era modernidade no nosso som. A ideia de fazer algo bem mais limpo e definido surgiu justamente por influência dessa modernidade, inclusive trazendo mais o baixo e a bateria como destaque central junto com as guitarras. Não fomos diretamente às fontes do metal moderno, mas indiretamente tentamos absorver o máximo de elementos possíveis pra deixar o nosso som com a característica desejada.

Também chama a atenção a produção, assinada por você e que ficou bastante cristalina, mas mantendo a 'sujeira' necessária num trabalho como esse. Qual o segredo para atingir esse resultado?

Matheus: Basicamente, ser muito chato (risos). Brincadeiras à parte, o segredo foi visualizar as etapas e resultados do som produzido da forma que eu gostaria de ouvir das bandas que sou fã. Eu sempre gostei (e gosto) de ouvir bem aquele riff, aquele arpejo, boas passagens e transições onde você consegue entender a ligação entre o momento anterior e o posterior daquela parte da música. Assim, todo o trabalho foi feito de forma que o som ficasse bem definido, pesado e preenchido, e a aplicação das dobras e riffs pudesse ser entendida em sua totalidade.

***Utopia* é um disco conceitual. Qual a história que ele traz?**

Matheus: Utopia é um sistema imaginário. No contexto do nosso álbum, Utopia é o mundo dos sonhos onde nosso personagem principal recebe a incumbência de viver e sobreviver sem a interferência divina das Moiras, as irmãs do destino. Nessa história, elas resolveram escolher uma alma que poderia viver da forma que bem entendesse sem a interferência das linhas do tear do destino, e para que não houvesse impactos no mundo real, criaram o reino de Utopia para aplicar seu experimento. Em determinado momento, esse reino fantástico acabou colidindo e se confundindo com o real, fazendo com que nem as Moiras conseguissem distinguir entre o que era sonho, realidade, beleza e caos enquanto tentam de todas as formas corrigir os erros dessa criação.

Vocês chamaram o renomado João Duarte para assinar a arte da capa. Qual o significado dela e como ela se conecta com o título?

Matheus: A capa realmente ficou belíssima e capta exatamente o significado do conceito por trás do álbum. Nela, temos a representação das Moiras, a passagem para o reino de Utopia e o caos gerado pela colisão entre sonho e realidade.

2024 vai ser o ano de cair na estrada?

Matheus: A possibilidade é grande. Assim como todas as bandas, dependemos que haja demanda, ainda que façamos nossa parte. É sim um grande desejo nosso poder levar nosso som ao maior número de ouvintes possível. Independente disso, pretendemos iniciar a pré-produção do próximo álbum para ter tempo hábil para trabalhar todas as ideias e experimentos.

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

LANÇAMENTOS EM CD

Oporto da Música

WIKIMETAL

Álbuns clássicos já disponíveis em novas edições

A Oporto da Música, em parceria com o Wikimetal, tem lançado novas edições de diversos álbuns clássicos. São títulos que não estavam mais disponíveis no Brasil, e mesmo alguns que nunca haviam sido lançados nacionalmente.

Veja abaixo alguns dos títulos já lançados, e acompanhe as redes do Wikimetal para ficar por dentro dos próximos lançamentos - novos álbuns vão ser lançados mensalmente!

Já disponíveis nas principais lojas, e online na Wikimetal Store!

www.wikimetalstore.com.br

(vendas por atacado via aportodamusica.com.br)

Clube de Revistas

DISTANT SHORES

CONFLITOS INTERNOS COM ROUPAGEM METALCORE

Com influências pesadas que giram do metalcore ao hardcore, o Distant Shores já conta com três singles lançados nas plataformas: *Odymandias*, *Without You* e *Welcome (Instrumental Version)*. A ideia principal? Colocar para fora conflitos internos e transparecer a própria percepção da realidade para o público – tudo com muitos riffs agressivos, breakdowns e vocal visceral, com roupagem moderna. Dessa forma, Michael Malphas, Ariel Alves, Raul Guidini, João Pedro e Tom Lírio prometem arrancar elogios dos que curtem essa faceta do metal que busca se afastar das referências dos anos 80 e propor algo mais alinhado com as novas tendências internacionais.

Riffs pesados, breakdowns e busca por som moderno são marcas da Distant Shore e seu metalcore agressivo

Fotos: Divulgação

Quais argumentos você utilizaria para convencer alguém a se tornar fã do Distant Shores?

Raul Guidini: Acredito que o principal argumento que temos é a veracidade com que escrevemos. Todas as letras, tanto dos singles que já foram trabalhados quanto dos que ainda serão gravados e publicados, falam sobre nossas experiências pessoais (emocionais/psicológicas). Sei que muita gente se identifica, principalmente dentro do gênero em que a gente se encaixa, o metalcore, com letras que falam sobre conflitos internos e percepção da realidade de um ponto de vista mais pessoal.

A banda lançou recentemente o single *Ozymandias*, que é bem pesado e brutal. Quais foram as inspirações para o tema?

Raul: *Ozymandias* é nossa música mais próxima do deathcore e thall até o momento, e grande parte disso também vem do nosso vocalista Michael Malphas, que tem forte influência de vocalistas como Will Ramos (Lorna Shore) e Phil Bozeman (Whitechapel).

Michael Malphas: Nosso processo de composição sempre começa com alguma levada de bateria ou um riff de guitarra. Desde o começo dessa música, queríamos fazer algo curto com foco em um breakdown pesado e carregado de efeitos. Foi nisso que focamos: criar uma música que tensiona até que se resolve com um breakdown. Já o tema foi inevitável, na verdade. O soneto que deu origem à nossa ideia conhecido de longa data, nosso guitarrista (Raul Guidini) tem o nome *Ozymandias* tatuado no braço por gostar da temática e das referências, que além do soneto de Shelley, permeiam a cultura pop, na série 'Breaking Bad' e nos quadrinhos 'Watchmen'.

Como surgiu a ideia de lançar o playthrough de guitarra para *Ozymandias*?

Raul: Os playthroughs são uma forma de desdobramento bem comum, viável e funcional de qualquer lançamento musical atual! Principalmente no metal, que tem partes interessantes e tudo mais e rola uma cultura de assistir esse tipo de material. Nós também temos gravado e editado o playthrough de *Without You*.

Michael: Com o playthrough a gente consegue colocar o som pra rolar de formas diferentes e fazer as pessoas fixarem melhor tanto o som quanto nossa imagem.

Vocês se descrevem como uma mistura de djent com metalcore. São dois estilos bem modernos do metal. A ideia sempre foi fazer um som com o que há de mais novo em termos de sonoridade?

Raul: Sim! Desde o primeiro momento, nossa proposta é ser o mais moderno e usar de todos os artifícios possíveis pra entregar um resultado que o pessoal gosta de chamar de 'nível gringo', mas a gente chama de resultado competitivo, mesmo.

Michael: Nós somos da geração do metalcore e é majoritariamente o que todo mundo da banda ouve. Temos influências também de bandas de hardcore/post-hardcore, mas principalmente nossa ideia é descolar do geral dos grupos que buscam ser 'a nova banda X' e reproduzir fórmulas validadas nos anos 80, como é muito comum de se ver por aí.

A banda é bem ativa no Instagram. Como vocês percebem a importância dessa plataforma para estar em contato com os fãs?

Raul: Bandas e artistas hoje em dia dependem de identificação pessoal com o público. No meio de tanta banda que surge todos os dias, usar nossas redes sociais é a forma mais direta e verdadeira que conseguimos de nos comunicar com quem pode gostar e se identificar com a gente. O que nós buscamos nas nossas redes é realmente criar uma comunidade unida pelo som que fazemos – não estritamente por nós – e que seja acolhedora pra todo mundo, sem exceção.

A banda já lançou também nas plataformas as músicas *Without You* e *Welcome (Instrumental Version)*. Poderia falar um pouco sobre como foram a composição e a gravação delas?

Michael: Em todas as nossas músicas, as cordas são gravadas na casa de Raul Guidini. Vozes no Salinha Music Studio, do qual nosso baterista Ariel Alves é sócio, e são mixadas pelo Jonathas Peschiera, da AXTY e produtor na NoiseForge Productions. *Welcome* é uma faixa instrumental que usamos como introdução, mas hoje ela faz parte de uma música completa, que ainda vai ser lançada, *Borderline*. É um tem inspirado por elementos de post-hardcore, além do metalcore, que faz parte da nossa identidade.

Raul: Enquanto isso, *Without You* foi a segunda música a ser escrita quando o projeto nasceu – nossa primeira música ainda não foi lançada, mas se chama *So Cold*. Nós optamos por lançar *Without You* como single de estreia pelo refrão cativante e por ter uma identidade nossa muito forte nela.

Uma das características dominantes nas músicas da Distant Shores são as guitarras muito pesadas. Quais guitarristas são referência para vocês?

Raul: Muito obrigado pelo elogio! Nós temos como influências caras como Jean Patton (Project46), Ryan Siew (Polaris), Isaac Hale (Knocked Loose), Joe Duplantier (Gojira), Buster Odeholm (Vildjarta e Humanity's Last Breath) e Ed Garcia (Vitalism).

Michael: São todos conhecidos por terem a mão direita firme e compositores de riffs e solos que dependem bastante disso pra soarem bem. Sendo criados na base de ouvir esses caras, acho que não teria como ser muito diferente na hora de criar o que criamos.

Quais os objetivos para 2024?

Raul: Acho que nossos dois principais objetivos pra esse ano são, além de continuar lançando uma música a cada bimestre, tocar mais ao vivo e produzir mais material audiovisual. Sentimos falta de 'furar a bolha' local e tocar em lugares diferentes e conhecer pessoas diferentes. Vocês também podem esperar a inauguração da nossa loja virtual, na qual vamos vender todo tipo de merch! Fiquem de olho nos nossos lançamentos, em breve nosso próximo single, *Borderline*, vai ser lançado e contamos com o seu apoio ouvindo, seguindo, e participando das nossas redes sociais e shows!

Gustavo Maiato

Clube de Revistas

DEATHSPIT
FAZENDO O FÃ PENSAR

Victor Espeschit (vocal e guitarra), Mauricio Nazareth (baixo) e Victor Rossi (bateria) se uniram recentemente, no final de 2020 para ser mais exato, e, influenciados pelo thrash e pelo death desde os anos 80 até os dias de hoje, também passaram a criar letras baseadas em filósofos do porte de Nietzsche, Freud e Kant. O intuito é fazer aflorar o que eles chamam de "visão crítica" das pessoas. Falamos com Mauricio e os dois Victors para saber mais sobre este e outros assuntos.

Victor Rossi, Victor Espeschit e Mauricio Nazareth querem despertar a visão crítica dos fãs

Quem inspira vocês, tanto em termos musicais como na hora de escrever as letras?

Maurício Nazareth: Fundamentalmente, nossa sonoridade é inspirada nas bandas thrash e death metal dos anos de 80 e 90. Nomes como Slayer, Sepultura, Sarcófago, Megadeth, Kreator, Sodom, Death, Possessed, Dorsal, Overdose (mais na fase thrash). Mas tentamos beber um pouco do som mais moderno como Lamb Of God e Arch Enemy, pra tentar extrair o melhor de cada um e criar nossa identidade. Em relação às letras, definitivamente, parte da inspiração vem das mesmas bandas e boa parte, de filósofos e pensadores como Nietzsche e Kant, e também sobre história do mundo.

No material de divulgação, vocês dizem que a banda foi criada 'com o intuito de tocar músicas para despertar a visão crítica do fã de metal'. De que forma isso aconteceria? E acreditam que estão conseguindo atingir esse objetivo?

Maurício: O fã de metal naturalmente é mais crítico quando se trata de letras. Então, nosso intuito é reforçar esse pensamento mesmo, com temas como desigualdade (*Inequality*), conflitos devido à religião (*Warfare Noises*), falsos líderes, algo tão comum nos dias atuais (*No God*) e guerras em geral e a parte moral delas (*Nuclear Fear*). Achamos que estamos atingindo esse objetivo, pelo menos de fomentar mais pensamentos críticos, pela galera que escuta nosso som e vem trocar ideia sobre as letras.

Vocês são uma banda de thrash, mas tem muito de metal mais moderno no som da banda, confere?

Victor Espeschit: Nós ainda não nos definimos se somos thrash ou death, ou uma mistura dos dois, mas achamos que está mais pra thrash, mesmo (risos). Quando as influências são de épocas diferentes, isso acaba sendo retratado na música de forma mais atual, a não ser que seja deliberado você fazer um som mais old school. Mas, como falamos antes, procuramos dar uma atualizada em partes do nosso som para abranger um público maior e soar mais atual. Acho importante acompanhar a evolução da música sem perder ou esquecer as raízes.

Ao contrário de muitas bandas que, em função do comportamento atual do mercado, optam por lançar EPs ou até singles, vocês lançaram um disco completo. Por que fizeram essa opção?

Maurício: Foi meio assim: a ideia era fazer um EP com cinco ou seis músicas, apesar de as nove do álbum estarem prontas e ensaiadas. Durante o processo de gravação, a gente foi mostrando para o produtor, ele gostou e saiu o álbum.

O single *Warfare Noises*, saiu no início de 2022 e fala sobre as guerras e conflitos entre israelenses e palestinos. A música acabou ficando terrivelmente atual, não? Como avaliam o que acontece por lá?

Maurício: É daquelas coincidências difíceis de explicar. A gente tinha a ideia de falar sobre conflitos iniciados por religião, e os conflitos entre Israel e o mundo árabe estão sempre retornando, desde a criação de Israel e a não criação do estado Palestino, e por outros motivos muito mais econômicos, como o petróleo. Então, era fatídico que se abordássemos o tema, ele poderia se tornar atual. Infelizmente. Outro fato interessante é que escrevemos a música *Dawn of Violence* antes da pandemia (foi uma das primeiras músicas em que trabalhamos) e ela cita um vírus que vem do leste e destrói a todos.

Chama a atenção a excelente produção do disco. Quem foi o responsável? O som de guitarra tem um grande destaque. Foi orientação de vocês ou foi a 'mão' do produtor que deixou-o assim?

Espeschit: O mérito total dessa qualidade de som excepcional é do nosso produtor André Mendonça. Ele foi tudo: produtor, gravador, engenheiro de áudio, o cara dos timbres da guitarra e tudo mais! Eu tenho a mente totalmente aberta para ouvir o produtor nessa questão de timbres, e a opinião dele foi muito importante, demos muita liberdade para ele nesse aspecto. Ele foi sensacional e entendeu exatamente o que a gente precisava!

O disco está nas plataformas digitais, mas ele também saiu em formato físico, certo?

Victor Rossi: Já temos a versão física, foi lançado tudo junto com apoio da Eternal Hate e da MS Metal. Tem um trabalho de arte muito bacana, com as letras das músicas e artes digitais, que foram feitas pelo Victor Espescht. A tiragem dele foi limitada, então se alguém quiser adquirir, entre em contato com a gente ou vá aos shows que tem lá!

Qual tem sido a repercussão de *Chaos of Doom* até aqui?

Espeschit: Até hoje tivemos uma aceitação muito boa do público em geral, quem escuta o álbum sempre se impressiona com o som, a qualidade da gravação, os riffs das músicas e a pegada no vocal, que, apesar de ser sujo, tem uma melodia bem marcante. Os reviews em geral falam muito bem também do nosso trabalho, inclusive aqui na ROADIE CREW, e isso tem impulsionado muito a gente a continuar criando nosso trabalho.

Imagino que, com disco novo na mão, o passo seguinte seja mostrar isso no palco. Está fácil conseguir se apresentar?

Espeschit: Estamos preocupados em fazer com que consigamos tocar todas as nossas músicas bem ao vivo e ter aquele impacto legal em cima do palco. Não fizemos ainda nenhuma música que seja 'descártavel' em um show, pois nosso maior objetivo hoje, além de ter um trabalho de qualidade, é poder se apresentar mais. Estamos tentando conciliar nossas vidas fora do palco com o palco. Viver de metal, principalmente no Brasil, não é fácil, mas temos feitos menos apresentações que gostaríamos e mais que nossas vidas nos permitem.

Tocar no exterior está entre os objetivos da banda?

Maurício: Sempre. Tocar no Brasil, na América do Sul, na Europa, tudo, mas primeiro é preciso se consolidar como um nome importante da cena metal nacional.

Quais os demais planos do Deathspit para 2024?

Espeschit: Estamos produzindo o segundo álbum para lançar esse ano ainda, produzir o clipe de *Warfare Noises* e estamos procurando oportunidades para tocar ao vivo o máximo que pudermos!

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

ENTREVISTA
GLENN HUGHES
A saideira púrpura

Roberto Sant'Anna

O vocalista e baixista Glenn Hughes realizou uma turnê de sucesso no último mês de novembro tocando em diversas cidades brasileiras - a resenha do show de São Paulo consta na seção Live Evil do site da Roadie Crew. Antes dos shows, porém, o repórter Daniel Dutra bateu um papo com o chamado The Voice of Rock, que falou sobre a atual turnê (Glenn Hughes Performs Classic Deep Purple Live – Celebrating the 50th Anniversary of the Album Burn), seus anos no Deep Purple, além de The Dead Daisies, Ronnie James Dio e muito mais. "(...) Não havia nenhuma pressão sobre mim ou sobre o David (Coverdale), estávamos naquela sala rindo, curtindo o fato de que havia uma amizade verdadeira. Aquelas músicas surgiram de muito trabalho, sem dúvida, mas também de muita diversão. Não à toa se tornaram clássicos atemporais, porque foi muito divertido fazer o *Burn*", declarou.

ENTREVISTA
CIRITH UNGOL
A despedida

Peter Beste

Após nove anos de seu retorno, os americanos do Cirith Ungol anunciaram que vão se aposentar dos palcos em 2024. Antes disso, porém, lançaram seu sexto trabalho de estúdio, *Dark Parade*, através da Metal Blade Records. Ao longo de seus anos de atividade, a banda veio ganhado certo status cult, sendo considerada uma das referências do doom e do epic metal. Falamos com o baterista e fundador Robert Garven sobre o novo álbum e a história por trás da banda e algumas curiosidades. "Queremos sair em grande estilo em vez de virarmos uma paródia de nós mesmos", disse Garven.

MEMÓRIA
RC #236

"(...) Vivemos num planeta legal, com muita gente legal, então devemos valorizar isso, e não destruir tudo que temos", Mat Sinner, baixista do Primal Fear, falando sobre o álbum *Apocalypse* (2018).

YOUTUBE
RANKING CREW
Black Sabbath

Fotos: Divulgação

No 44º episódio os apresentadores Antonio Carlos Monteiro e Ricardo Batalha recebem Vitão Bonesso, que ranqueiam a discografia do Black Sabbath, incluindo *The Devil You Know* (Heaven & Hell). Quais foram as escolhas?

ASSINATURAS
E números atrasados

Para números atrasados ou fazer a assinatura para receber a ROADIE CREW em casa, acesse: www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo whatsapp: (11) 96380-2917.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Diretor/Editor)
In Flames - *Foregone*
Torture Squad - *Devillish*
Tuatha De Danann - *The Nameless Cry*

Daniel Dutra (Redator)
Tuatha De Danann - *The Nameless Cry*
Lucifer - *Lucifer V*
Electric Mob - *Discharge*

Iossenir Nunes Silva (Leitor)
Sub Rosa - *11:11*
Hugo Mariutti - *The Last Dance*
The Deafiants - *Drive*

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Bombay Black - *¡En Fuego!*
Dead Or A Lie - *Ambivalence*
Stardust - *Kingdom of Illusion*

Mario Regatieri Filho (Leitror)
Winger - *Pull*
Cavalo Vapor - *Greatest Little Hits*
H.E.A.T - *Address the Nation*

Jose Roberto Siciliano (Leitor)
Marduk - *Panzer Division Marduk*
Emperor - *In the Nightside Eclipse*
Enthroned - *Towards the Skullthrone of Satan*

Clube de Revistas

GLAMSLAM

APRESENTA:

CRAZY LIXX

O MAIOR NOME DO HARD ROCK SUECO PELA PRIMEIRA VEZ
EM CURITIBA E BELO HORIZONTE!

CONVIDADO ESPECIAL:
STEVIE RACHELLE
THE VOICE OF
TUFF

Jokers SEXTA 15.03
CURITIBA

CAVERNA ROCKPUB SÁBADO 16.03
BELO HORIZONTE

INGRESSOS SYMPLA.COM.BR | LET´S ROCK (CURITIBA) | COGUMELO RECORDS (BELO HORIZONTE)

REALIZAÇÃO GLAMSLAM GLAMSLAMPARTYBR

Clube de Revistas

Divulgação

BRUCE DICKINSON

PROJETO TALENTO E CRIATIVIDADE

Ciência, magia e imortalidade em músicas e numa série de história em quadrinhos. Bruce Dickinson detalha como *The Mandrake Project* tomou uma forma grandiosa e ambiciosa

Por Daniel Dutra

Quem espera sempre alcança, e se os fãs tiveram de aguardar 19 anos até Bruce Dickinson lançar um novo disco solo, o vocalista não deixou por menos: *The Mandrake Project*, que chega a lojas (virtuais e físicas) e plataformas de streaming no dia 1º de março, é muito mais do que as suas dez músicas. O álbum deu à luz a ideia de um projeto grandioso de história em quadrinhos sobre os personagens Dr. Necropolis e Professor Lazarus, que se opõem no uso da ciência e da magia para controlar a imortalidade. Como? Através do Projeto Mandrágora, que captura a alma humana na hora da morte, a guarda e a coloca em outro hospedeiro. O desfecho da história só será conhecido no fim de 2026, e até lá você pode ouvir até gastar a excelente obra musical criada e executada por Dickinson, Roy Z (guitarra e baixo, que na turnê ficará a cargo de Tanya O'Callaghan), Maestro Mistheria (teclados) e Dave Moreno (bateria), que vêm ao Brasil para uma série de sete shows entre abril - Curitiba (24), Porto Alegre (25), Brasília (27), Belo Horizonte (28) e Rio de Janeiro (30) - e maio - Ribeirão Preto (2) e São Paulo (4). E quem melhor do que o próprio vocalista para explicar e antecipar detalhes do álbum, dos quadrinhos e da turnê? Ninguém. Com a palavra, Bruce Dickinson.

***The Mandrake Project* acabou se tornando algo muito maior do que o seu primeiro álbum solo em quase 20 anos. Quando ele começou a tomar essa forma monstruosa?**

Bruce Dickinson: Foi um longo processo, que começou em 2014. Eu já tinha algum material, assim como o Roy, e pensava em lançar um novo disco solo, só não imaginava que demoraria tanto (risos). Aliás, o álbum se chamaria "If Eternity Should Fail", nome que tirei de um episódio dos quadrinhos do Dr. Estranho e dei também à música que seria a faixa-título. Ou seja, eu já tinha o pensamento voltado para o universo dos quadrinhos, havia pensado nos personagens como um experimento na canção e falei comigo mesmo: 'Bem, talvez eu coloque minha voz como se fosse um narrador', e foi isso que realmente fiz. Gravei as vozes, e a música era basicamente isso, mas aí Steve (Harris) ouviu e disse: 'Ei! Gosto disso para o Iron Maiden!', e eu respondi: 'Tudo bem, não tem problema'. Eu sabia que a regravaria de qualquer forma, do meu próprio jeito, para o meu disco, num processo inverso ao de *Bring Your Daughter... To the Slaughter* (N.R.: Dickinson compôs e gravou a faixa para a trilha sonora de "A Hora do Pesadelo 5: O Maior Horror de Freddy", em 1989, e o Maiden a regravou em *No Prayer for the Dying*, de 1990). Em seguida, gravamos e lançamos *The Book of Souls* (2015), eu tive o câncer na garganta e fiquei curado, mas aí, na sequência, ficamos absolutamente ocupados por um ano com a turnê do Maiden para o álbum, e aí veio a Covid! Foram três anos pensando 'o que faremos agora?', então, durante esse período de não saber o que fazer, eu me sentei para compor e também fiz algumas reuniões malucas por videoconferência com alguns roteiristas de Hollywood. Um deles é o meu amigo Sacha Gervasi, que fez o documentário sobre o Anvil anos atrás (N.R.: "Anvil! The Story of Anvil", de 2008), e também um amigo dele, Kurt Sutter, que escreveu "Sons of Anarchy"... Aliás, esta série foi a minha inspiração para criar os quatro Eddies do Apocalipse, especialmente o Eddie motoqueiro de *The Writing on the Wall* (N.R.: primeiro single de *Senjutsu*, disco mais recente do Iron Maiden, de 2021). Nós nos ocupamos durante o lockdown criando o videoclipe, e eu estava ao mesmo tempo saltando de ideia em ideia com esses roteiristas, afinal, não havia muito mais o que pudéssemos fazer! (risos) Segui em frente com a história do Dr. Necropolis e do Professor Lazarus, comecei a entender para onde ela estava indo e pensei: 'Talvez sejam quatro quadrinhos. Não, é pouco. Talvez oito? Não, oito é um número estranho. Doze, então!' (risos) Então, teremos uma série de 12 episódios em quadrinhos, que serão divididos em três... Não sei se devo dizer Graphic Novels, porque não tenho certeza de ser o termo certo, mas serão três livros com quatro episódios em quadrinhos cada (N.R.: o projeto reúne 12 edições trimestrais, ao longo de três anos, e que serão reunidas em três HQs anuais. A cada quatro edições, será lançada uma capa em brochura para comportá-las).

THE MANDRAKE PROJECT
BMG - Nac.

E os quadrinhos são algo que, acredito, deixará os fãs entusiasmados além da música, porque o heavy metal tem essa ligação com HQs, desde super-heróis da Marvel e da DC aos chamados quadrinhos para adultos...

Bruce: Exatamente! Para mim, sempre foi meio óbvio que a música que eu vinha fazendo, e não apenas na minha carreira solo, mas também algumas coisas com o Maiden, se conecta com histórias em quadrinhos. Eu sempre quis fazer uma HQ sobre o *Seventh Son of a Seventh Son* (1988), algo que eu sei que ainda pode ser feito, mas é preciso ter a boa vontade de todos de topar fazer e de me deixar fazer (risos). Com *The Madrake Project*, eu tinha a liberdade de criar a história, mas é claro que é preciso ter colaboradores quando se faz um quadrinho. Criei os personagens e a história; Staz (Johnson, da Z2 Comics) fez a arte, que é incrível; Bill (Sienkiewicz) fez a capa; e Tony (Lee) e eu fizemos o roteiro juntos, porque não estou 100% familiarizado com a forma como se roteiriza um quadrinho, e ele entende disso muito bem (N.R.: Lee assinou roteiros para Dr. Who, Jornada nas Estrelas, Homem-Aranha e X-Men, entre outros). Nosso projeto está mais para o estilo de Watchmen do que para histórias de super-heróis, na verdade, e até por isso tem uma história curiosa: quando recebemos a primeira cópia, vinda do cara que fez a coloração, Tony me ligou e disse: 'Nãããoooo! Essas cores parecem história do Homem-Formiga!' (risos), e eu disse que não era mesmo para ser supercolorido. Pelo contrário, tem de ser escuro, porque é o submundo! Fazer um quadrinho é quase como fazer um filme.

Pois é, e acredito que fazer uma animação da história é o próximo e lógico passo, não?

Bruce: (rindo) Eu adoraria, mas... Bem, vamos ver qual será a reação aos primeiros episódios dos quadrinhos. Kurt já falou para mim: 'Cara, papel é barato, mas filmes custam muito caro' (risos), então vamos aguardar que as pessoas leiam e se surpreendam primeiro, algo que eu acredito que deve acontecer em torno do episódio quatro (N.R.: os episódios 2, 3, 4 e 5 já estão agendados para lançamento em 20 de março, 26 de junho, 25 de setembro e 18 de dezembro de 2024, respectivamente; e os episódios 6, 7 e 8, em 19 de março, 25 de junho e 24 de setembro de 2025, respectivamente).

E os quadrinhos ainda são um trabalho em progresso, certo?

Bruce: Ah, sim! O primeiro livro será

Clube de Revistas

Divulgação

"PARA MIM, SEMPRE FOI MEIO ÓBVIO QUE A MÚSICA QUE EU VINHA FAZENDO, E NÃO APENAS NA MINHA CARREIRA SOLO, MAS TAMBÉM ALGUMAS COISAS COM O MAIDEN, SE CONECTA COM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS."

lançado no dia 17 de janeiro, e quem foi na CCXP23 (N.R.: Comic Con Experience, badalado festival de cultura realizado todos os anos, em São Paulo) já sabe de alguma coisa, porque falei sobre metade do primeiro episódio. Na sequência, obviamente lançaremos o episódio dois, cujo roteiro já está pronto, e eu espero que a equipe descanse durante as festas de fim de ano, mas não muito (risos), porque depois do Natal eu vou me encontrar com o Tony para escrever os episódios três e quatro. É uma coisa que não para! Eu sei qual é a história, existe uma trama, mas ela não para de crescer! (risos) Conforme começamos a escrever, eu vou descobrindo mais e mais fatos para inserir, algumas sincronicidades que me fazem pensar que realmente tocamos em algo especial com essa história. Então, isso é o Projeto Mandrágora, porque o disco *The Mandrake Project* tem algumas músicas que estão relacionadas com os quadrinhos, mas não é um trabalho conceitual, não tem narrador. Você pode ouvi-lo separadamente, mas entenderá melhor as coisas que estão no álbum se tiver os quadrinhos. Ao mesmo tempo, coloquei no disco algumas músicas das quais citarei algumas partes nos quadrinhos, só que mais para frente, da mesma forma como citei frases de William Blake.

Quando soube dos personagens Dr. Necropolis e Professor Lazarus, não pude deixar de pensar em Nicky e Dr. X, de *Operation: Mindcrime* (1988), do Queensrÿche, personagens criados ao redor de um enredo. Acredito, porém, que *The Mandrake Project* é um mundo completamente diferente...

Bruce: Eu escrevi da perspectiva do personagem, não da perspectiva científica. Existem elementos como o ocultismo, porque um deles, ainda que seja um cientista brilhante, é obcecado pelo ocultismo, e o outro, também um cientista brilhante, tem uma obsessão diferente. As fraquezas individuais de cada um conspiram contra eles próprios, porque o projeto é muito simples: Dr. Necropolis e Professor Lazarus têm um processo que captura e guarda a alma humana. A partir do momento que você aceita essa trama, você se pergunta: 'E o que acontece depois? Para que usam isso? Com quem?'. Acredito que não estou dando muitos spoilers nem contando a história toda, mas isso é o básico do primeiro episódio. Aí você vê para onde esses personagens vão, para onde suas famílias vão, o estrago que suas ambições causam... Existe até o elemento carma, que surge de coisas que aconteceram nas famílias deles no passado e que voltam para assombrá-los. Então, a história é guiada pelos personagens, não é apenas coisa de super-heróis.

Eu gostaria de acrescentar apenas que, além do interesse pela história, saber que Bill Sienkiewicz será o ilustrador das capas foi a cereja do bolo para mim. Eu adoro o que ele fez com Demolidor e Elektra...

Bruce: E tê-lo a bordo do projeto foi incrível! Absolutamente incrível! Nós tivemos uma longa reunião on-line com ele, e eu expliquei a história, o contexto, a psicologia dos personagens e, também, a filosofia que permeia a coisa toda e que será percebida somente no último episódio, assim como acontece em Watchmen, quando você finalmente entende que Alan Moore tinha uma filosofia acontecendo durante toda a história. Tive de retirar a filosofia do Projeto Mandrágora do segundo episódio, porque falei para o Tony: 'Não, não, não! Não podemos dizer isso no episódio dois! Mais adiante faremos um teaser!', e creio que isso fez diferença quando conversei com o Bill sobre filosofia, porque ele disse na hora: 'Ah! Eu topo participar de todos 12 episódios!'. Bill ainda disse a frase mais incrível que eu poderia ouvir, acrescentando que, se quiséssemos, poderíamos usar na divulgação do projeto.

E qual é a frase? Você pode contar?

Bruce: Claro! Não vou guardar segredo. Bill disse que 'esse é o trabalho mais gigantesco no qual eu já fiz parte, e eu trabalhei com Alan Moore!'. Olha, eu nem sei se mereço tanto! (risos)

Clube de Revistas

Sobre a música, Roy Z é o seu parceiro perfeito na carreira solo. Eu não consigo imaginar um álbum sem ele, mas você conseguiu ter as mesmas pessoas que tocaram em *Tyranny of Souls* (2005), Mistheria e Dave Moreno, o que é bem interessante...

Bruce: E é a formação mais incrível, um baita conjunto de excelentes músicos! Nós tocaremos músicas do novo álbum, obviamente, mas como faz muito tempo desde que estivemos juntos no Brasil pela última vez, também tocaremos material de *Accident of Birth* (1997) e *The Chemical Wedding* (1998), alguma coisa do *Tyranny of Souls*, e como *Tears of the Dragon* não pode faltar, de repente rola mais alguma do *Balls to Picasso* (1994). Talvez por não ser como um show do Maiden, que tem pirotecnia e toda aquela produção, poderemos colocar mais músicas no repertório e assim trocar o setlist durante a turnê. Não quero tocar o mesmo set todas as noites, então será muito animado!

Isso é animador também para os fãs, porque alguns podem decidir, por exemplo, ir do Rio de Janeiro para São Paulo e vice-versa.

Bruce: Sim! Descobri que alguns dos lugares onde vamos tocar não são muito distantes uns dos outros, então quem quiser assistir a mais de um show poderá ouvir músicas diferentes. Estamos todos muito empolgados com essa turnê, e olha que as pessoas até agora só ouviram uma música do disco novo! (N.R.: *Afterglow of Ragnarok*) Se com apenas uma música está todo mundo assim, porque a recepção tem sido extremamente positiva, as pessoas vão surtar quando ouvirem o disco novo inteiro! (risos)

E na turnê você contará com a baixista Tanya O'Callaghan, que é incrível.

Bruce: Sim, ela é! Eu não conhecia a Tanya até fazer a turnê Concerto for Group and Orchestra, com a obra do Jon Lord e as músicas do Deep Purple. Gostei imediatamente dela, mas fiquei perplexo quando a ouvi tocando baixo! Comecei a pensar na situação de não termos baixista para a turnê, porque Roy gravou o baixo no disco, então perguntei a ela se David Coverdale tinha algo programado para 2024. Tanya respondeu 'acho que não', então perguntei se gostaria de se juntar a nós, e foi assim que aconteceu. Fiz a mesma pergunta a todos da banda, claro, e fiquei muito feliz por terem aceitado.

Musicalmente, *The Mandrake Project* é um grande disco, e você escreveu a música mais bonita que as pessoas vão ouvir em 2024, que é *Sonata (Immortal Beloved)*...

Bruce: (interrompe, rindo e empolgado) Atualmente, o mundo está dividido entre pessoas que acham que essa

BRUCE DICKINSON EM VOO SOLO

A história de Bruce Dickinson como artista solo começou exatamente há 35 anos. Carregando tanto os dois discos de estúdio com o Samson e os cinco com o Iron Maiden quanto a consideração de ser, já naquela época, um dos maiores vocalistas – e 'frontmen' – do heavy metal em todos os tempos, ele foi convidado a participar da trilha sonora de "A Hora do Pesadelo 5: O Maior Horror de Freddy". Empolgado com a oportunidade, compôs a faixa *Bring Your Daughter... To the Slaughter* em, segundo o próprio vocalista, apenas três minutos.

Para a gravação, Dickinson então chamou um velho amigo, o guitarrista Janick Gers, mais conhecido por fazer parte da banda solo de Ian Gillan (Deep Purple), e completou a formação com Andy Carr (baixo) e Fabio Del Rio (bateria). Produzida pelo experiente Chris Tsangarides (1956-2018), a canção fez barulho, foi regravada pela Donzela de Ferro e despertou o interesse da EMI, que pediu mais.

Daí surgiu o primeiro álbum, *Tattooed Millionaire* (1990), gravado pela mesma banda e que rendeu uma turnê – nos shows, Del Rio foi substituído por Dickie Fliszar - e o VHS *Dive! Dive! Live!* (1991). A faixa-título, diga-se, é uma crítica direta aos excessos de estrelas do hard rock, ilustrados pelos membros do Mötley Crüe - você sabe que, entre tantas outras coisas, Vince Neil foi o protagonista do acidente de carro que matou Razzle, baterista do Hanoi Rocks; Tommy Lee também teve problemas com a Justiça, mas pelas agressões a algumas de suas namoradas/mulheres; e Nikki Sixx chegou a ser declarado clinicamente morto por causa de uma overdose de heroína.

Sixx, aliás, teria sido o principal alvo da acidez da letra, uma vez que a primeira esposa de Dickinson o traiu com o baixista. Já fora do Iron Maiden, Dickinson começou a trabalhar em seu segundo disco solo com o produtor Keith Olsen e os integrantes do grupo britânico Skin, do qual Fliszar fazia parte – Neville MacDonald e Myke Gray (guitarras) e Andy Robbins (baixo) completavam a formação. O vocalista, no entanto, não gostou do resultado, engavetou tudo o que havia sido feito e começou a trabalhar com aquele que se tornaria o seu parceiro ideal: o guitarrista e produtor Roy Z.

Com integrantes da banda de Z, a Tribe of Gypsies, especialmente o baixista Eddie Casillas e o baterista David Ingraham, o vocalista finalizou *Balls to Picasso* (1994), seu primeiro trabalho depois de ter deixado o Iron Maiden. Produzido por Shay Baby, que à época estava trabalhando com a Tribe of Gypsies, o álbum mostrou certa distância do hard rock mais direto e cru de *Tattooed Millionaire*, trazendo elementos até mesmo mais alternativos.

Ainda assim, uma música se tornou o símbolo da carreira solo de Dickinson: *Tears of the Dragon*, provavelmente a canção mais adorada pelos fãs entre todas – e pode incluir aí qualquer uma do Maiden pós-*No Prayer for the Dying* (1990), exceção feita, claro, a *Fear of the Dark*. Como Roy Z e banda tinham um próprio caminho a seguir, o vocalista recrutou novos músicos para sair em turnê, e eles eram literalmente novatos: Alex Dickson (guitarra), Chris Dale (baixo) e Alessandro Elena (bateria).

É o time que aparece no duplo ao vivo *Alive in Studio A* (1995) e que gravou o que seria o trabalho de estreia da nova banda do vocalista, Skunkworks. Porém, a Sanctuary se recu-

Clube de Revistas

é a melhor música que eu já compus e pessoas que gostaram muito dela, mas que têm outra canção como favorita! (risos). Nunca pensei em tocá-la ao vivo nesta turnê, porque ela tem dez minutos e eu queria juntá-la com a faixa que vem antes (N.R.: *Shadow of the Gods*) e fazer um número de pouco mais de 15 minutos. Na verdade, devo realmente fazer isso, mas não agora, porque preciso tocar *Book of Thel*, *The Alchemist*, *Chemical Wedding*, *Accident of Birth* e coisas assim, afinal, os fãs querem ouvir essas músicas! Claro que *Afterglow of Ragnarok* estará no set, assim como *Rain on the Graves* e *Many Doors to Hell*, mas eu sinceramente espero que esta não seja a única vez que essa banda vai tocar ao redor do mundo, até porque vamos começar a compor novas músicas muito em breve. Vou para Los Angeles em fevereiro, quando basicamente ficaremos compondo, e os ensaios começarão no fim de março.

Que seja na turnê do próximo disco, então, porque seria um pecado nunca tocá-la ao vivo.

Bruce: Eu quero muito tocar *Sonata (Immortal Beloved)* ao vivo, acredite em mim, mas meu desejo é preparar algo visualmente especial para isso. Acredito que as pessoas precisam ouvir *The Mandrake Project* e realmente absorvê-lo para estarem preparadas para esse momento.

Bom, e eu iria destacar outras três músicas, porque *Sonata (Immortal Beloved)* é hors-concours para mim (risos). Começo com *Resurrection Men*, já que seus elementos western/country ficaram ótimos antecipado aquele momento pesado à la Black Sabbath...

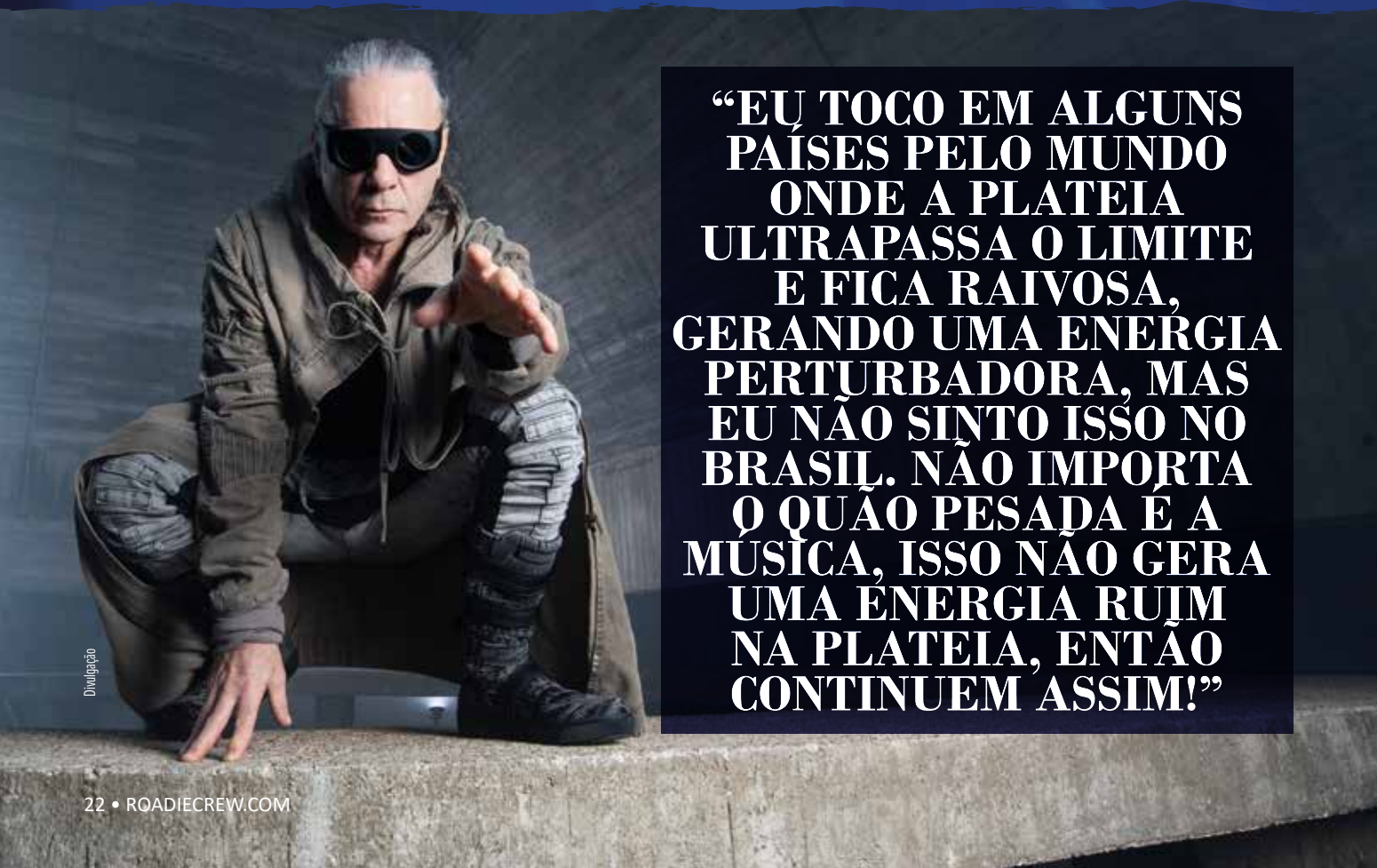
Bruce: Ah, sabe qual é o problema? É que essa parte western que você citou sou eu tocando na guitarra (risos), e eu faço literalmente qualquer coisa para evitar tocar guitarra ao vivo (risos). Só a ideia me deixa aterrorizado, eu fico extremamente nervoso, e é um desastre! (risos) Mas *Resurrection Man* é uma grande música, mesmo. Tem essa introdução meio "filme de cowboy do Quentin Tarantino", e então, do nada, entra o instrumental mais pesado do planeta! Você fica se perguntando de onde veio aquilo, então, mesmo que não toquemos essa música ao vivo, essa parte pesada nós temos de colocar no meio de alguma outra música. Assim mesmo, sem motivo algum, também do nada, apenas para que as pessoas tenham de marcar consultas com quiropraxistas por algumas semanas depois do show (risos).

A segunda música é *Fingers in the Wounds*, porque as melodias orientais deram um molho especial a ela...

Bruce: Eu compus o riff, as estrofes e o refrão nos teclados, depois mandei para o Roy, e ele transferiu para a guitarra. Essa parte oriental que você mencionou, e é legal perceber que você ouviu bem o disco, foi um pensamento meu tipo 'não seria bem louco se colocássemos algo tipo *Kashmir*, do Led Zeppelin, ou *Perfect Strangers*, do Deep Purple? Uma coisa meio orquestra étnica?'. De repente, surgiu aquela percussão, Mistheria incorporou as partes orquestradas, e eu sugeri que colocássemos algo com flange, tipo o que o Martin Birch fazia... Quer dizer, não tão bem quanto ele fazia, porque eram coisas inacreditáveis, e Martin fazia em fita, algo que não dá para emular no Pro Tools (N.R.: lendário produtor inglês, Birch assinou grandes clássicos de Iron Maiden, Deep Purple, Rainbow, Whitesnake, Black Sabbath e outros. Ele faleceu em 2020). Mas conseguimos passar a mensagem, e numa música de três minutos e meio!

Por último, *Shadow of the Gods*, especialmente por causa de sua performance vocal, que mistura emoção e raiva como nunca antes. Há momentos em que eu esperei você começar a cantar gutural (risos).

Bruce: Muito obrigado! O mais interessante é que essa música foi quase que completamente composta em 2014, aí ficou guardada. Quando a desencavamos, sete anos depois, só precisávamos adicionar alguns vocais, as harmonias e alguns detalhes como o coral. Ela tem mesmo uma qualidade emocional bem sutil, e



Divulgação

"EU TOCO EM ALGUNS PAÍSES PELO MUNDO ONDE A PLATEIA ULTRAPASSA O LIMITE E FICA RAIVOSA, GERANDO UMA ENERGIA PERTURBADORA, MAS EU NÃO SINTO ISSO NO BRASIL. NÃO IMPORTA O QUÃO PESADA É A MÚSICA, ISSO NÃO GERA UMA ENERGIA RUIM NA PLATEIA, ENTÃO CONTINUEM ASSIM!"

Clube de Revistas

cheguei a pensar em encerrar o disco com ela, mas já tínhamos uma música para isso. Você sabe qual (risos).

Recentemente, você esteve no Brasil para a Rio Innovation Week e a CCXP23, e isso faz parte dessa relação que você começou a construir com o país e os fãs brasileiros no primeiro Rock in Rio, em 1985. Qual o significado para você?

Bruce: Eu gosto muito do Brasil, gosto da forma como os brasileiros são. Sei que isso às vezes enlouquece as pessoas, porque não é como nos Estados Unidos e na Europa, onde todos chegam na hora. Eu sou meio brasileiro nesse sentido (risos), tipo 'as coisas vão acontecer, não se preocupe! vai dar tudo certo!' (risos). Mas o que eu mais gosto do Brasil é a paixão da plateia de forma geral, mas especialmente da paixão que vocês têm por ouvir a música, não só por pular feito loucos nos shows. As pessoas ouvem e entendem, e isso é fantástico. Eu toco em alguns países pelo mundo onde a plateia ultrapassa o limite e fica raivosa, gerando uma energia perturbadora, mas eu não sinto isso no Brasil. Não importa o quão pesada é a música, isso não gera uma energia ruim na plateia, então continuem assim! Mesmo com todos os problemas que existem no seu país, como pobreza e privações de direitos, as pessoas parecem se dar bem umas com as outras, e todo mundo gosta do Brasil. É um lugar muito interessante, mas quem sou eu para falar qualquer coisa sobre Brasil para você, né? (risos) Eu só estive aí por breves períodos de tempo, gostaria de ter tido experiências mais longevas, porque conheço apenas um pedacinho do país.

Como nosso tempo acabou, tenho uma última e simples pergunta sobre *The Mandrake Project*: se você conseguisse obter o controle da imortalidade, seja pela ciência ou pela magia, o que você faria? Que responsabilidades você acredita que teria?

Bruce: Caramba! Você disse que era uma pergunta simples! (risos) Esse é o tipo de questão que discutimos na história dos quadrinhos, ou seja, sobre quem decide o que fazer com isso. Provavelmente, as pessoas que decidiriam o que fazer com a imortalidade seriam aquelas que têm muito dinheiro e poderiam pagar por isso, uma vez que não seria uma coisa realmente barata. Porém, a pergunta é: qual é o sentido dessa sobrevivência se todo o resto foi destruído? Esses são alguns questionamentos que surgem nos quadrinhos. Agora, eu? Se você fizer alguma magia e me transferir para um corpo que parece comigo, porque sou muito feliz sendo eu mesmo (risos), e eu pudesse viver mais uns 50 anos, ou se eu pudesse fazer com que todos os meus amigos tivessem mais 50 anos de vida... Bom, eu gostaria disso.

BRUCE DICKINSON EM VOO SOLO (continuação)

sou a lançar o disco sem que o nome de Bruce Dickinson estivesse estampado na capa. Isso foi, na verdade, a primeira pedra no caminho de *Skunkworks* (1996), terceiro álbum solo do vocalista, e o maior dos obstáculos acabou sendo a recepção às novas músicas.

A escolha por Jack Endino, famoso por assinar o disco de estreia do Nirvana, *Bleach* (1989), para a produção foi o primeiro indício de que Dickinson seguiria uma tendência ditada pelo movimento grunge, assim como fizeram muitos outros artistas de heavy metal em meados dos anos 1990. Musicalmente, o resultado foi de acordo: ainda que pesado, um álbum mais voltado para o som alternativo.

Desagradou em cheio aos fãs, e o fracasso comercial deixou Dickinson frustrado. Para ele, era o sinal de que não poderia mostrar liberdade artística. Ironicamente, foi na turnê de *Skunkworks*, que passou pelo Brasil, que o vocalista incluiu pela primeira vez uma música do Iron Maiden no setlist: *The Prisoner*. Em 1997, o EP *Skunkworks Live* e o VHS *Skunkworks Live Video* foram lançados somente no Japão.

A virada aconteceu quando Roy Z procurou Dickinson para dizer que tinha material para um disco de heavy metal, e daí se fez a mágica. Z assumiu a produção, e Casillas e Ingraham estavam a bordo para formar a cozinha, mas um personagem foi fundamental para deixar os fãs ouriçados: Adrian Smith, que deixara o Maiden três anos antes do vocalista. Para completar, a capa do novo álbum ficou a cargo de ninguém menos que Derek Riggs, criador do Eddie e autor das mais antológicas capas da Donzela.

A soma de todos esses fatores se chama *Accident of Birth* (1997), uma das melhoras obras de toda a carreira fonográfica de Bruce Dickinson – em tempo: na arte de Riggs, o fantoche de bobo da corte foi batizado de Edison, numa brincadeira com o mascote do Maiden ("Eddie's Son", ou seja, "filho do Eddie"), e a capa teve quatro variações, duas delas basicamente por causa de censura.

Com Smith na banda, era inevitável ter clássicos do Iron Maiden no repertório da turnê, que também passou pelo Brasil, e *2 Minutes to Midnight*, *Powerslave* e *Run to the Hills* foram as escolhidas. O óbvio sucesso da nova fase em sua carreira solo, especialmente pela volta da parceria com Smith, teve continuidade em *The Chemical Wedding* (1998), um álbum tão sensacional quanto – e para muitos até melhor que – *Accident of Birth*. A única diferença foi a ausência de Riggs, uma vez que a capa mostra a arte "O Fantasma de uma Pulga", do pintor e poeta inglês William Blake (1757-1827), cuja obra, principalmente suas profecias, foi a inspiração de Dickinson para o disco.

A turnê, mais uma vez bem-sucedida, continuou contando com três músicas da Donzela – *Flight of Icarus* entrou no lugar de *Run to the Hills* – e não apenas veio ao Brasil como foi registrada em *Scream for Me Brazil* (1999), gravado no Via Funchal, em São Paulo, no dia 25 de abril do mesmo ano. A ascensão de Bruce Dickinson como artista solo e o declínio do Iron Maiden com Blaze Bayley acabaram resultando na volta do vocalista e de Smith à Donzela, ainda em 1999, mas Dickinson nunca deixou realmente de lado sua própria carreira.

A coletânea *The Best of Bruce Dickinson* (2001), com duas novas canções, raridades e lados B, teve até mesmo a turnê Air Raid Over Europe, com seis datas no Velho Continente e uma banda formada por Alex Dickson e Pete Friesen (guitarras), Chris Dale (baixo) e Robin Guy (bateria). Em 2005, Dickinson e Roy Z mantiveram a parceria em *Tyranny of Souls*, o sexto álbum de estúdio, e em 2018 saiu *Scream for Me Sarajevo: A Story of Hope in a Time of War*, registro em áudio e vídeo de um show na capital da Bósnia e Herzegovina em 1994, durante a Guerra da Bósnia. Entre pousos e decolagens, o vocalista segue voando solo. E alto.

Daniel Dutra

Clube de Revistas

PLAYLIST

Da Redação • Fotos: Jenny Risher

► **I'm Alice:** "*I'm Alice* é uma música que Ryan Roxy (guitarrista da banda) trouxe. Nós adoramos, é um tema incrível para abrir o disco, ela é grandiosa, meio maluca e muito legal. Só poderia ser a faixa de abertura!"

► **Welcome to Show:** "Esse tema é aquele em que a gente fala para a plateia: 'Cá estamos nós! Estamos prontos e cheios de energia. Então, aí vamos nós!'"

► **All Over the World:** "Essa é tipo um diário de viagem sobre todos os lugares pelos quais a gente já passou. E ela fala até daqueles lugares mais obscuros a que ninguém nunca vai. Claro, tem muito exagero ali, mas a ideia básica é essa: falar sobre ir a todos os lugares."

► **Dead Don't Dance:** "Essa música começou com um belo riff de guitarra. E a letra é bem divertida, eu adorei escrevê-la. E é claro que nós não somos uma banda que faz você dançar!"

► **Go Away:** "*Go Away* é sobre aquele cara ou garota que não desiste! Estão lá o tempo todo, você vira a esquina e dá de cara com ele (ou ela). É legal que eles sejam nossos fãs, mas eles não vão conseguir o que querem. E é isso que acaba deixando a situação engraçada, porque no fim acaba sendo aquela pessoa a quem você simplesmente pede: 'Você poderia ir embora?'"

► **White Line Frankenstein:** "Esse é o monstro que nós criamos. É sobre um motorista de caminhão ou de ônibus. Ele se torna um rato da estrada, está o tempo todo atrás do volante. É o rei da estrada! Ele não vive numa casa como todo mundo, ele vive naquele caminhão. E as linhas brancas são as marcações da estrada que ficam passando diante dele o tempo todo, não tem a ver com linhas brancas entrando no seu nariz..."

ROAD ESPECIAL ROAD

ALICE COOPER

► **NOME COMPLETO:**
Vincent Damon Furnier

► **NASCIMENTO:**
4 de fevereiro de 1948, em Detroit (Michigan, EUA)

► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Alice Cooper Group, Solo e Hollywood Vampires

Clube de Revistas

► **Big Boots:** "Essa é a música mais engraçada do disco! A banda para num restaurante para mastigar alguma coisa e surge aquela garota. Ela é realmente muito bonita. E dá pra perceber que é do sul, o sotaque entrega. Seu nome é Fancy e os caras começam a falar: 'Uau, ela tem 'big boots'!' (N.T.: Alice coloca as mãos na frente do peito para explicar o que seriam 'big boots') Sacou? Essa é a minha música favorita do álbum, acho que ela tem uma pegada que lembra *Cold Ethyl* (N.T.: música de *Welcome to My Nightmare*, álbum de 1975) ou algo assim."

► **Rules of the Road:** "Esse título tem a ver com algo que Shep sempre diz (N.T.: Alice se refere a Shep Gordon, empresário de Alice desde os anos 60). Ele costuma falar para os outros empresários que existem três coisas que eles devem sempre ter em mente: 1) pegue o dinheiro; 2) não esqueça de pegar o dinheiro; 3) jamais esqueça de pegar o dinheiro! Então, a gente escreveu esse tema falando sobre um garoto que quer se tornar um rockstar e tem que agarrar todas as oportunidades que surgirem. Se alguém te oferecer a chave, pegue pra você. E no final, é claro, se você seguir todas essas regras, você acaba morto... (risos)"

► **The Big Goodbye:** "Essa fala daquilo que toda garota more de medo. Porque ela quer um relacionamento que dure pra sempre! Nos anos 70, chegar nas garotas era como cortar manteiga com faca quente. E no fim você tinha que dizer: 'Você sabia quem eu era... Por que isso te choca?' Então é isso, aquele grande adeus... Veja, não estou dizendo que é certo ou que é errado. Estou só falando de algo que aconteceu no passado..."

► **Road Rats Forever:** "*Road Rats Foirever* é um remake da música *Road Rats*, de *Lace and Whiskey* (N.T.: disco de Alice Cooper lançado em 1977). Ela era perfeita para este disco! Ela é nossa homenagem para os roadies, que são aqueles caras sem os quais o show simplesmente não acontece."

► **Baby Please Don't Go:** "Essa é de partir o coração... Fala daquela situação pela qual todo mundo que tem uma vida como a nossa já passou. Você está naquele último minuto antes de sair de casa e ficar fora por três meses em turnê. E a pior coisa que ela pode te dizer é: 'Por favor, não vá!' Você sabe que precisa ir, ela sabe que você precisa ir, mas mesmo assim... É o tipo da situação sobre a qual você não gosta nem de pensar a respeito."

► **100 More Miles:** "Nessa canção a gente fala daquele sujeito que acabou de ir até o inferno. Ele está em turnê há oito meses e finalmente está quase chegando em casa. Ele pode ser o motorista do caminhão ou o motorista do tour bus. E essas últimas cem milhas acabam sendo como mil milhas. Parece que você está correndo na areia, a sensação é que não vai chegar em casa nunca! Foi Chuck Garrick (baixista da banda de Alice) que trouxe essa música."

► **Magic Bus:** "Não poderíamos pensar num cover melhor para gravar nesse disco do que *Magic Bus*. Afinal, a gente vive num ônibus! E The Who deu uma grande contribuição para nossa carreira, eles foram uma grande influência para nós - eles e The Yardbirds. Então falamos: 'Bem, vamos fazer uma versão para essa música.' Fizemos ao vivo no estúdio, não teve nenhum overdub nela. Acabou que fizemos tudo certo e ela ficou ótima!"

Clube de Revistas

Jimmy Fontaine

Black Stone Cherry

SOB CÉU ABERTO

Novato na banda, mas presente desde sempre na vida do grupo de Kentucky, Steve Jewell Jr. fala sobre sua entrada e adaptação, o novo álbum e influências

Por Daniel Dutra

Sinta-se em casa, mesmo. É basicamente isso que fez o Black Stone Cherry com o baixista Steve Jewell Jr., substituto de John Lawhon na primeira e única mudança na formação depois de 20 anos da criação do quarteto de Kentucky. Na banda desde 2020, ele atende à imprensa tanto quanto os fundadores Chris Robertson (vocal e guitarra), Ben Wells (guitarra) e John-Fred Young (bateria), e também por isso o papo sobre o novo álbum, *Screamin' at the Sky*, foi frutífero. Entre surpresas e revelações, teve até Rudy Sarzo como referência em meio a influências diversas dele e da banda - que, diga-se, você terá a oportunidade e o prazer de conferir no Summer Breeze.

Vamos começar com a sua entrada no Black Stone Cherry. Como aconteceu?

Steve Jewell Jr.: Recebendo uma ligação tarde da noite! (risos) Eles estavam procurando um baixista para fazer alguns shows, e as coisas evoluíram para eu continuar, então aqui estou. Estou feliz por fazer parte da banda, e foi simples assim. Na verdade, esse tipo de coisa não é incomum na indústria musical.

Sim, mas para muita gente ainda não ficou claro, porque o que consta é que John Lawhon está num hiato da música e das turnês por tempo indeterminado. Para muitos fãs ele pode voltar a qualquer momento.

Steve: Você tem razão, mas hoje eu posso dizer que sou realmente um integrante definitivo do Black Stone Cherry. Fiz três anos de banda no último dia 16 de dezembro.

É bom esclarecer isso (risos). E você já conhecia Chris, Ben e John-Fred, certo?

STEVE: Quase a vida toda! Eu moro na mesma área em que eles moram, uma cidade no Kentucky entre Glasgow e Edmonton, que é a cidade natal dos caras. Estou vivendo em Glasgow agora, mas morei perto deles a vida toda. Fazíamos compras nas mesmas lojas, frequentávamos os mesmos restaurantes, e é a mesma coisa com o Kentucky Headhunters, grupo do Fred Young, pai do John. Então, eu realmente conheço esses caras a vida toda. A minha banda anterior, Otis, abriu vários shows do Black Stone Cherry.

Isso torna ainda mais interessante o fato de que a sua estreia foi *Live from the Royal Albert Hall... Y'All* (2022), ou seja, num álbum ao vivo gravado no icônico Royal Albert Hall. Começou com o pé direito, né?

Steve: Nossa, é a primeira vez que alguém me faz essa pergunta! Eu nunca tinha pensado nisso, e foi mesmo definitivamente incrível e arrebatador como deveria ser, afinal, muitos ícones da música tocaram lá. Foi uma tremenda experiência, e fico feliz por termos filmado o DVD, porque podemos rever e relembrar aquele momento, sendo que agora eu tenho uma nova e melhor perspectiva (risos).

Dito tudo isso, agora fazendo parte de uma banda como o Black Stone Cherry, qual foi a grande mudança na sua vida de 2021 para cá?

Steve: Com certeza foi tocar um novo instrumento, porque eu nunca havia sido baixista antes de entrar para a banda. Toquei guitarra a vida toda. Dou aulas de música, majoritariamente de guitarra, mas também de bateria e baixo, há dez anos. Porém, tocava baixo sozinho, para me ajudar a compor músicas ou para preparar alguma aula, só que nunca havia tocado baixo em nenhuma outra banda. O Black Stone Cherry é a primeira, e é legal ter a oportunidade de falar sobre isso. Obrigado.

O novo álbum foi composto de forma colaborativa enquanto a banda estava em turnê, mas qual foi o seu envolvimento?

Steve: Por já ter estado com os rapazes várias vezes antes ao longo dos anos, inclusive quando minha ex-banda abria os shows, eu já estava familiarizado com o modo como compõem, porque em muitas daquelas situações eles estavam no meio do processo de um novo disco. O Black Stone Cherry tem a tradição de compor enquanto está na estrada, porque faz muitas turnês... Mesmo agora, comigo no grupo, são muitas turnês, então fica mais fácil compor entre os shows, ficar no fundo do ônibus tocando e juntando ideias. Além de eu já estar familiarizado com o processo, todos foram muito abertos em me deixar participar e contribuir, o que foi ótimo.

E parte das gravações aconteceu no Plaza Theater, o que é curioso por se tratar de uma casa de shows, não de estúdio. Como foi?

Steve: Nós gravamos apenas a bateria lá, e todo o restante rolou na casa do John-Fred, só que o Plaza Theater é um lugar muito especial. Nós quatro tocamos várias vezes lá ao longo dos anos, mesmo antes de eu entrar na banda. É o lugar onde o Black Stone Cherry faz seus lendários "shows em casa", que atraem fãs de outros estados e até de outros países! Não querendo soar muito nerd, mas quando entramos nos aspectos científicos e físicos de fazer e gravar música, é diferente ocupar e captar o som num ambiente compacto, como um estúdio, ou num ambiente maior, como é o Plaza, que tem capacidade para 1.100 pessoas, cujo esquematismo e acústica foram desenvolvidos para o som. Então, o que fizemos adicionou toda uma nova dinâmica e vibração não somente à bateria, e sim ao disco todo, então mal podíamos esperar pelo lançamento para que todos pudessem ouvir!

E há algo que se sobressaiu como nunca antes: o som de baixo, que é proeminente em canções como *Out of Pocket*, *R.O.A.R*, *The Mess You Made* e a faixa-título. Acredito agora que o fato de você ser um guitarrista de origem tem muito a ver com isso...

Steve: Ah, obrigado pelas palavras, mas dou crédito ao fato de estar perto dos caras desde sempre, de estar familiarizado com a música da banda. Como todos viemos da mesma área, bebemos da mesma fonte. Muitas pessoas conhecem a Black Stone Cherry, e sabe a banda do pai do John-Fred, The Kentucky Headhunters, que eu falei antes? Eles já ganharam um Grammy (N.R.: na categoria Best Country Performance, em 1991). Temos muitos grandes músicos e ótima música que são da mesma região e, também, que são uma grande influência para mim e para os outros três caras. É interessante olhar para os períodos distintos da música que existem ao redor do mundo e dos Estados Unidos, como, por exemplo, todas aquelas bandas grunge que vieram de Seattle; a música que surgiu em Nova York; a música que surgiu mais ao sul do país, como em Macon, na Geórgia, com James Brown e Otis Redding, e depois com os Allman Brothers, na Flórida, e Wet Willie, no Alabama; as bandas que vieram da Califórnia; e por aí vai. O aspecto cultural local tem papel importante nisso, pois acaba influenciando você. Em Kentucky, quando só tínhamos o rádio, antes da internet, ouvíamos muita coisa que vinha de Chicago, de Nova York, do Sul, e a fonte da qual bebemos era rica em rock'n'roll, country, blues e funk. Assim como os caras em Seattle nos anos 1990 criaram aquele som específico da cidade, nós também temos o nosso som aqui. Está no nosso sangue, é natural. No meu caso e no da banda, é a mesma coisa. É natural, e eu só quero fazer o meu trabalho da melhor forma possível. Sabe, gosto do que o Jason Newsted disse quando entrou para o Metallica, sobre como ele queria respeitar e honrar o que havia sido feito antes, mas adicionar a assinatura dele, também. Penso da mesma maneira, porque é sobre respeitar o que faz parte da história do Black Stone Cherry, os fãs e o que eles gostam na banda.

SCREAMIN' AT THE SKY
Mascot Records - Imp.

Chris é quem escreve as letras, mas eu gostaria do seu parecer porque, apesar de a abordagem ser obviamente pessoal, os temas estão ligados a dificuldades cotidianas...

Steve: Não tem problema perguntar, porque, sim, somos poetas. Poetas da música! (risos) Essencialmente, todo músico é um poeta. Eu sempre disse que se alguém fica nesse negócio por tempo suficiente, fazendo música e lançando músicas novas em sequência, o lançamento de algo novo é um retrato da sua vida. Se você compõe música aos 18 anos de idade, ela terá a perspectiva de mundo de alguém com 18 anos. Quando você está com quase 40 anos, com família e filhos, hipoteca e contas para pagar, sua perspectiva já é outra, e a sua música também. As letras do novo álbum são uma foto das nossas vidas e, de certa forma, uma carta de amor. Muitas pessoas têm passado por coisas difíceis desde a pandemia, e eu sempre tive um olhar de como nós, músicos, somos árbitros da angústia existencial. Com nossas letras e músicas, nós pintamos quadros que servem de escapismo para as pessoas. Eu mesmo me sinto assim quando ouço canções novas das bandas que amo. Quando uma letra expressa algo que eu estava com dificuldade de dizer, é como se ela falasse por mim. Foi assim com os discos anteriores da Black Stone Cherry, e é a mesma coisa com o novo.

Você citou a pandemia, e músicas como *When the Pain Comes*, *Not Afraid*, *Who Are You* e *Smile, World* parecem mesmo ser especificamente sobre aqueles tempos difíceis, sobre as lições que tiramos deles...

Steve: E o processo de composição foi muito interessante e divertido também por isso. As músicas falam sobre aspectos diferentes da saúde mental e sobre a necessidade de alívio para a angústia existencial, então era preciso que lançássemos algo positivo e animador, que tentássemos ser uma luz no fim túnel com nossas canções para ajudar as pessoas a atravessar, com a sua banda favorita, suas vidas cotidianas. Levar alegria por meio da música para pessoas ao redor do mundo é algo muito legal e honrado de se fazer. Sempre digo que não importa de qual banda você seja fã, e espero que seja fã do Black Stone Cherry, mas vá aos shows, compre os discos, ouça as músicas, tenha esse equilíbrio na vida! Do nosso lado, estamos sempre focados em fazer músicas novas e tocá-las ao vivo, e sei que muitas pessoas esperam por isso, pelo momento de ir a um show ou a um festival e poder se desligar um pouco de suas vidas, então é muito legal poder oferecer isso a elas.

E talvez a pandemia tenha feito algumas pessoas respeitarem mais o papel dos músicos, que foram uma companhia ainda mais essencial.

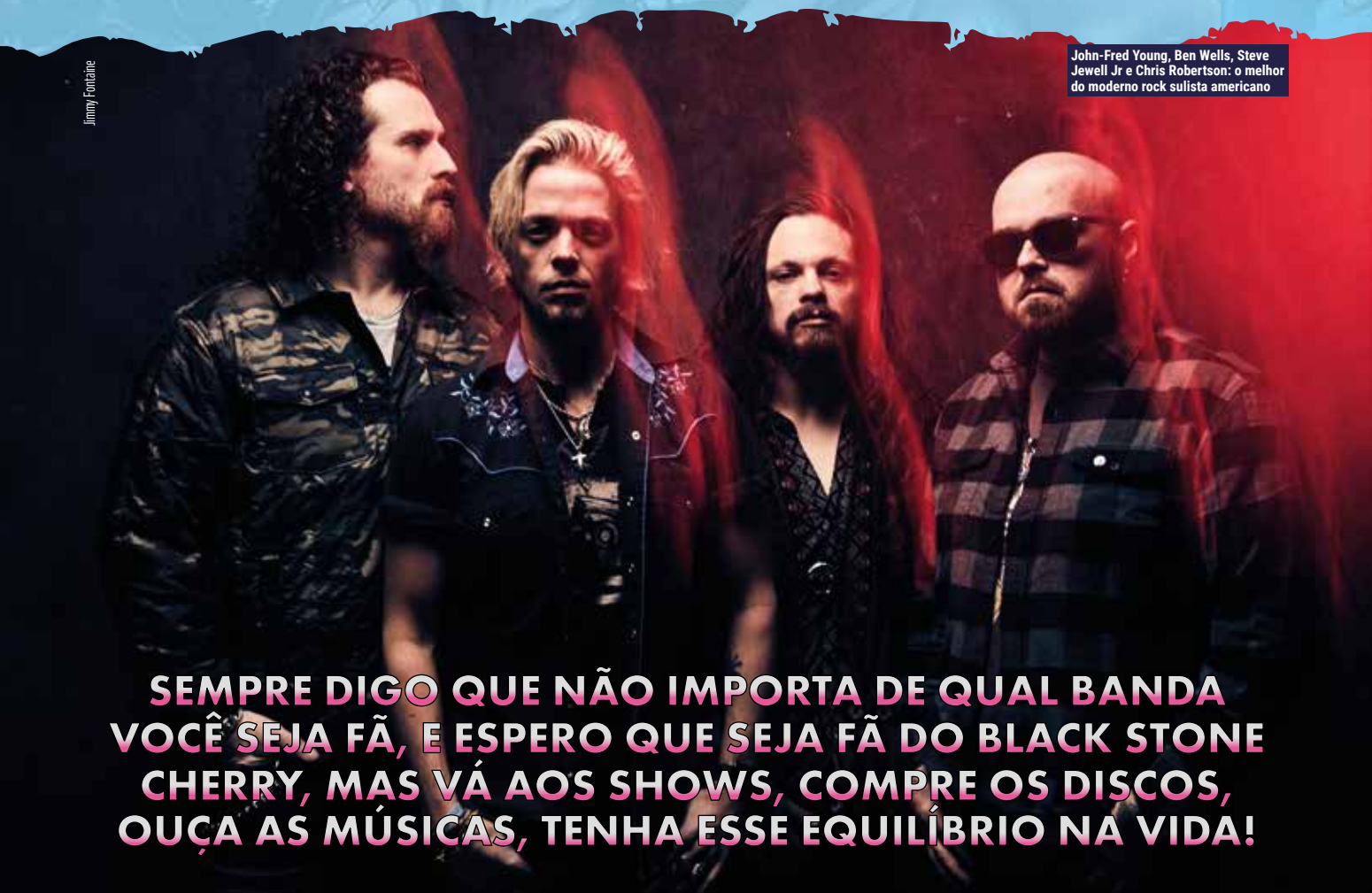
Steve: Espero que sim, porque esse é o lado legal de fazer o que fazemos, ou seja, justamente poder levar algum alívio e alegria às pessoas que gostam de nós, que gostam de música. Eu falo como um fã, também, porque quero comprar o ingresso para o show, a camisa da turnê, o disco, e isso tudo representa algo importante. Sou um grande fã de discos ao vivo, especialmente os gravados no Fillmore nos anos 1960 e 1970, e um dos meus maiores favoritos dessa leva é o do Humble Pie, com Steve Marriott na guitarra. Toda vez que encontro esse disco em alguma loja, eu compro porque me sinto mal de deixar aquele disco lá, sozinho (risos). Conecto-me muito com ele, sério mesmo, e acredito que toda banda e todo músico precisam trabalhar um pouco mais duro atualmente, porque a internet e as redes sociais mudaram bastante as coisas. De uma hora para outra, alguém abre um perfil no TikTok, no Instagram ou no YouTube e se torna popular. Isso também tem um lado positivo, pode ser um bom desafio porque faz você pensar em novas abordagens, em novas formas de fazer as coisas quando for lançar um novo disco ou sair numa nova turnê. Ajuda a manter as coisas frescas e interessantes, então nunca se sabe! Eu já sugeri de termos a bateria voando por cima da plateia (risos), porque temos as vantagens da tecnologia moderna.

Uma curiosidade, Steve. No videoclipe de *Out of Pocket* há uma cena em que você aparece lambendo o baixo, então fico imaginando se você não é fã do Rudy Sarzo...

Steve: (rindo bastante) Cara, você é realmente atento a detalhes (risos). Olha, agora que você falou nisso, parei para pensar e, ironicamente, lembrei que o Otis abriu um show do Quiet Riot no Plaza Theater, alguns anos atrás. O vocalista era o James Durbin, que tinha saído do American Idol, e foi incrível ver a banda ao vivo, mesmo que não fosse com o Rudy à época. E sim, ele é um baita baixista! Há inúmeros baixistas incríveis que são magníficos de se assistir ao vivo, porque que dão um ânimo extra para subir ao palco e fazer o melhor, e Rudy é um deles. Ele é um show à parte.

O Black Stone Cherry tem muitas músicas pesadas, e o novo álbum é o mais pesado até hoje, mas a banda nunca foi realmente uma de heavy metal. Mesmo assim, o público do metal a abraçou desde o início. Como você explicaria isso?

Steve: Nós temos minicamadas, e isso tem um pouco daquilo que falei antes, sobre onde estamos localizados geograficamente, no Kentucky, e o tipo de som ao qual fomos expostos, que vai do rock'n'roll ao gospel, country, metal, hip hop, rap... Essas músicas ou vieram do Kentucky ou nós fomos apresentados a elas enquanto crescíamos, fosse via rádio ou TV ou com os nossos pais ouvindo em casa. Minha mãe, por exemplo, ouvia muita soul music da Motown e new wave dos anos 1980, enquanto meu pai escutava classic rock e country, e ser exposto à música quando criança faz algo a você. Nas minhas aulas, sempre falo sobre o valor de escutar música, mesmo antes de começar a tocar qualquer instrumento, para que se possa treinar e nutrir alguns aspectos. Acredito, também, que tem a ver com muitos elementos, porque podemos tocar blues, country e heavy metal, temos até momentos de reggae nos nossos shows. Aliás, atualmente estamos tocando um cover de Bob Marley (N.R.: *Stir it Up*, de Bob Marley & The Wailers), e isso tudo porque nós ouvimos de tudo desde crianças, o que naturalmente aparece em nossas músicas.



Jimmy Fontaine

John-Fred Young, Ben Wells, Steve Jewell Jr e Chris Robertson: o melhor do moderno rock sulista americano

SEMPRE DIGO QUE NÃO IMPORTA DE QUAL BANDA VOCÊ SEJA FÃ, E ESPERO QUE SEJA FÃ DO BLACK STONE CHERRY, MAS VÁ AOS SHOWS, COMPRE OS DISCOS, OUÇA AS MÚSICAS, TENHA ESSE EQUILÍBRIO NA VIDA!

Clube de Revistas

SOUND CITY RECORDS

EDEL e·a·r MUSIC

MYRATH
KARMA

Provando que o metal não tem fronteiras, em Karma os tunisianos do Myrath fortalecem a fusão entre prog metal e sons do Oriente Médio. Uma enriquecedora viagem sonora e cultural.

H.E.A.T
FREEDOM ROCK

Lançado originalmente em 2010, Freedom Rock ganha agora nova mixagem e faixas bônus. Foi com esse segundo álbum que o H.E.A.T se eternizou no panteão dos grandes nomes do hard rock sueco.

NEW MODEL ARMY
UNBROKEN

Cheio de guitarras, vocais penetrantes e ênfase no baixo e bateria, Unbroken, 16° álbum dos veteranos do post-punk, é o New Model Army soando renovado, porém ainda conectado às suas raízes.

anúncio: www.jduartedesign.com

EM BREVE

DEEP PURPLE
LIVE IN HONG KONG

DEEP PURPLE
LIVE IN TOKYO

EM BREVE

DEEP PURPLE
INFINITE - THE GOLD EDITION

TARJA
DARK CHRISTMAS

Adquira em
www.valhallmusic.com.br

Clube de Revistas

Jaakko Manninen

Jan Rechberger, Esa Holopainen, Olli-Pekka Laine, Tomi Joutsen, Santeri Kallio e Tomi Koivusaari: mais um bom pedaço da Finlândia na música pesada

amorphis

A CRIATIVIDADE COMO SOLUÇÃO

Esa Holopainen explica como o novo álbum ao vivo é um dos resultados criativos, tanto da banda finlandesa quanto pessoal, do período de reclusão na pandemia

Por Daniel Dutra

Você já deve ter lido, e aqui mesmo nas páginas da ROADIE CREW, como a pandemia ou acelerou o processo criativo de várias bandas ou fez com que, de alguma maneira, muitos artistas se reinventassem. É o caso do Amorphis, porque Tomi Joutsen (vocal), Esa Holopainen e Tomi Koivusaari (guitarras), Olli-Pekka Laine (baixo), Santeri Kallio (teclados) e Jan Rechberger (bateria) fizeram tudo ao mesmo tempo agora: lançaram mais um álbum ao vivo, *Live at Helsinki Ice Hall* (2021); compuseram e gravaram um novo disco, *Halo* (2022); e fizeram um show on-line que virou CD/DVD em 2023, *Queen of Time (Live at Tavastia 2021)*. Holopainen ainda lançou seu primeiro trabalho solo, e foi ele mesmo quem contou os detalhes antes de o sexteto finlandês desembarcar mais uma vez no Brasil, agora para o festival Summer Breeze.

Vamos começar com a experiência de se apresentar no Tavastia, fazer um show naquelas circunstâncias...

Esa Holopainen: Na época do coronavírus, todos os outros lugares estavam fechados, e havia um pouco de relaxamento das medidas sanitárias no período em que gravamos o *Queen of Time (Live at Tavastia 2021)*, então tivemos permissão de juntar um bocado de gente num mesmo lugar, como a equipe de gravação e nossa equipe técnica. Foi algo que quisemos fazer naquele momento para dar um pequeno alívio para nós mesmos e, também, para a pequena plateia que estava lá, mas foi um show sob circunstâncias muito estranhas. Estávamos seguros somente porque o Tavestia é um pequeno clube que temos aqui em Helsinque, um lugar onde muitas bandas sempre quiseram tocar no início de suas carreiras. A ideia de lançar o disco ao vivo veio do sucesso dessa apresentação, porque não era nosso plano inicial fazer isso. Queríamos sentir como seria o show, ver como seria tocar durante a pandemia e talvez lançar algo, mas ninguém pensou em lançar o show inteiro em DVD ou CD. A decisão veio praticamente da nossa gravadora, a Atomic Fire, que gostou muito do áudio captado no show. Eles sugeriram, e nós pensamos: 'Sim, por que não? Discos ao vivo nunca são demais' (risos).

E como foi organizar tudo, especialmente chegar à ideia de tocar o *Queen of Time* (2018) na íntegra?

Esa: Ah, isso foi algo que nós havíamos decidido muito antes do início do processo de gravação. Foi só uma daquelas ideias tipo 'o que você quer fazer?', porque terminamos a turnê de *Queen of Time* e havia muitas músicas do disco que não tínhamos tocado ao vivo. Foi um grande desafio voltar ao período em que ensaiamos todas as canções, porque algumas delas nós lembrávamos muito bem, porque tocamos inúmeras vezes nos anos anteriores, e outras não, mas foi tudo muito interessante. Na época do lançamento do *Queen of Time*, músicas como *Pyres on the Coast* nos deixaram pensando 'no que isso vai dar?' (risos), e vimos que esquecemos de algumas coisas que aconteceram nas sessões de gravação, especialmente sobre as faixas que não tocamos ao vivo.

E foi bem interessante a maneira como vocês conseguiram, durante a pandemia, contar com a participação da Anneke van Giersbergen em *Amongst Stars*...

Esa: Não é? (risos) Nós definitivamente queríamos a participação dela, também, mas isso seria impossível na época, porque havia restrição de viagens. Anneke não podia voar para lugar algum, aí tivemos que contar mais uma vez com a tecnologia e com o pessoal do vídeo. Ela gravou a parte dela na Holanda, e no fim ficou mesmo muito legal!

Várias bandas fizeram shows on-line durante a pandemia. Era uma maneira de manter a máquina funcionando, para ter algum ganho financeiro, mas dá para dizer que o aspecto mental era ainda mais importante, não?

Esa: Com certeza! A questão mental foi uma prioridade, porque era poder fazer algo que você faria normalmente, mesmo que estivessem acontecendo aqueles estranhos vídeos ao vivo em frente às câmeras que muitos estavam fazendo. Os shows on-line eram Ok, mas eram como colar um curativo numa grande ferida, afinal, ninguém sabia se a pandemia mataria metade da população mundial, se seria o fim do mundo. Ninguém sabia se haveria algum alívio nos anos seguintes, mas graças às vacinas estamos aqui de volta, fazendo o que amamos, com as pessoas aproveitando os shows. Foi difícil pensar no futuro naquela época, e acredito que foi por isso que tantas bandas escolheram fazer suas performances on-line. Fizemos algumas lives, mas parecia que estávamos filmando um videoclipe, não sentíamos aquela energia da plateia. De qualquer forma, foi algo legal para os fãs, para as pessoas verem suas bandas favoritas tocando músicas, mas uma coisa eu posso garantir a você: ninguém fez dinheiro com isso! (risos)

E imagino a sensação de alívio ao pisar num palco novamente, depois de dois anos sem se apresentar de fato para uma plateia...

Esa: A parte mais irritante disso tudo foi não poder fazer o nosso trabalho, porque o governo proibia. Ficamos um ano inteiro sem fazer nada. No entanto, aqui na Finlândia, tivemos permissão de tocar em alguns festivais, seguindo os protocolos de segurança, então foi a oportunidade de fazer alguns shows aqui e ali, e foi uma sensação maravilhosa! Lembrou-me da primeira vez que toquei ao vivo. Agora que a pandemia ficou mesmo para trás, já fizemos bastante turnês, muitos shows, e fica até difícil de lembrar como foram aqueles dias. Parece que aconteceram décadas atrás. O bom do ser humano é a capacidade de esquecer as coisas ruins e focar nas coisas boas (risos). A situação voltou ao normal, e creio que as pessoas estão curtindo ainda mais os festivais, os shows, a companhia e a música.

E enquanto vocês trabalhavam no show, havia o processo de composição de *Halo* rolando. Foi um período intenso de emoções e, também, de criatividade.

Esa: Sim, fomos muito criativos durante a pandemia, mas acredito que foi assim com praticamente todo mundo. Cada membro da banda trouxe suas ideias de músicas para o *Halo*, então começamos a juntar as demos e percebemos que tínhamos muito material. Queríamos trabalhar com o nosso produtor, Jens Bogren, que mora na Suécia, mas logo percebemos que havia o problema de não poder viajar para gravar o disco lá. E nem ele poderia vir para gravar aqui, na Finlândia, então foram necessários muita espera e pequenos ajustes na maneira habitual de trabalhar do Jens, porque ele prefere que todos viajem para a Suécia e gravem no estúdio dele. Desta vez, porém, tivemos de gravar algumas das guitarras e o baixo na Finlândia, e Jens estava produzindo remotamente. Tivemos outro produtor, nosso amigo Nino (Laurenne), dono do Sonic Pump Studios, em Helsinque, onde gravamos muitos dos nossos discos, então ele foi como um produtor assistente. Quando finalmente as fronteiras começaram a reabrir, tive a chance de gravar as minhas guitarras com o Jens na Suécia, só que ele não teve permissão para vir para a Finlândia na hora de gravar os vocais, por causa da barreira sanitária, e tudo isso causou muitos atrasos no andamento do álbum. Mesmo assim, adorei como *Halo* ficou. Ele foi lançado num período muito esquisito, mas todo mundo estava focado em compor e produzir o novo disco.

QUEEN OF TIME
Atomic Fire/Shinigami - Nac.

O Amorphis continua divulgando *Halo*, e eu diria que essa turnê também merece um álbum ao vivo, principalmente porque é um álbum fruto da pandemia, de a banda sair de um momento difícil com mais um grande trabalho. Há planos para isso?

Esa: Sim! Claro! Nós passamos a gravar todos os nossos shows de uns tempos para cá. Nosso engenheiro de som grava tudo e às vezes lembra de algum show que foi muito bom, em que todos tocaram bem e as músicas fluíram bem, aí começam aquelas ideias 'e se...?' (risos), então perguntamos para a gravadora o que ela acha. Foi assim com o *Live at Helsinki Ice Hall*, que era só uma gravação. Quando fizemos o show, não tínhamos a intenção de lança-lo mas aconteceu, então não acho impossível que aconteça um disco ao vivo da turnê do *Halo*, também.

Uma curiosidade minha: *Honeyflow*, faixa bônus de *Queen of Time*, tem a participação especial de Akira Takasaki. Para você, como guitarrista, como foi ter um guitar hero como ele numa música do Amorphis?

Esa: Cara, as pessoas da nossa idade sabem que o Loudness foi grande, que o Akira é um dos mais icônicos guitarristas do metal, né? (risos) Tivemos a sorte de conhecê-lo quando tocamos no Japão, então nos encontramos algumas vezes, conhecemos a banda e seu empresário. A ideia foi nossa, então perguntamos se ele estaria disponível e se gostaria de gravar um solo. Naquele momento, não tínhamos ideia se a faixa seria bônus ou não, porque normalmente é o nosso produtor quem chega com o resultado final, e o fato engraçado é que o Jens não sabia quem o Akira é! (risos) Eu falei: 'Sério mesmo que você não sabe quem é Akira Takasaki? Não conhece Loudness?', e ele: 'Não. Tenho de assistir a alguma coisa deles no YouTube' (gargalhadas). É aquela questão da idade que eu falei, porque Jens é dez anos mais novo do que eu e, provavelmente, você (risos) (N.R.: Holopainen tem 51 anos).

Embora Jan e Olli-Pekka tenham passado alguns anos fora, o Amorphis é uma das poucas bandas com todos os seus integrantes originais. Qual é o segredo?

Esa: Acredito que é assim porque somos amigos há muitos anos, praticamente desde que éramos crianças, e começamos a formar nossas primeiras bandas juntos. Tomi, nosso guitarrista, esteve numa banda com o Jan quando ambos tinham 7 ou 8 anos (risos). Todos nós nos conhecemos desde a nossa adolescência, pelo menos, quando tínhamos 14,15 anos, então temos uma relação antiga. Existe uma boa química entre nós, e é claro que também temos momentos irritantes, como durante longas turnês, mas isso é uma coisa normal. Se temos algo que precisa ser dito, uma discussão, nós falamos uns com os outros. Às vezes pode acontecer de alguém levantar a voz, mas nunca vira uma briga. Já conseguimos tocar juntos por quase 35 anos, e isso já é um grande sucesso! (risos)

Clube de Revistas

Nós falamos sobre período criativo durante a pandemia, e em 2021 você lançou seu primeiro álbum solo, *Silver Lake*. Como foi a experiência?

Esa: Cara, olhando agora, parece insano que eu tenha composto esse disco também durante a pandemia. Comecei a trabalhar nele no estúdio, reunindo todo mundo, músicos, vocalistas... Foi um processo que levou bastante tempo, mas curti cada momento e acredito que todas as pessoas que trabalharam nele comigo também gostaram, porque estavam presas pela pandemia, então todos queriam criar algo. Não sei como eu consegui fazer, porque precisamos tirar um tempo, quando estamos em turnê e fazendo shows, para ensaiar as músicas e compor novas, então não há espaço para nenhum voo solo. Só que a pandemia nos deu muito tempo livre extra, e o *Silver Lake* foi outra ótima maneira de escapar de todo o pesadelo da Covid. Foi uma grande experiência, um grande projeto.

O Amorphis já tem data marcada para voltar ao Brasil. Será na Segunda edição do Summer Breeze, em abril de 2024. Como está a expectativa?

Esa: Grande! O original alemão é um dos festivais clássicos e é o melhor. Temos um Top 3 de festivais europeus de verão, Summer Breeze, Wacken e Hellfest, que são os maiores, e ter um Summer Breeze no Brasil é insano! Achei incrível! Na verdade, fiquei um pouco chateado por não ter tocado no primeiro ano (risos). Teremos outros festivais pela América do Sul na mesma perna da turnê do Summer Breeze, e nosso plano é agendar shows solo entre esses festivais, também. E fiquei feliz por estarmos no mesmo dia do Carcass e do Death Angel!

E quais são suas lembranças do Brasil? Há algo que você ainda gostaria de fazer aqui?

Esa: Ainda bem que você perguntou isso, porque eu gostaria muito de ir à praia! (risos) Infelizmente, nunca temos tempo, porque chegamos, tocamos e na manhã seguinte já temos de voar para outro lugar. Amei a comida, as pessoas, e tivemos uma recepção muito calorosa no Brasil, mas eu realmente gostaria de ir à praia e nadar, porque na Finlândia só dá para esquiar, e isso se você gostar de neve (risos).

Desde *Eclipse* (2006) que o Amorphis tem entrado no Top 3 dos rankings, sendo que *Queen of Time* e *Halo* chegaram ao topo. É um sentimento muito bom, não?

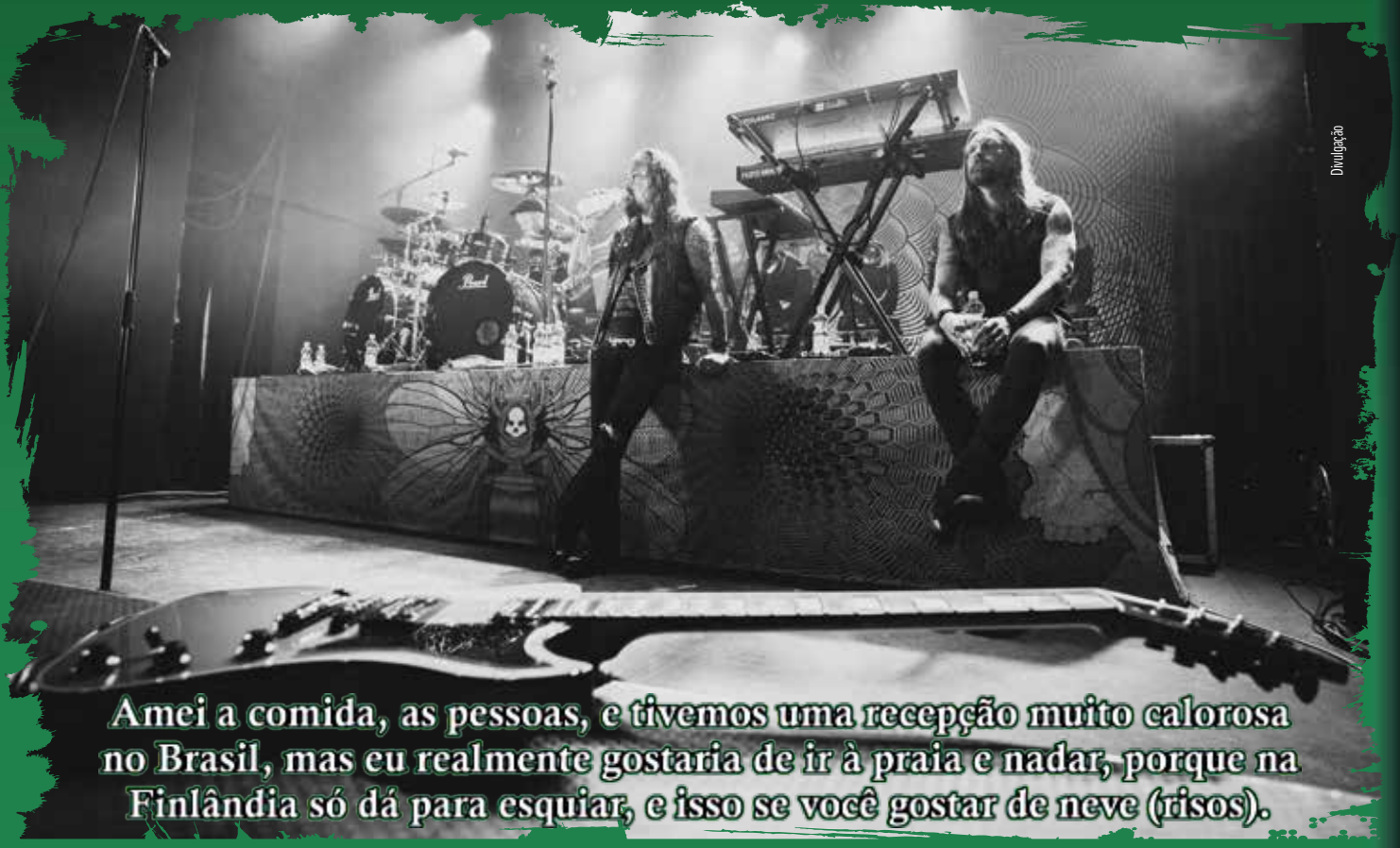
Esa: É ótimo! A banda tem uma longa história, e levou muito tempo em nosso próprio país para as pessoas começarem a respeitar e entender o heavy metal. Chegamos às paradas pela primeira vez com o *Far from The Sun* (2003) e recebemos Disco de Ouro para cada álbum lançado na Finlândia, então nosso status aqui é muito bom. Temos de tirar o chapéu para as pessoas que ouvem a nossa música!

E você ainda se surpreende com isso?

Esa: Eu não diria muito surpreso, mas um pouco, sim. Ao longo dos anos, uma coisa que aprendi nessa indústria é que não se deve esperar nada. O que vier de bom deve trazer um pouco de surpresa.

E a Finlândia tem dado ao mundo grandes nomes do heavy metal ao longo dos anos. Há algum segredo para isso além de ser considerado o país mais feliz do mundo?

Esa: Eu não sei, porque não somos um país populoso. Há apenas 5,5 milhões de pessoas aqui, e sabe o que é engraçado? Se você falar para qualquer finlandês que aqui é o 'país mais feliz no mundo', ele vai começar a rir, porque todos são depressivos e acham que a Finlândia é horrível, especialmente quando o inverno se aproxima. É quando queremos sair daqui para algum lugar que seja mais ameno! Mas é um país seguro para se viver, sem dúvida, e talvez seja isso que gera a felicidade da qual falam, além de outras pequenas coisas, como ter espaço para todos. Acredito que isso também colabore para essa fama.



Clube de Revistas

OZYMANDIAS

NOVO SINGLE DISPONÍVEL

DISTANT SHORES

Distant Shores é uma banda de metalcore com forte influência do djent formada no final de 2021 pelos guitarristas Raul Guidini e João Pedro. Inspirados por bandas como Polaris, Project46, Axty, After the Burial, Darko US, Crystal Lake e Landmvrks, a banda traz letras sobre comoção e batalhas internas vistas de dentro, e o instrumental busca a sonoridade moderna do metalcore contemporâneo e do djent, flertando em alguns momentos com o hardcore/post-hardcore e deathcore.

A BANDA HOJE É FORMADA POR ARIEL ALVES, RAUL GUIDINI, JOÃO PEDRO, MICHAEL MALPHAS E TOM LÍRIO.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

JTS METAL RECORDS

Spotify DEEZER amazon Available on iTunes

SIGA A BANDA AGORA:

Clube de Revistas

Shagrath e Silenoz: o núcleo de um Dimmu Borgir gélido, sombrio e profano

Divulgação

DIMMU BORGIR

O Evangelho dos Sete Profanos

Silenoz explica a decisão de comemorar 30 anos de banda com uma compilação de covers, passa a limpo as influências e antecipa o novo álbum de inéditas

Por Daniel Dutra

Para qualquer banda, iniciante ou não, fazer covers de seus heróis na música é, acima de tudo, uma satisfação particular. O prazer é tanto que a maioria começa assim, tocando músicas de outros grupos antes mesmo de criar o próprio material, e é igualmente divertido falar sobre os nomes que moldaram sua personalidade musical. Foi exatamente o que fez o guitarrista Silenoz numa agradável conversa sobre *Inspiratio Profanus*, coletânea dos covers gravados pelo Dimmu Borgir que marca a comemoração dos 30 anos da banda norueguesa, que conta também com Shagrath (vocal) e Galder (guitarra) – Victor Brandt (baixo), Gerlioz (teclados) e Daray (bateria) acompanham o trio. O início da celebração, na verdade, porque Silenoz disse a quantas andas o sucessor de *Eonian* (2018). Confira.

Em que momento rolou a decisão de comemorar os 30 anos do Dimmu Borgir com *Inspiratio Profanus*? Porque não deixa de ser peculiar celebrar com uma compilação dos covers que a banda já gravou...

Silenoz: Colocando dessa maneira, é verdade, mas a ideia de juntar todos os covers que fizemos ao longo dos anos tem circulado entre nós por algum tempo. Desde 2015, para ser mais exato, e agora conseguimos realizá-la, mas aproveitando a oportunidade para atualizar a masterização de algumas músicas. No fim das contas, pensamos que deveríamos lançar alguma coisa antes do próximo álbum de inéditas, e a oportunidade ideal para fazer isso foi agora.

Acredito que o fã da banda vai gostar de ter todas as covers num único CD, oficial e bem acabado, mas ao mesmo tempo isso acontece na era digital, do streaming, da baixa venda de produtos físicos, e diria que muitos fãs devem até ter feito uma playlist com essas músicas... (risos)

Silenoz: Ah, mas eu posso começar dizendo que o lançamento de *Inspiratio Profanus* não é para fazer dinheiro (risos). Sim, esses covers foram lançados separadamente em outros discos ao longo dos anos, então essa coletânea foi um desejo nosso de ter todos eles em apenas um álbum. Além disso, é uma forma de mostrar a variedade de formações que tivemos na história da banda, quem tocou em qual música, e cada cover mostra um período específico na trajetória do Dimmu Borgir. Ou seja, é mesmo algo mais legal de termos na nossa discografia, e do fã ter em sua coleção, também, do que qualquer outra coisa. Não há perspectiva de ganho financeiro quando se lança um disco com covers, porque é mais ou menos para o nosso próprio prazer. Aliás, é importante ter em mente que isso é a nossa forma de mostrar nossas influências e inspirações, que continuam a nos moldar até hoje. As oito faixas do disco são uma pequena homenagem nossa aos que nos motivaram a seguir por esse caminho. É claro que existem muitos outros artistas e bandas que fazem parte do nosso rol de influências, mas os que constam no CD dão uma pequena e representativa amostra do nosso mundo.

Legal você ter falado isso, porque eu queria mesmo trazer algo diferente para essa conversa, que é mostrar aos leitores o que cada uma das bandas representa para você, o impacto que elas tiveram no fã e músico de metal Silenoz. Vamos começar, então, com o Venom, de quem vocês regravaram *Black Metal*.

Silenoz: Ok, isso é sempre legal de fazer (risos), e devo dizer que a minha relação com o Venom começou um pouco tarde, no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990. Eu conhecia a banda antes disso, obviamente, mas só vim a curtir mesmo a partir daquela época, quando ouvi uma música na rádio, e hoje não consigo me lembrar qual (risos). De qualquer maneira, foi a partir dali que passei a conhecer melhor a discografia do Venom. Gosto muito.

Passamos para o Bathory, homenageado com *Satan My Master*.

Silenoz: Com o Bathory já foi diferente, porque comecei a ouvir a banda em 1985 ou 1986. Curiosamente, também foi num programa de rádio sueco, e fiquei impressionado. Naquele tempo, eu gravava em fitas cassete as músicas que tocavam nas rádios... Todo mundo fazia isso, né? (risos) Bom, eu ainda tenho essas fitas e ainda as toco de vez em quando, sendo que na Suécia o sinal de rádio não era muito limpo, ainda tinha aquele ruído estático, o que deixa tudo ainda mais black metal (risos). Enquanto o Venom tinha uma pegada mais rock'n'roll com uma atitude meio punk, o Bathory era mais obscuro, pesado e profundo, e isso abriu uma comporta diferente para mim (risos).

E creio que o G.G.F.H., com *Dead Men Don't Rape*, é uma comporta diferente... (risos)

Silenoz: Sim! Muitas bandas já gravaram músicas do G.G.F.H., e nós queríamos experimentar um pouco, fazer uma versão "Dimmunizada", porque a maioria dos covers que fazemos são similares às canções originais. Nesse caso, porém, quisemos levar a música para outra direção, colocando o nosso jeito de tocar. Ninguém imaginaria o Dimmu Borgir tocando *Dead Men Don't Rape*, mas quando alguém ouve percebe que faz sentido. Bom, pelo menos faz sentido do nosso ponto de vista (risos).

E tem o Celtic Frost, com *Nocturnal Fear*, e aqui faz sentido para todo mundo (risos).

Silenoz: Completamente, e minha relação com o Celtic Frost é semelhante à relação que tenho com o Bathory. Foi a abertura para coisas mais extremas nos anos 1980, e o legado deles fala por si próprio. Quando começamos o Dimmu Borgir, o Celtic Frost era um dos grupos que mais ouvíamos, e todo mundo homenageava o que aqueles caras fizeram, então para nós era a coisa mais natural a se fazer. Quando tocamos *Nocturnal Feat* no estúdio, o Shagrath quis testar tipos diferentes de vocais, além do famoso vocal dele, e é por isso que temos duas versões dessa música. Foi também uma maneira de mostrar que podemos colocar perspectivas diferentes sobre as nossas influências. Cara, eu sou um grande fã de Celtic Frost!

E vamos para o Twisted Sister, com *Burn in Hell*.

Silenoz: Poderíamos ter escolhido outra música do *Stay Hungry*, mas acredito que essa era a mais adequada para a banda que somos, por causa do título. O Twisted Sister foi uma das minhas principais experiências musicais, a que mais me surpreendeu quando eu ouvi a banda pela primeira vez, em 1984. *Burn in Hell* é um dos covers mais importantes para mim, justamente por ter sido a minha primeira experiência com esse tipo de som. Antes disso, eu mal me interessava por música, exceto uma coisa ou outra que tocava no rádio. Eu tinha 7 anos de idade quando ouvi Twisted Sister, e eles me ganharam (risos). Anos depois, Dee Snider e Jay Jay French disseram que gostaram do nosso cover mais do que qualquer outro, e ouvir isso foi como o fechamento de um ciclo. Foi incrível!

Agora, Deep Purple, com *Perfect Strangers*.

Silenoz: O Deep Purple tem uma simbiose entre os teclados e as guitarras. Eles usam os teclados como ferramenta de composição, assim como nós fazíamos no começo, e é apenas isso que temos

em comum com o Purple (risos). Tenho certeza de que muitas bandas fizeram cover dessa música, porque se trata de um clássico, e nós também quisemos fazer uma versão "Dimmunizada" dela, com pequenos detalhes na bateria.

E já que saímos de vez do metal extremo, fechamos com *Metal Heart*, do Accept.

Silenoz: O Accept é outra banda muito importante para mim e para os outros caras. Poderíamos ter escolhido uma música mais antiga, mas somos todos crianças dos anos 1980 (risos). Além disso, vimos que *Metal Heart* resume o sentimento do estilo neoclássico do (Wolf) Hoffmann de tocar guitarra, algo natural para nós, já que usamos teclados. Assim, para nós, fazia todo sentido tocar essa música, justamente por causa dos elementos clássicos que também temos em nossas canções. Gostamos que nossas músicas tenham melodia, afinal, é ela que caracteriza um som como música. Para nós, música é atmosfera, é muito parecida com uma pintura, na qual você percebe a atmosfera da arte. E o Accept nos influenciou muito, influenciou muitas outras bandas, principalmente no thrash metal, com a bateria de bumbo duplo, os riffs e os vocais agressivos.

Agora que finalizamos o tracklist, devo dizer que é curioso ver Deep Purple e Accept como inspirações profanas (risos). O Twisted Sister vá lá, porque o PMRC acreditou que a banda era blasfema (mais risos)...

Silenoz: (rindo) Vou fazer uma autodefesa aqui, porque precisamos lembrar que nos anos 1970 muitas bandas de hard rock de alguma forma se meteram com o oculto, fosse em relação aos temas ou fosse propriamente com rituais, então a ideia não está mesmo muito longe do profano (risos). Curiosamente, nossos discos normalmente têm uma ou três palavras no título, então, para quebrar um pouco isso, o nome do nosso álbum de covers tem duas palavras. Parece que foi tudo pensado em detalhes, né? Mas não foi o caso (risos). Bom, há inúmeras outras bandas que nos inspiraram profanamente e que não estão neste disco (risos).

E de quais delas você gostaria de gravar algo?

Silenoz: Quando começamos o Dimmu Borgir e passamos a ensaiar, tocávamos basicamente covers das bandas que gostávamos. Tecnicamente, temos algumas gravações aqui e ali, mas não são músicas completas, então não ficaria legal colocá-las nesse disco, nem mesmo como bônus. Atualmente, não temos nenhum outro cover gravado, assim como também não temos planos de fazer isso no futuro, mas nunca digo nunca. Creio que estamos encerrando um capítulo com *Inspiratio Profanus*, porque agora estamos focados nas composições para o nosso próximo álbum de inéditas.

E houve uma mudança de rumo na história, porque o Dimmu Borgir virou inspiração para bandas de black metal.

Silenoz: É verdade, cara! É sempre legal ser mencionado como inspiração para alguém ou por alguém, e isso também é outro momento de encerramento de um ciclo. Sentimo-nos gratos por estarmos nessa posição. Não sei se existem tantas bandas cover de Dimmu Borgir por aí, mas eu conheço algumas, o que também é legal demais.

Divulgação

Creio que estamos encerrando um capítulo com Inspiratio Profanus, porque agora estamos focados nas composições para o nosso próximo álbum de inéditas.

Você mencionou o foco no novo álbum, e já são quase seis anos desde *Eonian*. Como está o processo?

Silenoz: Estamos bem encaminhados. Temos algumas músicas completas e muito material, então agora vamos entrar no nosso modo produtor, porque temos todo esse material e precisamos aparar um pouco as arestas para começarmos a gravar agora, no início de 2024. Mas vamos ver como isso vai acontecer, já que temos alguns shows e turnês para fazer. Creio que faremos em fases diferentes, e estamos ansiosos para mostrar o novo material para todos vocês. Será algo diferente, mas sempre com o nosso som característico (risos).

A pandemia atrasou de alguma forma o processo?

Silenoz: Com certeza. Estávamos agendados para tocar em alguns festivais no verão de 2020, o que obviamente não aconteceu, porque eles foram adiados, e os lockdowns e barreiras também nos deixaram isolados. Individualmente, no entanto, nós gravamos nossas ideias, temas e riffs porque sabíamos que na hora certa ainda teríamos energia para começar a trabalhar. Não foi um grande problema, mas custou três anos desses quase seis anos desde o último disco (risos), só que não perdemos a confiança no próximo álbum. Estamos bem próximos de concluir a fase de composição.

E uma informação de bastidor dá conta de que esse atraso custou a presença do Dimmu Borgir na versão brasileira do Summer Breeze, agora em 2024...

Silenoz: Você está bem informado, e eu preciso dizer que adoraríamos tocar novamente no Brasil, porque nossa relação com os fãs brasileiros vem desde o início da banda. Já tocamos no seu país algumas vezes, mas não tantas quanto gostaríamos, e seria ótimo nos apresentarmos num festival assim aí, mas preferimos que aconteça na turnê do novo álbum. Espero que possamos arranjar isso de alguma forma, e acredito que será possível em 2025.

INSPIRATIO PROFANUS
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Nestes 30 anos de Dimmu Borgir, quais foram os momentos que mais o marcaram?

Silenoz: São tantos que ficaria difícil mencionar todos, mas eu diria que tocar ao vivo duas vezes com uma orquestra, tanto na nossa cidade natal (N.R.: em Oslo, em 2011) quanto no Wacken (N.R.: em 2012), é um deles. Quando tocamos nos Estados Unidos, em 2004, dividindo o palco do OzzFest com Black Sabbath, Judas Priest, Black Label Society, Superjoint Ritual e Slayer... Cara, aquilo foi como realizar um sonho de criança! No geral, poder fazer o que fazemos até hoje é um presente, e fazemos porque queremos e gostamos. Mesmo que durante alguns períodos não estejamos tão criativos, quando nos reunimos muita coisa acontece em pouco tempo.

E existe algum arrependimento? Algo que você gostaria de ter feito e não fez, e vice-versa?

Silenoz: Absolutamente nenhum. Não me arrependo de nada do que fizemos. Mesmo que tenhamos falhado aqui e ali, os erros nos fizeram ser o que somos hoje. Sinto-me da mesma forma sobre não ter feito algo, porque, honestamente, eu nem penso sobre isso. Acredito que existe uma razão para qualquer coisa não ter acontecido quando deveria. As coisas são como elas são.

Obrigado pelo papo, até porque tive a oportunidade de fazer algo diferente (risos). E espero vê-los no Summer Breeze em 2025...

Silenoz: (rindo) Olha, foi uma conversa legal, mesmo, e agradeço imensamente, em nome de toda a banda, pela paciência dos nossos fãs brasileiros por não lançarmos discos regularmente. Entendo a frustração de vocês, mas quem espera por algo bom não espera para sempre (risos). Mal podemos esperar para voltar ao Brasil, e retornar com um disco novo será a oportunidade perfeita.

Clube de Revistas

TURNSTILE

LATIN AMERICA 2024

15 DE ABRIL
SACADURA 154
RIO DE JANEIRO

16 DE ABRIL
TOKIO MARINE HALL
SÃO PAULO

INGRESSOS À VENDA EM
TICKETMASTER.COM.BR

TURNSTILEHARDCORE.COM

REALIZAÇÃO LIVE NATION

INGRESSOS ticketmaster

Clube de Revistas

COLLECTION

Por Daniel Dutra

Quando se fala em southern rock, uma das bandas que vem imediatamente à mente chama-se The Allman Brothers Band, que transcendeu o próprio nicho e ficou para a história como um dos maiores nomes do rock em todos os tempos. Formado em 1969, em Jacksonville, na Flórida, pelos irmãos Duane (guitarra) e Gregg Allman (teclados), o grupo teve em sua formação original e clássica o guitarrista Dickey Betts, o baixista Berry Oakley e os bateristas Butch Trucks e Jai Johanny "Jaimoe" Johanson. Da Jacksonville para Macon, na Geórgia, onde o sexteto se estabeleceu em seguida, a trajetória de sucesso e relevância começou a ser escrita logo nos primeiros anos, com os dois primeiros álbuns de estúdio, *The Allman Brothers Band* (1969) e *Idlewild South* (1970), abrindo caminho para um dos melhores discos ao vivo já lançados em toda a galáxia, *At Fillmore East*, de 1971. Foi neste mesmo ano que a primeira tragédia se abateu sobre a banda, com a morte de Duane Allman num acidente de moto, e os percalços ao longo do tempo resultaram na interrupção das atividades em duas oportunidades, em 1976 e 1982, até o fim definito em 2014, três anos antes da morte de Gregg Allman, vítima de câncer no fígado, acabando de vez com qualquer esperança de um novo retorno.

Divulgação

Gregg Allman, Dickey Betts, "Jaimoe" Johanson, Duane Allman, Butch Trucks e Berry Oakley em seu habitat natural, o palco

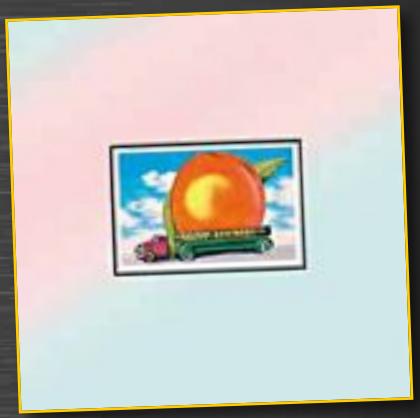
IMPERDÍVEIS

AT FILLMORE EAST (1971)

Os dois primeiros discos se tornaram clássicos absolutos com o passar dos tempos, mas não foram necessariamente bem-sucedidos comercialmente. A pegada e o talento incríveis para jams em cima do palco obviamente não eram traduzidos para o estúdio, e a Allman Brothers Band precisou de um álbum ao vivo para mostrar o seu real poder de fogo (coincidentemente, e mesmo que por razões diferentes, o mesmo aconteceu com o KISS três anos depois). Lançado no dia 6 de julho, o duplo *At Fillmore East* entrou em 13º no ranking da Billboard, ganhando Disco de Ouro e, depois, Disco de Platina, mas o importante era – e sempre foi – a música, que Duane Allman, Gregg Allman, Dickey Betts, Berry Oakley, Jaimoe Johanson e Butch Trucks levaram para uma espetacular viagem junto com o fã e ouvinte. A musicalidade do sexteto permitia transformar os cinco minutos originais da maravilhosa *Whipping Post* em quase 23 minutos de tirar o fôlego; ou dobrar os seis minutos de *In Memory of Elizabeth Reed*, melhorando o que já havia nascido perfeito. Fora as versões arrasadoras de *Statesboro Blues* e *Hot 'Lanta*, que contribuíram para *At Fillmore East* ser um dos 50 discos selecionados pelo National Recording Registry para preservação na Biblioteca do Congresso americano. Honraria concedida a obras musicais "cultural, histórica ou esteticamente importantes".

EAT A PEACH (1972)

Lançado no dia 12 de fevereiro, pouco mais de quatro meses depois da morte de Duane Allman, o quarto trabalho da banda é também o último da formação original, uma vez que conta com canções que chegaram a ser gravadas com o tecladista e fundador, além de uma canção inédita de sua autoria, *Little Martha*. Mais do que isso, *Eat a Peach* é um álbum duplo "mezzo" estúdio, "mezzo" ao vivo, incluindo três canções da apresentação em Fillmore East que, claro, não entraram em *At Fillmore East*. E se você está se perguntando por que apenas três, uma delas vale por um vinil inteiro. Literalmente. *Mountain Jam* teve seus 34 minutos e 43 segundos de inesquecível orgia musical separados e colocados nos lados 2 e 4 – ou lados B e D, tanto faz. Talvez as circunstâncias tenham ajudado *Eat a Peach* a ser o álbum de maior sucesso comercial da Allman Brothers Band, entrando na quarta posição do Top 200 da Billboard e faturando Disco de Platina, mas há as músicas. E que músicas! Composta por Gregg Allman em 1967, ou seja, antes da formação do grupo, a belíssima *Melissa* foi sucesso instantâneo e se viu obrigatória nos shows nos anos seguintes, e a divina *Blue Sky*, de Dickey Betts, é capaz de fazer com que a sua alma saia do corpo durante um dos solos de guitarra mais bonitos, transbordando feeling, que você vai ouvir durante sua passagem pela Terra.



Clube de Revistas

EXCELENTES

THE ALLMAN BROTHERS BAND (1969)

A mudança de Jacksonville, na Flórida, para Macon, na Geórgia, permitiu aos irmãos Allman e a Betts, Oakley, Trucks e Jaimoe a assinatura do contrato para o lançamento do disco de estreia. Subsidiária da Atco Records, a Capricorn enxergou o óbvio: o sexteto de southern rock era único à sua maneira de passear também pelo jazz, pelo blues e pela música country americana, o que ficava evidente em cima do palco. Apesar da insatisfação com o trabalho do engenheiro de som Adrian Barber, que assumiu a produção no lugar de Tom Dowd, com quem a banda queria trabalhar por causa de seu histórico com Cream e John Coltrane, os dez dias de gravação no Atlantic Studios, em Nova York, resultaram num disco que é um verdadeiro "best of". Tirando os covers *Don't Want You No More* (Spencer Davis Group) e *Trouble No More* (Muddy Waters), apropriados com personalidade pela banda, *The Allman Brothers Band* é igualmente o retrato da genialidade artística de Gregg Allman, autor solitário das outras cinco faixas. Entre elas, algumas favoritas absolutas dos fãs: *It's Not My Cross to Bear*, *Dreams* e *Whipping Post*. Então, sim, genialidade.

IDLEWILD SOUTH (1970)

Dez meses depois do álbum de estreia, o segundo disco. Desta vez, sob a batuta de Tom Dowd, que produziu seis das sete faixas usando dois estúdios, o Capricorn Sound, em Macon, e o Criteria, em Miami – a exceção, então, é *Please Call Home*, cuja produção ficou a cargo de Joel Dorn, uma vez que a banda se encontrava em Nova York num momento em que Dowd não estava disponível. No fim das contas, o sexteto estava certo. *Idlewild South* tem um som muito melhor do que *The Allman Brothers Band*, que ganhou uma remixagem feita pelo próprio Dowd em *Beginnings* (1973), que juntou os dois primeiros discos num único lançamento, aproveitando a ascensão do grupo pós-*At the Fillmore East*. Musicalmente, no entanto, a qualidade continuava lá em cima, e agora contando com as primeiras contribuições de Dickey Betts: *Revival* e a obra-prima *In Memory of Elizabeth Reed*, que se tornou um dos grandes clássicos da Allman Brothers Band. O tracklist é completado por *Hoochie Coochie Man*, mais um cover de Muddy Waters, e composições de Gregg Allman, que, novamente e como sempre, não deixou por menos. *Midnight Rider* e *Leave My Blues at Home* são incríveis.

BROTHERS AND SISTERS (1973)

Primeiro álbum sem Duane Allman, *Brothers and Sisters* chegou às lojas em agosto, nove meses depois de outra tragédia: afetado pela morte do cofundador da banda, Berry Oakley entrou em modo depressivo e de autodestruição com alto consumo de drogas e álcool, e resultado fatal de uma vida errática aconteceu no dia 11 de novembro de 1972: o baixista morreu vítima de um edema cerebral em decorrência de uma fratura craniana causada, numa ironia do destino, por um acidente de motocicleta. O grupo já havia encontrado no tecladista Chuck Leavell um substituto para Duane, e Lamar Williams foi chamado para terminar as gravações de baixo, uma vez que Oakley havia finalizado apenas duas canções, *Wasted Words* e *Ramblin' Man*, esta uma das quatro compostas por Dickey Betts, que entregou os vocais dela para Leavell (invariavelmente, o autor da música era quem cantava). Entre as obras de Betts, *Ramblin' Man* e a antológica *Jessica* se tornaram grandes marcos na carreira da banda, evidenciando um momento em que o guitarrista passava a se destacar mais do que Gregg Allman, que, ainda assim, lapidou uma joia como *Wasted Words*.

BONS

WIN, LOSE OR DRAW (1975)

Apesar das perdas de Duane Allman e Berry Oakley, a Allman Brothers Band estava voando, comercialmente falando. Porém, com o sucesso vieram também as bebedeiras, o consumo de drogas e as tensões internas – que incluíram até mesmo o romance de Gregg Allman e Cher, que acabaram se casando. O efeito das turbulências chegou às vendas, uma vez que *Win, Lose or Draw* não repetiu o Disco de Platina dos dois álbuns de estúdio anteriores. O quinto trabalho do sexteto ficou com o Disco de Ouro e foi não apenas a saideira do tecladista Chuck Leavell e do baixista Lamar Williams, e sim o primeiro canto dos cisnes do grupo, que se separou em 1976. Mas apesar de tudo isso, havia tanto talento envolvido, especialmente nas mãos de Gregg e Dickey Betts, os principais compositores, que foi possível sair com um álbum bom o suficiente para o fã pensar que estava tudo bem entre os integrantes. *Can't Lose What You Never Had*, de Muddy Waters, virou marca registrada do grupo, assim como a excelente faixa-título, de Gregg, e a épica *High Falls*, de Betts, se destacariam em qualquer outro disco.

HITTIN' THE NOTE (2003)

A terceira e última jornada encerrou o ciclo de estúdio com um trabalho digno. Lançado no dia 18 de março, *Hittin' the Note* trouxe Gregg Allman, Butch Trucks e Jaimoe, integrantes originais, ao lado de outros quatro músicos que ajudaram a manter o legado: o guitarrista Derek Trucks e o baixista Oteil Burbridge, ambos em seu único álbum de estúdio com o grupo; o guitarrista Warren Haynes, que havia retornado três anos antes; e o percussionista Marc Quiñones. O 12º disco de inéditas é, também, o único sem Dickey Betts, uma perda significativa, mas compensada com o talento de Haynes, com quem Gregg compunha. A dupla criou um dos clássicos contemporâneos da banda, *Desdemona*, que faz a menção a *In Memory of Elizabeth Reed*, o que não foi coincidência. A referência/reverência ao passado torna a audição deliciosa, porque você descobre que *High Cost of Low Living* tem Gregg, Wayne e Derek fazendo suas seis cordas mergulharem em citações a *Blue Sky*, *Dreams* e *Mountain Jam*. E faixas como *Firing Line*, *Old Before My Time*, *Rockin' Horse*, *Instrumental Illness* e *Old Friend* são diversão garantida.

CUIDADO

BROTHERS OF THE ROAD (1981)

Ao contrário de *Win, Lose or Draw*, que marcou o primeiro adeus da Allman Brothers Band sendo um disco coerente, *Brothers of the Road* marcou o segundo adeus – o grupo se dissolveu no ano seguinte, voltando em 1989 – sendo o exemplo prático da bagunça então vigente. A gravadora, Arista, pela qual havia sido lançado também o álbum anterior, *Reach for the Sky* (1980), chegou a sugerir que o septeto abandonasse o visual sulista, abdicando de botas e chapéus – e a capa não deixa de parecer uma resposta irônica. Mas os problemas internos. Dickey Betts e Jaimoe Johanson haviam ido às vias de fato, e o guitarrista demitiu o baterista, substituído por David Toler, irmão de Dan Toler, que então dividia as seis cordas com Betts e Gregg Allman – Butch Trucks ainda estava lá, e David Goldflies (baixo) e Mike Lawler (teclados) completavam a formação. O grupo ainda conseguiu emplacar um hit, *Straight from the Heart*, o seu último, e canções como *The Heat is on*, *Things You Used to Do* e a bonita *Never Knew How Much (I Needed You)* ainda são um respiro, mas a identidade havia se perdido.

OUTROS: É impossível preencher este último espaço com a quantidade de material lançado pela The Allman Brothers Band, então os destaques serão absolutos e inevitáveis. A começar pelos três discos anteriores a *Hittin' the Note*: *Seven Turns* (1990), *Shades of Two Worlds* (1991) e *Where it All Begins* (1994), lançados depois da segunda e última volta do grupo, poderiam muito bem ter sido mais bem dissecados no tópico "Bons", então você já sabe: confira. *Enlightened Rogues* (1979), primeiro álbum do primeiro retorno, também é inspirado, mas como a banda era uma daquelas incomparáveis ao vivo, deleite-se com *Wipe the Windows, Check the Oil, Dollar Gas* (1976), *An Evening with the Allman Brothers Band: First Set* (1992), *An Evening with the Allman Brothers Band: 2nd Set* (1995), *One Way Out* (2004) e *Play All Night: Live at the Beacon Theatre 1992* (2014).

Clube de Revistas

cultura três
abrindo caminhos

Novos integrantes e influências marcam o novo disco da banda que leva os nomes de Venezuela, Brasil e Colômbia ao mundo

Por Guilherme Spiazzi

Com raízes profundamente latino-americanas, o Cultura Três percorre os meandros do underground e vem chamando a atenção daqueles que buscam por algo diferente desde a estreia com *La Cura* (2008). Com base na Holanda, a banda liderada pelos irmãos Alejandro Londoño Montoya (vocal e guitarra) e Juan de Ferrari Montoya (guitarra) surpreendeu a cena ao incorporar as influências trazidas pelos novos integrantes Paulo Xisto Pinto Jr. (baixo, Sepultura) e Jerry Vergara Cevallos (bateria) no seu quinto disco de estúdio, *Camino de Brujos*. Confira esse papo descontraído com Alejandro e Paulo sobre essa nova fase do Cultura Três.

Foi anunciado que a partir de *Camino de Brujos* Paulo estava integrado à banda, mas a intenção de tê-lo já vinha desde 2019, não é?

Paulo Xisto Pinto Jr: Eu fui enganado pelo Alejandro (risos). Começou com um convite para uma participação e de pouquinho em pouquinho quando vi eu já estava lá dentro gravando o disco todo (mais risos).

Alejandro Lodoño Montoya: Mas a primeira intenção foi de uma música que a gente começou lá em 2019.

Paulo: Essa música eu acabei tocando errado, mas deu certo e teve que trocar tudo.

Alejandro: Essa é uma história engraçada. Estávamos fazendo as músicas e o Paulo iria participar de uma. Só que ele entendeu o riff de maneira diferente e fez um baixo, mas a gente não tinha acabado as guitarras ainda. Quando fomos colocar elas em cima, nada batia (risos). Tivemos que adaptar a música ao baixo. O resultado é *Time Is Up* e a gente gostou bastante. Ele 'sepulturou' o negócio.

Paulo: A pandemia também ajudou. Eu comecei a fazer do Brasil, mas era difícil ficar horas e horas na frente do computador mandando pedacinhos gravados. Aí, teve uma abertura e quando fui para Amsterdã (HOL) estava tudo fechado novamente. Ficamos duas semanas em casa e foi aí que decidimos aproveitar que estávamos o dia todo em casa para fazer o disco. Eu não conhecia as músicas, então começamos do zero.

Alejandro: Os arranjos foram muito espontâneos porque era tudo uma novidade. O que ele tocava fez com que a gente começasse a experimentar e fazer coisas diferentes. Foi um período de explorar o que era possível.

Essa abordagem tem a ver com o som do grupo porque desde o início a banda sempre teve uma pegada orgânica, certo?

CAMINO DE BRUJOS
Outono Music - Nac.

Alejandro: Teve uma coisa que mudou bastante. No início, a intenção principal era fazer um som mais thrash, mas Juan e eu passamos por uma tragédia pessoal, a perda da nossa mãe. Depois eu disso, eu já não me identificava totalmente com essa sonoridade e a coisa passou a seguir um estilo mais melancólico. Só que já havíamos começado o disco, então a combinação dos dois momentos deu nisso. Tem partes mais melancólicas e outras mais agressivas.

Paulo: A entrada do Jerry também ajudou bastante na pegada mais punk rock, pegada essa que eu já conheço de algumas décadas.

Alejandro: O Paulo já tem muita mais familiaridade com esse swing punk, já nós nunca tínhamos feito alguma coisa desse jeito na vida. O Jerry é muito punk e o Paulo colocou muito esse tipo de riff que é punk, mas parece Morbid Angel. Juan e eu interpretamos mais death metal e eles interpretam mais punk.

Como baixo e bateria caminham juntos, como foi trabalhar com Jerry, Paulo?

Paulo: A bateria já estava gravada quando eu cheguei, então eu escutei e fui fazendo as coisas. Eu vi a pegada punk e esse groove que eu já estou acostumado desde a época do Igor (Cavalera). Para mim foi fácil. Foi mais difícil para ele (Alejandro). Eu ainda tenho umas influências Chris Squire (Yes) da vida, puxando para os anos 70 e 80. Essa mistura acaba enriquecendo.

O timbre de baixo caiu muito bem no som do CT. Paulo, você buscou uma abordagem mais ou menos parecida com a usada no Sepultura para a escolha do som?

Paulo: Sim e não. Tem o estilo de timbre que eu gosto – aquela coisa que eu sempre usei. Aí, eu tentei aproximar o máximo para que soasse bem com o CT.

É uma coisa diferente e não sei se esse timbre funcionaria 100% no Sepultura. Mas no fundo eles têm a mesma essência. Outra coisa foi que gravei com cordas diferentes das que usei no *Quadra* (Sepultura, 2020), além de pedais e amplificação diferentes. O estilo está lá, mas o projeto é outro.

Alejandro: Como tínhamos tempo, deu para explorar enquanto a gente estava tomando um vinho e escutando classic rock. Aí, o Paulo começou a tocar sem palheta, coisa que ele normalmente não faz no Sepultura. Era o momento de explorar. Eu sou fã de Sepultura a vida toda, e nunca escutei o Paulo tocar daquele jeito – isso inspirou outras coisas nas guitarras. Outra coisa: Paulo e eu temos uma influência em comum quando se trata de baixo, Andy Wallace.

Paulo: Na parte de produção, né? O

cara que inspirou o Sepultura, trabalhou com um milhão de artistas e com certeza é uma referência na parte de produção e de mixagem. E o Andy é baixista.

Alejandro: Então, muito daquilo que o Paulo pegou dessa experiência com o Andy são coisas que eu aprendi do outro lado da fita, da parte da produção. E aí a gente tinha um ponto comum para explorar mais essas coisas que você faz, que é uma nota solta e que faz espaço na música. São coisas que eu gosto muito, mas nunca entendi bem como é agregar isso. Quando Paulo coloca, faz com que o riff vire maior. Minimalismo nas ideias, em algum momento, faz com que a música cresça.

É comum uma banda gravar três toneladas de coisas em estúdio e ao vivo acaba dependendo de backing tracks para replicar minimamente aquilo que está no disco. O CT vai na contramão disso.

Alejandro: Totalmente! Nosso norte é tentar fazer com que o disco pareça um ensaio. É o que a gente é. Essa coisa de agregar muitas coisas que só funcionam no álbum é justamente o que tentamos evitar.

Paulo: A pegada é outra. Você vai se readaptar e logicamente vai respeitar o que está feito, mas é ao vivo que vemos o que funciona bem. No Sepultura eu não toco 100% do que está gravado. Já é uma pegada diferente. Eu uso a experiência da estrada no palco. Então, aquilo que funciona para o disco, às vezes ao vivo damos uma trocadinha para funcionar.

Alejandro: Eu já tenho mais problemas para fazer isso, sobretudo em alguns solos. Tem momentos que capturaram aqui o que acontecia na minha mente e na minha alma. Agora, eu não sou um cara que consegue replicar esse momento ao vivo – o de ficar inspirado. Tem guitarristas que são muito bons improvisando, mas eu não sei improvisar. Então, eu tenho uma foto do que senti quando gravei. Agora tenho que tirar o solo porque não tem como ter essa magia de novo quando eu quero.

Paulo: O meu não é foto. O que eu esqueci mesmo é que eu ter que trocar (risos). Dá uns brancos aí... Aí foi! Volta, volta! Pelo amor de Deus!

A produção de *Camino de Brujos* ficou com você mesmo, Alejandro?

Alejandro: Basicamente. Eu queria que Stanley Soares produzisse, já que ele é um amigo e uma das poucas pessoas que realmente entende o que a gente quer. Mas na época ele tinha compromisso com o Megadeth. Diante disso, Juan disse que eu é que teria que produzir. Não acho que seja a melhor ideia você tocar na banda e produzir porque perde a objetividade. Mas foi uma situação... Era isso ou enviar para um produtor que teria uma visão mais moderna, de um lado que eu não estava procurando. Eu assumi o risco e parece que deu certo.

Vocês enxergam a possibilidade de shows do CT na América Latina?

Paulo: Acho que tem espaço. É questão de ir trabalhando aos poucos para a música chegar até lá. Às vezes um território demora mais do que outro. A ideia de ir para o Brasil até o final do ano continua. Se der para emendar Argentina, Chile e Venezuela, por que não? Todo mundo acha que é pertinho, mas não é.

Alejandro: É bem mais fácil, fazer quatro ou cinco países na Europa do que fazer dois na América do Sul. Essa é a realidade.

Paulo: Eu estou vendo a Bélgica daqui da janela (risos).

Agradeço o tempo de vocês e parabéns pelo disco. O que vocês têm a dizer sobre o álbum e os próximos shows aí para se despedir.

Paulo: Escutam, apreciem com moderação e a qualquer hora a gente aparece (risos).

Alejandro: Obrigado pelo apoio e pelos elogios. Estou bem feliz com o pessoal gostando um pouco do som que a gente está fazendo e, sim, a qualquer momento a gente aparece!

Juan de Ferrari Montoya, Jerry Vergara Cevallos, Paulo Xisto Pinto Jr. e Alejandro Londoño Montoya: expandindo os limites no underground

Divulgação

Clube de Revistas

HIDDEN TRACKS

H-BOMB

Por Ricardo Batalha

Em 1981, o baixista Philippe "Philty" Garcia e o guitarrista Armando Ferreira deixaram o Cyanure com o intuito de formar uma nova banda. Logo se uniram a Gérard Michel (bateria) e ensaiaram como um trio até maio de 1982, quando o saudoso Didier "Dizzy" Izard (vocal) e Christian Martin (guitarra) se juntaram ao H-Bomb. O quarteto seguia ensaiando e compondo, visando os shows e um contrato com algum selo. Quando o momento chegou, os músicos estavam bem preparados, e o público sentiu a vibração, ficando cada vez mais entusiasmado com as performances. Com a boa reputação e a abertura para o Def Leppard na cidade de Melun, ocorrida em 15 de março de 1983, a imprensa francesa começou a noticiar a banda em publicações como Metal Attack e Enfer Magazine.

Armado com sua demo tape, o H-Bomb fez um passeio pelas estações de rádio para promover sua música. Então, a gravadora holandesa Rave on Records, que havia contratado o Sortilège, demonstrou interesse e assinou com a banda, que estreou em setembro de 1983 com *Coup de Métal*. O EP de seis faixas gravado no Stonesound Studio, em Roosendaal (HOL), contou com produção de Jack Hustinx e foi bem recebido pela imprensa, com boa resenhas na Metal Attack, Enfer, Aardschok, Metal Force e outras revistas. Trabalhando entre o speed e o metal tradicional, com influência de Judas Priest, Accept e Motörhead, o repertório destacou *H-Bomb*, *Dans les Griffes D'Attila*, *Chasseur de Frime* e *Condamné à Mort*.

Após os shows, incluindo aberturas para Anvil, Accept e Trust, o guitarrista Christian Martin foi substituído por Paul Ferreira, irmão de Armando. Assim, o H-Bomb voltou aos ensaios e ao processo de composição de novas músicas, apresentadas no final de janeiro de 1984 na nova turnê pela Holanda. Pouco tempo depois, em maio, saiu o álbum de estreia, *Attaque*, que manteve o estilo entre o speed e o metal tradicional. O repertório inclui algumas faixas menos aceleradas, como *Gwendoline* e *La Horde*, e outras velozes, como *Crache et Crève*, *Exterminateurs*, *Dressé à Tuer* e *Substance Mort*. *Attaque* foi relançado em CD pelo selo Axe Killer em 1997 e novamente em 2019 pela No Remorse, com faixas bônus ao vivo.

Durante a turnê de *Attaque*, o H-Bomb se apresentou em Brétigny-sur-Orge, em um festival que reuniu bandas francesas como Hooligan, Fisc, Vulcain, Attentat Rock, Blasphème e High Power. No dia seguinte, em 10 de junho de 1984, foi uma das atrações do Heavy Sound Festival em Poperinge (BEL), tocando para mais de vinte mil pessoas no evento que ainda contou com Motörhead, Metallica, Twisted Sister, Baron Rojo, Lita Ford, Mercyful Fate e Faithful Breath.

Outro show marcante ocorreu em 8 de outubro de 1984 no Headbangers Ball Festival, realizado em Enschede (HOL), ao lado do Manowar, Alaska, Acid Together e Helloise. A banda continuou sua ascensão no início de 1985 com uma turnê de 18 datas por França, Holanda e Bélgica. No entanto, em março de 1985, ocorreu a saída de Didier Izard, substituído pelo irlandês Patrick Diamond. A escolha visava levar a banda a outro patamar, mudando as letras para o inglês.

O H-Bomb então assinou com a gravadora francesa Axe Killer Records, que soltou em 1986 o single 7" *Stop the Lights*, com *Space Station No. 5*, cover do Montrose, no lado B, e o EP *To Feel Is Pain*, lançado em picture-disc. Esta foi a primeira vez que uma banda de metal francesa lançou material neste formato, mas curiosamente as faixas *To Feel Is Pain*, *Can't Stop Lovin'* e *Stop the Lights* estavam no lado B, enquanto o lado A era somente uma colagem de fotos.

A banda chegou a se apresentar com essa formação, mas logo se dissolveu devido a divergências internas. Com o fim da banda, Armando Ferreira seguiu trabalhando como produtor, enquanto Philippe Garcia fez parte das bandas Sex e Mr. Jack, esta última com Gérard Michel. Já Paul Ferreira fez parte do Shine.

O nome H-Bomb voltou a ser comentado quando a Axe Killer lançou um box em 2009, *Axe Killer Warrior's Set*. Dez anos depois, foi lançada a coletânea *Massacre*, contendo faixas da demo de 1983 e outras gravadas ao vivo em Geleen em 1984.

ORIGEM:
França

ÉPOCA:
Anos 80

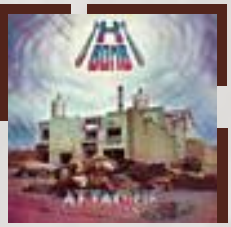
ESTILO:
Heavy metal

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Didier Izard (vocal), Armando Ferreira e Christian Martin (guitarras), Philippe Garcia (baixo) e Gérard Michel (bateria)

DISCOGRAFIA:
Coup de Métal (EP, 1983), Attaque (1984) e To Feel Is Pain (EP)

Divulgação

Coup de métal (EP, 1983)


Attaque (1984)

Clube de Revistas

ALCHEMIA

ad: www.jduartedesign.com

Spotify

ALCHEMIA - INCEPTION

ÁLBUM DE ESTREIA da banda brasileira de HORROR METAL. Mixado e masterizado por TUE MADSEN (MESHUGGAH, DARK TRANQUILLITY, SUICIDE SILENCE, entre outros) na Dinamarca.

SHOW CONFIRMADO SUMMER BREEZE BRASIL 2024

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

WWW.ALCHEMIABAND.COM

Spotify · DEEZER · amazon Prime Music · Available on iTunes · ASE · DARK INC

Clube de Revistas

ANGELUS APATRIDA

VIVENDO AS CONSEQUÊNCIAS

Víctor Valera, Guillermo Izquierdo, José J. Izquierdo, David G. Álvarez: revigorando o thrash mundial

Javier Bragado

Com *Aftermath*, os thrashers espanhóis mostram porque estão se tornando referência no estilo e um orgulho nacional

Por Guilherme Spiazzi

Considerada uma das bandas de maior proeminência do metal espanhol, o Angelus Apatrida vem ao longo de quase vinte anos rompendo barreiras territoriais e estéticas. Em seu oitavo disco de estúdio, *Aftermath*, o grupo formado por Guillermo Izquierdo (vocal e guitarra), David G. Álvarez (guitarra), José J. Izquierdo (baixo) e Víctor Valera (bateria) traz um thrash metal revigorado e cheio de ideias que extrapola os limites do estilo, fazendo da obra uma referência ao que há de mais atual no gênero. Conversamos com Guillermo sobre o peso da banda em seu país e os caminhos percorridos para que ele pudesse cantar sem amarras.

Antes de falarmos de *Aftermath*, conte como é a cena do metal espanhol.

Guillermo Izquierdo: A Espanha não era muito conhecida por exportar bandas até que grupos como Crisix e Angelus Apatrida começaram a fazer isso. Mas eu diria que a nossa cena metal é bastante sólida desde os anos 80. Inclusive, temos uma das cenas mais sólidas da Europa, com vários festivais. Ao mesmo tempo, era difícil começar algo nos anos 80 por causa da ditadura. Hoje é comum os jovens serem fluentes em inglês, mas isso não se aplica ao pessoal das décadas de 80 e 90. Por isso não havia sequer uma banda cantando em inglês. Temos bandas grandes e famosas por aqui, mas todas cantam em espanhol. É por isso que as pessoas acham estranho quando uma banda como a nossa aparece. As coisas começaram a mudar há uns dez anos, quando assinamos com a gravadora Century Media e entramos no circuito internacional de shows. Penso que a partir disso bandas mais velhas começaram a seguir o nosso caminho. Até então, nunca havia grupos espanhóis em turnê pela Europa, EUA ou América Latina. Tudo isso começou recentemente com o Angelus Apatrida.

Seus conterrâneos do Mägo de Oz já estão pelo mundo há trinta anos. Como a banda se encaixa nessa sua visão?

Guillermo: Sim, é claro que eles são muito grandes. Mas eles cantam em espanhol e fazem um som mais folk e tal. O grupo é popular na América Latina e muito grande nos EUA, especialmente nas regiões com maior número de latinos. Mas no resto da Europa não há tanta gente que os conheça – eles normalmente não fazem turnês pelo continente.

Indo para *Aftermath*, a música segue sendo pesada como nos trabalhos anteriores, mas está mais direta e emocional. O que o levou a tomar esse caminho?

Guillermo: Concordo com você. Isso foi algo que aconteceu naturalmente. Aprendemos muito sobre nós após a pandemia. *Angelus Apatrida* (2021) foi feito durante a pandemia e acho que algo mudou muito. Não percebemos naquela época, mas hoje eu definitivamente acredito que aquilo que vivemos mudou a gente de alguma maneira e delineou o que *Aftermath* veio a ser. Pensando nas letras, por causa da pandemia eu comecei a fazer terapia e aprendi a me expressar melhor e a não ter medo ou vergonha de falar aquilo que estava dentro de mim. Acho que é por isso que algumas músicas são mais emocionais. Desde criança, a música sempre foi uma maneira de expressar minhas emoções. Há músicas que me remetem a bons e maus momentos da minha vida – músicas com as quais eu chorei e gritei. Quando eu as escuto, ainda me arrepio. Pela primeira vez eu fui capaz de fazer isso de maneira mais clara e emocional. Eu tentei fazer letras assim no passado, mas elas acabavam sendo sempre metafóricas. Dessa vez elas estão mais pessoais e profundas. Estou muito orgulhoso e feliz com isso.

Em *Aftermath* vocês repetem a fórmula com Juan Angel López na gravação e Zeuss na mixagem e masterização, mas teve uma dinâmica diferente no que tange às composições. Explique melhor a estratégia adotada dessa vez.

Guillermo: Ficamos muito felizes com o resultado de *Angelus Apatrida* e resolvemos repetir. Gravar por aqui é muito bom porque você não tem o estresse de sair de casa, de ir para um estúdio diferente e ter que pagar diárias etc. López é o nosso engenheiro de som nos shows e trabalha conosco há tanto tempo que é parte do time. Quanto a Zeuss, depois de trabalhar com ele pela primeira vez, nós o convidamos novamente e ele concordou dizendo que poderia melhorar e fazer um ótimo trabalho – melhor que o anterior. Exceto pelo amplificador de baixo e por melhores microfones, todo o resto do equipamento foi basicamente o mesmo. Pela primeira vez, a maior parte das músicas foi composta durante a turnê. Por volta de fevereiro e março de 2023, nós juntamos tudo, finalizamos e então passamos o mês de abril no estúdio gravando com López. Foi um tanto fácil fazer desse jeito, mas foi um pouco arriscado porque eu achei que não daria tempo. Até o momento, acho que repetiremos o processo para o próximo disco.

Você trouxe uma informação peculiar, que o fato de López atuar ao vivo e em estúdio, fazendo com que ele viva o processo por completo...

Guillermo: Sim! Foi por isso que eu disse que ele não é apenas o nosso engenheiro de som ao vivo e nem apenas o cara que grava – ele é parte do time. Durante as passagens de som, por exemplo, às vezes eu mostrava um riff e perguntava o que ele achava e tal.

Essa é uma relação interessante porque nem toda música funciona bem ao vivo e nem toda música fica boa num disco. É difícil ter todas as composições funcionando bem nos dois meios.

Guillermo: Exato. Eu sei que algumas músicas de *Aftermath* não funcionarão bem ao vivo, ao passo em que talvez alguma faixa que não é muito tocada no Spotify encante o público quando a fizermos ao vivo. *Violent Dawn* (*The Call*, 2012), *Serpents on Parade* (*Hidden Evolution*, 2015) e *One of Us* (*Cabaret de la Guillotine*, 2018) são exemplos de músicas que não era muito populares quando lançamos os respectivos discos, mas as pessoas queriam ouvi-las ao vivo. Da mesma forma que não tocamos alguns singles ao vivo porque eles não funcionam bem.

AFTERMATH
Century Media - Imp.

Imagino que *Rats*, uma das faixas mais agressivas em *Aftermath*, funcionará muito bem ao vivo.

Guillermo: Ela quase foi um single. É realmente muito difícil escolher um single. *Rats*, *Gernika* e até mesmo *Vultures and Butterflies* poderiam ser singles. Inclusive, alguém da Century Media queria essa última como single. Achamos que poderia ser estranho porque é uma balada e ainda tem um vocalista convidado. Mas enfim, concordo que *Rats* pode funcionar muito bem ao vivo. Ela é uma porrada!

***Aftermath* conta com vários convidados. Dentre eles, se destacam Todd La Torre (Queensrÿche) e o rapper Sho-Hai – nomes que não têm a ver com o thrash metal. Como chegaram em ambos?**

Guillermo: La Torre é muito amigo de Zeuss e descobriu o Angelus Apatrida há uns dois anos. Depois de ouvir o disco anterior, ele me enviou um e-mail elogiando e dizendo para mantermos contato. Eu nem acreditei que o vocalista do Queensrÿche curtia o nosso som, isso foi muito legal. Como mantivemos o contato, durante as composições eu percebi que um vocal mais heavy metal se encaixaria bem numa da músicas e imediatamente chamei La Torre, que aceitou de imediato. O resultado ficou incrível. Já Sho-Hai é uma estrela do rap espanhol que cantava no Violadores del Verso, um dos primeiros grupos de rap da Espanha – eles são enormes! O cara é muito amigo meu, gosta de heavy metal e realmente curte o Angelus Apatrida. Quando pensamos em fazer algo juntos, logo veio a ideia de um crossover no estilo *Bring the Noise* do Anthrax com o Public Enemy. Porém, Sho-Hai disse que não sabia cantar em inglês e então eu sugeri fazermos algo diferente com ele cantando em espanhol mesmo. Por que não, né? Acho que ficou muito bom porque ele tem um estilo vocal muito característico e mesmo que você não entenda o que ele está cantando, dá para sentir que ele está puto. Entende?

Sho-Hai meio que trouxe uma pegada Biohazard para esse som de vocês, concorda?

Guillermo: Sabe que essa foi a primeira vez que ele cantou dessa forma mais rápida? Para nós, a parte é bastante lenta, mas para ele é muito rápida (risos). Realmente, ele meio que abordou de maneira old school como o Biohazard. Estou sempre encorajando ele a fazer mais coisas assim juntos. Talvez uma banda nova misturando o atual e o antigo.

Antes de encerrar, quero saber como foi tocar no Brasil e quais impressões o país deixou em você?

Guillermo: Tenho uma boa relação com o Brasil. Uma das últimas turnês antes da pandemia foi a brasileira. Nela tocamos cerca de doze shows. Voltar é uma prioridade, mas dessa vez queremos tocar em lugares nos quais ainda não fomos, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e norte do país. Temos muitos bons amigos no país, como o Kaka, da Xaninho Discos. Estamos trabalhando para ir no início de 2024. O Brasil tem bandas incríveis. Obrigado pelo seu tempo e espero vê-los logo.

Clube de Revistas

BRUCE DICKINSON

THE MANDRAKE PROJECT

BMG - NAC.

9,5

Não que Bruce Dickinson tenha ficado parado - o que até literalmente ele não consegue, diga-se -, mas 19 anos é mesmo muito tempo de espera por um novo álbum solo. Felizmente, *The Mandrake Project* é exatamente o que os fãs esperavam, especialmente aqueles que tinham a ansiedade carregada pela qualidade dos três discos anteriores. Com o mesmo time de *Tyranny of Souls* (2005) na parte instrumental – Roy Z (guitarra e baixo), Maestro Mistheria (teclados) e Dave Moreno (bateria), com Tanya O'Callaghan assumindo as quatro cordas na turnê - e a parceria com o braço-direito Roy na parte criativa, Dickinson deu à luz um trabalho que transcende a música, como você pode conferir na entrevista que ilustra a capa desta edição. Além disso, ele pode se gabar de ter gravado algumas das melhores canções de sua carreira, e uma delas tem um holofote particular: *Sonata (Immortal Beloved)*, a música mais bonita que você vai ouvir em 2024 (sim, estou apostando todas as minhas fichas), com um refrão cuja simplicidade é o trunfo graças a uma interpretação emotiva de Dickinson, além de um desfecho à la Pink Floyd que destaca os dedos de Roy Z... Fantástica! Para quem aguardava uma balada mais simples, para colocar ao lado de *Tears of the Dragon* e *Man of Sorrows*, há *Face in the Mirror*, então sai todo mundo satisfeito, até porque o restante do material é muito acima da média. E *Afterglow of Ragnarok*, acredite, não faz justiça sozinha, ainda mais com as ótimas *Many Doors to Hell* (mais hard/classic rock, com um quê de Scorpions no início) e *Rain on the Graves* (com algo de Alice Cooper tanto em trechos instrumentais quanto na melodia vocal falada) vindo a seguir. Os ares de Iron Maiden não aparecem apenas na maravilhosa *Eternity Has Failed*, que virou *If Eternity Should Fail* nove anos atrás nas mãos da Donzela de Ferro, que respeitou sua estrutura; e isso porque *Mistress of Mercy* poderia muito bem ser um daquelas faixas arrasa-quarteirão, e o tema de guitarra antes do solo é apenas a confirmação. E depois de tudo isso, há três faixas que ainda conseguem se destacar com louvor: a poderosa e surpreendente *Resurrection Men*, a curta porém rica *Fingers in the Wounds* e *Shadow of the Gods*, na qual Dickinson mostra por que é um dos maiores vocalistas de todos os tempos.

Daniel Dutra

LUCIFER

IV

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

A expectativa depois de *IV*, um dos melhores discos de 2021, não apenas era grande como reforçava o ponto em que se encontra o Lucifer. A banda liderada pela vocalista Johanna Sadonis não deixou de ser underground, e hoje um fortíssimo nome do underground, mas isso bem pode ser apenas uma questão de detalhes. Afinal, basta um furinho na bolha para vazar em grande quantidade a música que ela, Martin Nordin e Linus Björklund (guitarras), Harald Göthblad (baixo) e Nicke Andersson (bateria) vêm fazendo. Não bastasse ser mais um baita disco de rock'n'roll – escute *Fallen Angel*, com um riff que ouvidos mais atentos vão relacionar a *School's Out*, de Alice Cooper –, *V* é também extremamente palatável ao público que não é do metal. A influência hard rock do Heart dos anos 1970 fica escancarada em *Stranger Sister*, com um refrão bem grudento, e na excelente *A Coffin Has No Silver Lining*, e o lado radiofônico segue presente em *Riding Reaper* (boa demais para cantar junto) e na viciante *Maculate Heart*. Mas como não estamos falando de um disco de música pop, o ouvinte é presenteado com a balada bluesy *Slow Dance in a Crypt*, que reforça a interpretação de Johanna, e com *The Dead Don't Speak*, uma daqueles blues pesadões à la Black Sabbath, cuja referência aparece igualmente nos trechos doom metal de *At the Mortuary* e *Nothing Left to Lose But My Life*, esta misturando todos os elementos num puro êxtase musical. Discaço!

Daniel Dutra

MIKE TRAMP

SONGS OF WHITE LION

FRONTIERS MUSIC - IMP.

6,5

Não canso de dizer que o White Lion era uma banda que nas mãos de Vito Brata (guitarra), James LoMenzo (baixo) e Greg D'Angelo (bateria) fazia um hard rock impecável, mas que carecia de um vocalista com mais punch e recursos técnicos que o líder Mike Tramp. E agora ele resolve regravar músicas de sua consagrada ex-banda... Bem, penso que disco de regravações é sempre um campo minado. O Exodus, por exemplo, mexeu com o clássico *Bonded By Blood* e voou pelos ares com *Let There Be Blood*, que sequer dispõe da formação completa do debut. Em *Songs of White Lion*, Tramp cometeu o mesmo devaneio e com o agravante de hits como *Little Fighter*, *Broken Heart*, *Love Don't Come Easy*, *Hungry*, *Wait*, *Living on the Edge* e *Tell Me* estarem em afinação mais baixa porque há tempos o dinamarquês não aguenta cantar o que nunca foi difícil. Ao menos a releitura da balada *When the Children Cry* caiu bem para esse formato desanimado e melancólico atual de Tramp cantar. Quem salva o trabalho num todo é o guitarrista Marcus Nand, pois sem o talento demonstrado a nota para esse disco seria inferior à recebida.

Leandro Nogueira Coppi

HURRICANE

RECONNECTED

ESCAPE MUSIC - IMP.

6,5

Quarenta anos após sua criação, a banda americana de hard rock Hurricane retorna com *Reconnected* e abre os trabalhos com *Rock Star Cheater*, uma faixa mais acelerada e com pegada Dio dos anos 80. Os fundadores Robert Sarzo (guitarra) e Tony Cavazo (baixo) – sim, são irmãos de quem você pensou –, que agora atuam com Daniel Schumann (vocal) e Mike Hansen (bateria), bem que tentam repetir os bons ganchos de sucessos obtidos em *Over the Edge* (1988) ou *Slave to the Thrill* (1990), mas nem tudo aqui é vencedor. O repertório do sucessor de *Liquifury* (2001) segue com *You and I*, que não é uma faixa abaixo do esperado, mas seria mesmo o melhor que eles poderiam dar? Bem, depois vem um cover legal para *Under Pressure* (Queen). Difícil estragá-la... Já a power ballad *Behind Your Shadow* pelo menos mostra por quê Schumann foi escolhido. *Innocent Girl* faz juz ao passado, assim como *Don't Change Your Love*, outra com boa presença de Schumann, mas um rojão festivo vem com *I'm on to You*. Mas, ops, esta é uma regravação de um antigo hit de *Over the Edge*. O resto do repertório não compromete e o disco poderá contentar os mais afoitos e nostálgicos.

Ricardo Batalha

DEAD OR A LIE

AMBIVALENCE

INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Ambivalence, novo trabalho da banda de Araraquara (SP) Dead or a Lie, vem com uma concepção interessante baseada nas teorias de Zygmunt Bauman, que exploram lo conceito de "modernidade líquida" e a natureza fluída das relações humanas na sociedade moderna. O sucessor de *Monster* (2020) traz mudanças, pois o line-up fixo agora conta com Wiliam Albino somente no vocal (antes também era baterista), Matheus Vieira e Carlos Oliveira (guitarras). No entanto, o DNA do doom, stoner e sludge felizmente permanece inalterado nas cinco faixas do repertório. A produção, mixagem e masterização ficaram novamente a cargo de Ali Zaher Jr. (CPM 22), que também foi responsável por gravar o baixo – Daniel Cestari (bateria) e Matheus Botelho (teclado) completaram o time nas gravações. A melancólica *Helpless Again* se inicia sob um clima cinematográfico intrigante, tendo depois

incursões de peso e as guitarras na linha Black Sabbath. Mantendo a mesma linha, *The Price of Beauty* vem mais agressiva e totalmente com guitarras na escola Tony Iommi, assim como *Ambivalence (On a Radioactive Planet)*. Destaque ainda para *An Eternity of Lies*, mais uma em que o timbre cavalar do baixo também se destaca. Em qualquer lugar do mundo e em qualquer época pós-1970 o Dead or a Lie se encaixaria bem com seu som. Mais ainda agora, que encontrou sua maturidade musical.

Ricardo Batalha

NIGHTWÖLF

THE CULT OF THE WOLF
KILL AGAIN - NAC.

8,5

Heavy metal tradicional forjado nas melhores fontes britânicas é o que você escuta em *The Cult of the Wolf*, primeiro álbum da banda brasiliense Nightwölf, surgida em 2017 e que demonstra franca evolução em relação ao EP *Unleash The Beast* (2020). Jack Snake (vocal), Rafael Roan e Adan Hessen (guitarras), Guilherme de Almeida (baixo e vocal) e João Videira (bateria) capricham no peso, em uma das melhores produções dentro do estilo feitas por bandas nacionais nos últimos anos. *Glory Or Death*, que inevitavelmente remete aos trabalhos mais recentes do Judas Priest, é o destaque imediato, com riff acelerado, quase thrash metal. Enquanto a faixa título, com arranjos flamencos no início, é uma aula de cadência e peso, você vai encontrar ainda o ritmo acelerado de *Under The Sky*, *Do Or Die* e *The Riddle of Steel*, que fazem valer e muito a dedicação do Nightwölf. Único ponto a, talvez, ser reavaliado é a quantidade de agudos que Snake emprega. Apesar de ser dono de muito boa voz, sua busca por tons mais altos acaba sendo um recurso usado em demasia.

Alessandro Bonassoli

NECRONOMICON

CONSTANT TO DEATH
EL PUERTO - IMP.

8,5

Constant To Death, 11º álbum do Necronomicon, é o segundo que conta com a mesma formação, algo que não ocorria desde os ábuns *Pathfinder... Between Heaven And Hell* (2015) e *Unleashed Bastards* (2018). Ponto positivo para Volker "Freddy" Fredrich (voz e guitarra), único da formação original da banda alemã. A continuidade de Rik Charron (bateria), Glen Shannon (guitarra solo) e Marco Lohrenz (baixo) foi decisiva para avançar além do bom *The Final Chapter* (2021). E quanto mais ouço Necronomicon mais lamento que o destino não deu a eles o destaque de Kreator, Destruction e Sodom. É thrash metal oitentista sim, mas de qualidade e com nítidas investidas nos moldes contemporâneos do estilo. Me agrada muito o fato de a banda ter faixas de menor duração, como as ótimas *Children Cry Alone*, *They Lie* e *Redemption*, todas com pouco mais de dois minutos. Sim, é possível fazer o público feliz com músicas mais curtas, Iron Maiden e Dream Theather! Entre as mais extensas, Fredrich e seus aliados capricharam em *Black Rain*, *The Guilty Shepherd* e *The Blood Runs Red*. Enquanto os álbuns do quarteto não são lançados no Brasil, vale ouvir o que está disponível nas plataformas de streaming.

Alessandro Bonassoli

BARONESS

STONE
ABRAXAN HYMNS - IMP.

6,0

Eis uma banda difícil de catalogar e até de digerir. Liderado pelo vocalista e guitarrista John Dyer Baizley, o quarteto americano teoricamente tem o heavy metal à frente em termos de influências. Porém, não pense em Judas Priest, Black Sabbath ou Iron Maiden quando tentar inferir qual o som a que o Baroness se dedica, já que sua música ganha muitos toques de modernidade, gerando uma sonoridade muito menos agressiva do que os nomes tradicionais do estilo costumam nos oferecer. Também o fato de Baizley dobrar praticamente todos os vocais (um na tonalidade natural, outro uma terça acima) acaba tornado tudo meio aborrecido. Mas o problema nem é isso tudo, muito menos a produção – moderna, mas certeira. Porque, no fim das contas, o que conta são as composições. Se elas não agradam, não tem o que salve. E aqui poucas conseguem empolgar. A gente percebe que o Baroness tem uma excelente guitarrista (Gina Gleason teve tributos femininos a Metallica e King Diamond), mas não é o suficiente. O grupo peca nas melodias, via de regra beirando o pop, o que joga por terra todo o esforço de Gina. Dá pra passar *Last Word* (solo inspiradíssimo) e *Magnolia*, que tem vocal agressivo e guitarra pesada. Música é criatividade, mas inventar demais complica as coisas.

Antonio Carlos Monteiro

DESPISED

SCORCHED EARTH
KVLT UND KAOS/THANATOLOGY - IMP.

8,5

DespiseD, duo de Mogi Guaçu (SP), surgiu com faca nos dentes durante a pandemia. Apesar do cenário delicado de 2021, Rodolfo Carrega (vocal) e Alex Roque (baixo e guitarra) lançaram quatro singles. Posteriormente, trabalharam no primeiro full-length, *Scorched Earth*. Por enquanto, o álbum físico está disponível apenas na China e Europa, mas a sonoridade brutal de suas doze faixas está em todas as plataformas digitais. Em síntese, o trabalho possui clima de vanguarda do death/grind, o que significa que se você se sente à vontade ao ouvir bandas como Terrorizer, Defecation e Brutal Truth, certamente gostará deste debut. Algumas execuções chamam atenção pela velocidade, como *Torn to Shreds* que, assim como *Chaos by the Hands of God*, dispara blast beats capazes de despertar um vulcão. As músicas que marcam melhor o peso são *Chernobyl Burns*, com ótimo acompanhamento da bateria e uma pegada mais cadenciada, e o andamento mais sombrio de *Coldblooded Murder*. O álbum traz ainda a participação de Maurício Weimar na bateria convencional de *Welcome to Your Ruin*. Sim, as outras faixas possuem bateria programada pelo próprio Alex. A versão brasileira sairá em breve e trará um cover para *Breed to Breathe* do Napalm Death.

Leonardo M. Brauna

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

RICHIE FAULKNER
(JUDAS PRIEST, ELEGANT WEAPONS)

Black Sabbath - *Vol. 4*
Judas Priest - *Defenders Of The Faith*
Iron Maiden - *Somewhere In Time*
The Jimi Hendrix Experience - *Electric Ladyland*
Ufo - *Strangers In The Night*

Fotos: Divulgação

MICHAEL "AWAY" LANGEVIN
(VOIVOD)

Iron Maiden - *Iron Maiden*
Van Der Graaf Generator - *H To He, Who Am The Only One*
Sex Pistols - *Never Mind The Bollocks...*
The Beatles - *Rubber Soul*
Kiss - *Alive!*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

SAVANT

SAVANT ATTACK
VOICE MUSIC - NAC.

8,5

Muitas bandas aproveitaram a "pandemônia" para lançar novos trabalhos. Não foi o caso do Savant, tradicional nome da cena carioca, que tinha *Savant Attack*, seu quarto trabalho, pronto em 2020 mas preferiu aguardar o momento ideal para lançá-lo. Isso finalmente acontece agora e Antonio Vargas (vocal e guitarra), Frederico Lima (baixo), Daniel Escobar (guitarra) e Felipe Sabóia (bateria) acertaram na decisão. Em conversa exclusiva com a ROADIE CREW, o vocalista – único da formação original – explicou que foi possível rever o material e aprimorá-lo ainda mais. Escobar, com a experiência de ter feito a produção de álbuns do Forkill, Eros e Grave Desecrator, produziu as novas 11 faixas. Destaques imediatos são *Rejected Prophecy*, a faixa-título, *Walk Alone*, *One Step To Madness* e a excelente *Burden Visions*. A música é uma balada (padrão *thrash metal*) com a participação especial de Fernanda Lira (Crypta), que surpreende com uma belíssima interpretação com vocal totalmente oposto ao gutural/rasgado pelo qual ela é conhecida. É preciso agradecer ao Savant por um dos melhores álbuns de 2023 e por revelar uma nova e ótima faceta de Fernanda.

Alessandro Bonassoli

MAGNUM

HERE COMES THE RAIN
VALHALL/SOUND CITY/SPV - NAC.

8,0

Taí uma banda que não se deixa abalar por dificuldades impostas pelo atual mercado musical e não para de soltar novos trabalhos. Na verdade, descontado o período em que esteve inativo (1995 a 2001), o Magnum nunca deixou um intervalo maior que três anos entre seus lançamentos. Assim, dois anos depois de *The Monster Roars*, o quinteto ataca novamente. Bob Catley (vocal), Tony Clarkin (guitarra), Dennis Ward (baixo), Lee Morris (bateria) e Rick Benton (teclados) – mesmo time do disco anterior – continuam com aquela fidelidade canina ao AOR que os consagrou e entregam mais um álbum típico do gênero. E isso fica bem evidente logo na faixa-título, que vai agradar em cheio os fãs do estilo. Mas não é só disso que é feito *Here Comes the Rain*. Os caras chegam bem perto hard rock em *Blue Tango*, mandam uma balada de refrão grudento em *The Day He Lied* e incluem uns metais classudos em *The Seventh Darkness*. Como nem tudo é perfeito, outra balada, *Broken City*, não vai conquistar o ouvinte mais exigente, mas tudo melhora no final: *Borderline*, que fecha o disco, destaca os vocais com drive de Bob e a guitarra pesada de Tony. Agora é esperar, porque em 2026 certamente tem mais.

Antonio Carlos Monteiro

EKTOMORF

VIVID BLACK
AFM - IMP.

5,0

Muitas bandas ao redor do mundo há tempos usam Sepultura e Soulfly como referências, mas Zoltán Farkas, que tem Max Cavalera como seu vocalista favorito, até abusa. No sucessor de *Reborn*, o Ektomorf imprime seu groove metal, hardcore e thrash na linha Sepultura e Soulfly, bem como com pitadas de Machine Head, Pro-Pain, Slipknot, Ill Niño e Static-X. Porém, desta vez o grupo húngaro não se deu tão bem, porque se tem uma coisa que não funcionou foi o vocal limpo, mais melódico e choroso de Farkas, que consegue a façanha de estragar boas músicas como *Fade Away* e *Die*, por exemplo. Ao invés de tentar ser um Corey Taylor de quinta categoria, bastaria ter um 'special guest' ali, pois, além de chamar a atenção, seria feito por quem tem mais capacidade e habilidade. Outra altamente descartável é a arrastada *REM*, com vocais chorosos na onda feita por Tom Gabriel Fischer no Apollyon Sun. Seja como for, *You and Me* e *I Don't Belong to You* estão entre os destaques de um disco que se Farkas merece todos os créditos pela excelente produção, colocou tudo a perder com vocais limpos, um terreno que claramente ainda não domina.

Ricardo Batalha

WINTERSTORM

EVERFROST
AFM - IMP.

7,0

A banda alemã Winterstorm tinha quatro álbuns no currículo e desfrutava de boa repercussão com *Cube of Infinity* (2016). Porém, planos foram adiados em função da pandemia e, em 2021, uma mudança na formação, com o guitarrista Jochen Windisch no lugar de Tobi Loden. Passado esse período turbulento, o grupo finalmente solta seu quinto trabalho de estúdio, *Everfrost*, contendo onze faixas, sendo o instrumental composto pelo guitarrista Michael Liewald e letras escritas pelo vocalista Alexander Schirmer – fecham o time o baixista Peter Cerveny e o baterista Jonas Hack. As temáticas giram em torno da história de uma civilização à beira de extinção, por causa da exploração do planeta (não soa como mera ficção, certo?). Musicalmente, há elementos típicos de quem investe em um power metal recheado de sinfonias e coros e que soa saturado em alguns momentos. Mas fãs do estilo com certeza vão curtir a grudenta *To the End of All Known*, a inspirada *The Phoenix Died (Remember)*, com a presença da vocalista Elina Siirala (Leaves' Eyes), e a ótima *Final Journey*, com colaboração do cantor "Robse" Dahn (ex-Equilibrium).

Thiago Prata

GATILHO CANHOTO

QUEM MANDA AQUI?!
FAMA - NAC.

8,0

Formada em Jundiaí/SP, a banda Gatilho Canhoto apresenta aqui o seu primeiro trabalho de estúdio. Cris Dafré (baixo e vocal), Rafão Neves (vocal e guitarra) e Fábio Germano (guitarra) são rápidos e concisos, pois as sete faixas do repertório não chegam a quinze minutos. Por outro lado, *Quem Manda Aqui?!* não possui apenas riffs velozes em cima de uma cozinha trituradora, pois, a exemplo de *M.E.D.O.* e *O Caos É pra Você*, algumas músicas trazem trechos melódicos inusitados. Apesar disso, outras como *Dá um Like*, no auge de seus 45 segundos, e *Ai Ai Ai*, com duração menor ainda, representam o naipe todo poderoso do hardcore. Pelo título já deu para saber que o tema do álbum é pertinente a todas as bandas desta vertente, porém, aqui o autor das letras, Cris, faz uma abordagem mais atual sobre questões relacionadas a redes sociais, domínio capitalista etc. Gatilho Canhoto é, acima de tudo, uma banda de assuntos mistos e canções como *A Ira*, com um pé mais no metal, também a deixa mutável no estilo musical.

Leonardo M. Brauna

NIMROD

LEGACY OF THE DEAD
METROPOLIS - IMP.

8,5

Um dos pioneiros do metal chileno, o Nimrod está de volta com *Legacy of the Dead*. Já valeria resenhar o sucessor de *God of War and Chaos* (2017) só por causa do cover para *Merciless Death*,

do Dark Angel. Afinal, a versão conta com Don Dotty, primeiro – e para este redator – único vocalista do grupo dos EUA a ser considerado. Mas Christian Irarrázava (guitarra), Fernando Gonzales (baixo), Mauricio Monardes (bateria) e o também americano Gary Wayne (vocal) criaram um dos melhores álbuns do ano. No primeiro single, *Mortality of the Sea*, e em outros destaques como *Die Alone*, *Calling All Sinners*, *March of the Damned*, *The Message* e *Conspiracy*, o que se ouve é thrash metal como deve ser feito: direto, pesado e com as melhores influências germânicas e norte-americanas do estilo. Mas espere que ainda tem mais. Eles registraram outro cover muito bacana: *Neon Knights*, do Black Sabbath, que foi cantado por Ronnie Romero, um dos conterrâneos mais famosos do Nimrod, que já prestou serviços para Michael Schenker Group, Vandenberg, Rainbow, Elegant Weapons, Lords Of Black, Sunstorm e The Ferrymen. Ouça e aproveite para iniciar o bom hábito de prestigiar o metal sul-americano!

Alessandro Bonassoli

MALEVOLENT AGE

THE ETERNAL BEAST
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

"Agressividade, acordes dissonantes e melodias tortas". É desta forma que o Malevolent Age sintetiza seu som. E é exatamente isso que o ouvinte vai encontrar nas cinco faixas que fazem parte do EP de estreia da banda paulista formada por Rodrigo Malevolent (The Laws Kill Destroy, Pentacrostic) no baixo, Rafael Orsi (The Anger, ex-Genocídio) na guitarra e Fabio Moysés (Chaosfear, Insanitah, ex-Pigmachine, Apoleon, Mastiff, Genocídio e outros) na bateria. Só que há outros pontos importantes a salientar a respeito do grupo paulista de death metal. Um deles é que os três integrantes se revezam nos vocais, o que, acompanhado de um instrumental denso, técnico e brutal, cria camadas recheadas de bom gosto musical em *The Eternal Beast*. E tudo isso fica evidente logo após a intro *Now, Rise!*, com a trinca *The Underworld* (com um solo muito legal), *The Horror Master* (rica em detalhes, sem perder um grama de peso) e *Psychomaniac* (com leves pinceladas de black/death). O último ato é a epopeia *Hellish Dream*, com seus quase sete minutos, findando um trabalho conceitual sobre a decadência do ser humano, que se torna aquilo que ele próprio repudia.

Thiago Prata

GREEN LUNG

THE HEATHEN LAND
NAPALM - IMP.

9,0

E eis que se escreve mais um capítulo da saga "claro que existem bandas novas muito legais, você que não sabe procurar". Os britânicos Tom Templar (vocal), Scott Black (guitarra), Joseph Ghast (baixo), John Wright (teclado) e Matt Wiseman (bateria) se juntaram em 2017 e já soltaram um EP e três álbuns completos desde então. Não por acaso, os caras têm sido incensados pela imprensa especializada. O que acontece é que o stoner com leves toques de doom e uma descarada influência setentista dos sujeitos funciona muito bem. O detalhe mais interessante aqui é a evidência do teclado na música – na verdade, John Wright é mais um organista do que tecladista, já que é o Hammond que comanda as ações na maior parte do tempo e nesse aspecto ele rivaliza (no bom sentido) com a guitarra de forma a lembrar o Deep Purple. Mas não é só Wright que brilha. Templar tem uma voz interessante, a guitarra mostra que bebeu na fonte Tony Iommi (ouça *The Ancient Waves*) e a cozinha esbanja peso e criatividade. Arranjos e soluções simples provam mais uma vez que a música não precisa ser complicada para ser legal. E se você quer algo diferente, vá direto a *Song of the Stones*, que é uma espécie de "folk doom" completamente soturno. Criativo, pesado e muito interessante. Vá atrás e não se arrependerá.

Antonio Carlos Monteiro

LED ZEPPELIN
IV

Em 1971, o Led Zeppelin já havia alcançado sucesso de forma rápida e conquistando milhares de fãs pelo mundo. Porém, os críticos pareciam não gostar tanto assim, atribuindo essa fama da banda à moda e não necessariamente ao seu talento artístico e musical. Seus três primeiros álbuns tiveram a imagem da banda nas capas, fazendo com que os críticos mais severos pudessem acreditar que o Led era uma moda passageira.

Para *IV*, a gravadora deu à banda um controle criativo maior. Para estarem livres de distrações, o álbum foi gravado em uma mansão isolada em ruínas de duzentos anos no interior da Inglaterra. Quando a Atlantic Records descobriu que o álbum não teria o nome da banda na capa, título e nem mesmo créditos ao artista, ficou preocupada. Tentaram convencer que estava cometendo um "suicídio comercial", mas a banda bateu o pé e a escolha foi mantida. A ideia era mostrar ao mundo que o Led era mais do que uma tendência.

Na capa vemos um quadro antigo pendurado em uma parede descascada, com a imagem de um idoso carregando longos gravetos nas costas em um ambiente bucólico. O quadro foi encontrado pelo vocalista Robert Plant e o guitarrista Jimmy Page em uma loja de antiguidades. Eles acharam que aquela imagem poderia ser uma referência à "destruição do antigo", que posteriormente foi contrastada com fotografias de arranha-céus, usadas na contracapa, como forma de ilustrar um equilíbrio entre o tradicional e o novo. Basicamente, era uma forma de conectar o conceito da música deles naquele momento com essa nova estética e direcionamento artístico, e claro, também dar um recado aos críticos, que não os levavam a sério no começo, de que a banda veio para ficar e que eles queriam deixar a música falar por si só.

O mistério por trás da foto do idoso foi solucionado 52 anos depois do lançamento por um pesquisador inglês. Originalmente, é uma foto em preto e branco, parte de um álbum vitoriano, atualmente no museu de Wilshire. Ela é obra de um homem chamado Ernest Howard Farmer, que fez aquelas fotos de presente para sua tia. O idoso da foto foi identificado como Lot Long, de 69 anos, que cobria telhados de palha em casas de campo na zona rural de Wilshire, na década de 1890. Infelizmente, o quadro colorido da capa foi perdido.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Clube de Revistas

AMORPHIS

QUEEN OF TIME (LIVE AT TAVASTIA 2021)
ATOMIC FIRE/SHINIGAMI - NAC.

8,5

O nome já entrega, e a data sela a ocasião: o Amorphis fez, como muitas outras bandas, um show on-line durante a pandemia, sem plateia, e o resultado da apresentação é, como foi para algumas daquelas muitas bandas, o lançamento em formato físico. E ao decidirem tocar na íntegra seu 13º disco de estúdio, o aclamado *Queen of Time*, Tomi Joutsen (vocal), Esa Holopainen e Tomi Koivusaari (guitarras), Olli-Pekka Laine (baixo), Santeri Kallio (teclados) e Jan Rechberger (bateria) levaram suas dez faixas a outro patamar sonoro. Você pode até dizer que, tirando a adaptação de Holopainen do solo em *The Golden Elk*, é quase como se estivesse ouvindo o álbum de estúdio dos finlandeses. É quase uma verdade, afinal, a execução instrumental e os vocais de Joutsen, que passeia com primor pelo gutural e o limpo, são milimétricas. Obviamente, há partes que tiveram de ser sampleadas, como o solo de sax de Jørgen Munkeby (Shining) na excelente *Daughter of Hate*, mas há uma energia extra e palpável no que se ouve saindo das caixas de som, uma que só é possível repassar quando se está em cima do palco. Assim, ótimas canções como *The Bee*, *Wrong Direction* e *We Accursed* ficaram ainda melhores, sendo que a cereja do bolo fica por conta da participação virtual de Anneke van Giersbergen em *Amongst Stars*, uma vez que a vocalista holandesa gravou sua parte em vídeo para projeção no show. Infelizmente, porém, a versão nacional não vem acompanhada do vídeo da apresentação.

Daniel Dutra

SADUS

THE SHADOW INSIDE
SHINIGAMI / NUCLEAR BLAST - NAC.

10

Após 17 anos sem lançar um álbum de estúdio, o Sadus, que hoje segue com Darren Travis (guitarra, baixo e vocal) e Jon Allen (bateria), reaparece com *The Shadow Inside*. A ausência do baixista Steve DiGiorgio (Testament), que gravou todos os álbuns anteriores, poderia impactar na condução do peso, mas felizmente a dupla remanescente é a principal compositora, o que rende a Travis total conforto para executar as próprias ideias nas quatro cordas. Em segundo lugar, o potencial do Sadus continua intacto e sem rasuras, pois embora alguns arranjos adornem este álbum com um pouco mais de técnica, a velocidade segue pulsante. O terceiro ponto está na produção coesa, já que Juan Urteaga, que trabalha com os californianos desde 2006, foi mantido. A mesma fórmula também foi repetida na capa desenhada por Travis Smith, que é requisitado desde *Elements of Anger* (1997). Para um grupo genuinamente 'old school', arriscar demais poderia não ser boa escolha. Contudo, este sexto álbum aflorou um lado mais requintado, com execuções velozes e bem trabalhadas como *First Blood*, ou alternadas com peso como *It's The Sickness*. O tempo passou, mas para o Sadus o auge continua vivo.

Leonardo M. Brauna

HATEMATTER

ANTITHESIS
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Seja pelo instrumental ou pelas letras (muitas delas inspiradas em obras de ficção científica ou distopias), o quarto álbum da banda paulista Hatematter, *Antithesis* (2023), transpira meticulosidade, riqueza de detalhes e transcende o death melódico pelo qual a banda costuma ser rotulada. Em termos sonoros, groove, teclados, sintetizadores e flertes com industrial tornam *Last Thread of Hope* (que começa rápida e reúne melodias de bom gosto), *S.T.A.Y.* (com ar gótico que logo se dissipa e ganha outros contornos) e *Liberate Me* (com influência de Rammstein) alguns dos destaques. Mas não fica nisso. *Condemned to Unexist*, recheada de bons riffs e solos e enredo inspirado no clássico livro "1984" (1949), de George Orwell, e *Where the GrassHopper Lies*, com letra calcada na icônica obra "O Homem do Castelo Alto" (1962), de Philip K. Dick, também merecem sua atenção. Ponto para Luiz Artur (vocais), André Martins (baixo), André Buck (guitarra), Thiago M. Ribeiro (guitarra e vocais), Rafael Augusto Lopes (sintetizadores e orquestrações) e Marcus Dotta (bateria, substituído por André Kim após as gravações).

Thiago Prata

RPWL

CRIME SCENE
GENTLE ART OF MUSIC - IMP.

8,0

A ideia central pode até parecer tétrica para alguns, mas não deixa de ser interessante: com o aumento da criminalidade na Alemanha natal da banda durante a pandemia, o quarteto decidiu retratar algumas histórias de crimes e assassinatos em seu novo disco – o que explica o título *Crime Scene*. Porém, ao contrário do que se possa pensar, não há temas densos, muito menos assustadores ao longo das seis faixas. Yogi Lang (vocais e teclado), Kalle Wallner (guitarra), Markus Grützner (baixo) e Marc Turiaux (bateria) optaram por retratar a emoção que envolve cada um dos casos tratados de forma muito mais sutil do que explícita – veja o arranjo de *Life in a Cage*, por exemplo, e entenda o que quero dizer. Claro, há exceções, como nos momentos em que o baixo conduz as ações na longa e hipnótica *King of the World*, mas no geral a sutileza impera. E, afinal de contas, nada mais lógico e esperado para um grupo que começou como um tributo a Pink Floyd e que continua fiel às suas origens. Trabalhado, elegante e magistralmente produzido. Assim é *Crime Scene*.

Antonio Carlos Monteiro

SLOWNER

LEADING TO NOWHERE
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

Oriunda de Recife (PE) e nascida em 2018, a Slowner chega a seu segundo EP vivenciando "o ônus e o bônus" em um mesmo lançamento. Primeiramente vamos aos pontos positivos – e são vários – presentes em *Leading to Nowhere*. A formação que conta com Gabriel Sena (vocais e guitarra), Isaac Freire (guitarra), Renata Ramos (baixo) e Gabriel Maia (bateria) demonstra uma mescla empolgante de doom, stoner e metal alternativo. São cinco faixas, ao todo, todas com muitos predicados: o rockão bem anos 90 de *90 Days*, a cadência certeira de *Control*, o tom dark que permeia *Dire Cycles*, a veia mais doom e aterrorizante de *Frontline* e a intrigante *Seer*, que vai crescendo ao longo de seus mais de sete minutos de duração. Junte tudo isso a letras que te induzem a reflexões das mais diversas. Mas aí vem a famigerada pergunta: "Onde está o lado ruim de um disco que aparenta ser tão bom?". A produção e, sobretudo, a mixagem não condizem com a qualidade das composições. Aliás, até atrapalham. Uma pena!

Thiago Prata

GARDNER JAMES

NO STRINGS
PAVEMENT ENTERTAINMENT - IMP.

7,5

Caso você não saiba, Janet Gardner foi vocalista e guitarrista base da formação clássica do Vixen, da qual saiu definitivamente no início de 2019, ano em que lançou o álbum solo *Your Place In The Sun*,

composto e produzido com seu marido Justin James. Guitarrista que investe em bons solos sem apelar para malabarismos egocêntricos, ele tocou com Tyketto e Collective Soul, entre outros. No ano seguinte, já sob o nome Gardner James, a dupla apresentou *Sinergy*, precursor de *No Strings*, que sai agora. Nas 13 faixas reina o hard rock, mas a versão atual, bem mais madura do que o era feito na era dourada do estilo nos Estados Unidos. Acompanhados por Richie Rivera (bateria) e Anthony Gemignani (baixo), Janet e Justin apresentam muita qualidade em *I'm Living Free* e seu marcante refrão e na ótima *Turn The Page*, que abrem o disco. *Set Me Free*, *85*, *You'll See*, *Into The Night* e *I'm Not Sorry* também chamam atenção positivamente. Há um clima melancólico na calma faixa-título e *Don't Turn Me Away* e *Hold On To You* são mais acessíveis, mas isso não é algo que prejudica. *No Strings* vai agradar fãs de Vixen e da voz de Janet, mas tem potencial para cativar novas plateias.

Alessandro Bonassoli

BANGALORE CHOIR

CENTER MASS
GLOBAL ROCK/CHERRY RED - IMP.

8,5

Impressiona a regularidade de David Reece. Desde 2008, o vocalista (ex-Accept, Bonfire) lança um álbum por ano, incluindo as bandas Gypsy Rose, Wicked Sensation, Sainted Sinners, a carreira solo (seja como REECE ou com o nome completo), o seu projeto com o guitarrista sueco Martin Kronlund; o álbum solo de Jhon Steel (ex-Animals) e grava participações em trabalhos do Bonedryver, Ion Pulse e C.T.P./Christian Tolle Project. E quando você acha que nada mais pode acontecer, ele surpreende com a volta do Bangalore Choir, grupo que montou em 1991 após sair do Accept. Morando na Itália há alguns anos, Reece criou *Center Mass* com músicos locais: Nicolo Savinelli (guitarra), Riccardo Demarosi (baixo) e Giovanni Salvinelli (bateria). Das 11 novas faixas, *Spirit Rider*, *Back To Life*, *Back 2 U* e *Downtime With Devil* são destaques. Mas não se pode deixar de falar da acelerada *If The Good Die Young Part 2 14.1*, que contrasta com a "parte 1", uma power ballad de *On Target* (1992), estreia do Bangalore Choir, e do ótimo cover – também mais rápido – para *Love Hurts*, clássica balada imortalizada pelo Nazareth. Achou pouco? Saiba que a primeira prensagem tem oito faixas gravadas ao vivo na Alemanha em 2022.

Alessandro Bonassoli

ANTRVM

DEFILER
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Olha o timaço: Victor Cutrale (vocal, ex-Furia Inc.), Yohan Kisser (guitarra, Sioux 66), Victor Henrique (guitarra), Bruno Nicolozzi (Worst, baixo) e Matt Carrilho (Kryour, bateria). Só o nome dos envolvidos pode ser capaz de atrair sua atenção. E olha que nem todos gravaram o EP de estreia do Antrvm – Ayka Pilli e Maurício Weimar registraram, respectivamente, baixo e bateria do disco, ambos fazendo um belo trabalho –, o que gera expectativas para vindouros petardos. E falando em petardos, em *Defiler* (2023) temos quatro (*A Pound of Flesh*, *The Hedonist*, *Pleasure Beyond Pain* e *Not Dead Enough*) que mesclam death, groove, thrash e metalcore, além de uma instrumental (*Into the Realm*), com Yohan e Victor desfilando categoria nos violões, e dois interlúdios (*The Convocator* e *Closing the Gate*). *Defiler* se notabiliza ainda pelo peso aliado à versatilidade, sem soar autoindulgente, apontando para futuras possibilidades que podem aparecer no cardápio musical do Antrvm. E para não passar batido: o EP traz referências a "The Hellbound Heart" e "Hellraiser", do diretor e escritor Clive Barker, e "O Mercador de Veneza", do escritor William Shakespeare.

Thiago Prata

VEXATAN

DIABOLIC EMPIRE
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Danihell soltou o primeiro registro da Vexatan, o EP *Eternal Torment*, em 2022. Inspirado pelo satanismo, ele fomenta a sua arte tanto na parte musical como na gráfica, pois são de sua autoria todas as músicas e ilustrações deste projeto, que segue com o EP *Diabolic Empire*. Além disso, a produção também é feita por ele, mas a instrumental *Ascension* foi produzida por Vicent Alghol (Death Throne). As faixas concentram um clima característico do death/black metal sem soarem caóticas, como em influências norueguesas. Os timbres de guitarra se destacam mais pelo peso e a cozinha apresenta velocidade e viradas menos complexas, proporcionando boa ligação harmônica. Um exemplo disso é a própria faixa-título. Embora *Satan's Decibels* seja uma execução curta, seu clima alimenta os princípios do death/black metal, com muita pancada e orientação rítmica. Encerrando o EP, *Darkness* completa o clima brutal. Enfim, temos aqui o Brasil sendo Brasil no metal extremo.

Leonardo M. Brauna

DANKO JONES

ELECTRIC SOUNDS
AFM - IMP.

8,0

Em seu décimo primeiro trabalho, o canadense Danko Jones (vocal e guitarra) mantém sua boa fórmula de "hard/rock'n'roll/quase heavy metal" em *Electric Sounds*. Ao lado de John Calabrese (baixo), seu parceiro desde 1996, e Rich Knox (bateria), que entrou em 2013, ele não perde tempo em tentar "inovar" ou "modernizar". O recado claro é "time que tá ganhando não se mexe", conforme atestam a ótima *Guess Who's Back; Eye For An Eye* e *What Goes Around*, ambas com uma pegada punk rock; e a motorheadiana *She's My Baby,* que conta com a presença de Tyler Stewart, do Barenaked Ladies. Só estas quatro já serviriam de amostra para a qualidade do trio. Mas eu não poderia deixar de citar a marcante *Good Time*, a "trilha sonora de festa" *Get High?*, *Shake Your City* e a faixa-título, cujo convidado especial é Daniel Dekay, guitarrista do Exciter. Sim, quanto mais você ouve Danko Jones mais encontra reflexos muito bem recebidos de KISS, AC/DC e outros grandes nomes do rock mundial. Curiosamente pouco badalada no Brasil, a banda merece muito mais audições.

Alessandro Bonassoli

JUST HEROES

HEROES
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Heavy metal sem enrolação, direto e com bases firmemente sedimentadas em múltiplas ótimas referências da escola europeia do estilo. Essa é a sensação que *Heroes*, EP de estreia do quinteto paulistano Just Heroes, passa. A banda chega com cara de que está pronta para um futuro vitorioso. Isso se deve muito por causa da experiência de seus membros. O experiente guitarrista Flavio Souza Jr. (ex-Engrave, Skyscraper) se aliou ao baixista Fabio Gomes toca no Union Black Sabbath Tribute, ao baterista Marcus Castellani (The Giant Void, ex-Manowar), parceiros no já veterano Hell Patrol (Judas Priest Tribute), enquanto Renato Mattar fecha a dupla das seis cordas e Mr. Machine comanda os vocais. Na faixa-título, que inicia lenta, eles logo despejam peso para todos os lados. O nível aumenta mais com as pancadas *Angels Deserve To Live* e *Survivor of Hate*. Menos intensa, mas destaque também, *Hurts Like Fire* mostra um ótimo lado "quase" hard rock. *My Dream Come True* é legal, mas por ser uma balada, quebra um pouco da adrenalina do EP. Fica uma alta expectativa por novos materiais.

Alessandro Bonassoli

Clube de Revistas

GO AHEAD AND DIE

UNHEALTHY MECHANISMS
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,5

Ao pegar o segundo álbum do Go Ahead and Die para ouvir, a primeira coisa que veio à mente nem foi musical. Foi, na verdade, a indagação se Max Cavalera dorme em algum momento do dia. Ou se ele compõe dormindo, porque o cara é uma usina de riffs e canções. No caso do projeto com o filho Igor Amadeus, uma usina que funciona completamente no modo old school. Ou seja, a única mudança de fato que você vai encontrar em *Unhealthy Mechanisms* é a entrado do baterista Johnny Valles no lugar de Zach "Antinom" Coleman, porque o conteúdo segue esbanjando a agressividade combinada do heavy, death e thrash metal com punk rock - e embalada por uma produção de primeira. O resultado é um massacre que não perde tempo para começar: a trinca de abertura, com *Desert Carnage*, *Split Scalp* e *Tumors*, é tão avassaladora que é necessário um momento de descompressão. Ele vem com a excelente e grooveada *Drug-O-Cop*, com um riff que remete o ouvinte ao de *Caught in a Mosh*, do Anthrax. Um sossego apenas sonoro, uma vez que a letra é uma crítica ao abuso de força e poder da polícia, num dos dedos em feridas como os cenários político e social ao redor do mundo, englobando saúde mental e o comportamento humano diante de um cenário que cospe mais informações, inclusive falsas, do que se poder absorver. No fim, é a tintura ideal para canções como *No Easy Way Out*, *M.D.A. (Most Dangerous Animal)*, *Blast Zone* e a faixa-título.

Daniel Dutra

TYRANEX

REASONS FOR THE SLAUGHTER
GMR MUSIC GROUP - IMP.

9,5

Lá se vão quase duas décadas desde que a Tyranex veio ao mundo (mais precisamente em 2005) com um som rápido e pesado, evocando o que de melhor existia nas cenas europeia e americana do thrash/speed metal, mas com uma roupagem atual. Eis que o grupo formado por Linnea Landstedt (vocal e guitarra), Will Tomao (guitarra), Martin Petersson (baixo) e Pontus Pettersson-Gull (bateria) lança seu quarto álbum, e de cara imaginava que seria mais um bom disco da banda sueca. Errei! Depois de ouvir várias vezes ao dia, por um período de duas semanas que precedeu a elaboração deste texto, ficou comprovado que se trata do melhor play do grupo e um dos melhores do metal no ano (em minha humilde opinião). Aqui você tem um thrash/speed selvagem, um absurdo arsenal de riffs, vocais fenomenais de Linnea (se existe um magistral King Diamond, seria sacrilégio dizer que ela é uma 'Queen Diamond' em termos vocais?) e uma baita produção de Lawrence Mackrory (Katatonia, Bloodbath, Decapitated). Da intro *Overtude* e *Where Light Ceases to Exist*, passando por *Rise from the Dead* e a faixa-título, até *Do or Die* e *Wipe Out*, são nove atos insanos.

Thiago Prata

THE CROSS

RESQUIESCIT IN PACE FRATER NOSTER
PITCH BLACK - IMP.

9,0

Ativos desde 1990, eles levaram vários anos até lançar um registro oficial, mas parece que desde o EP *Flames Through Priests* (2015) encontraram o seu ritmo e constância de lançamentos perfeitos, contando já com dois álbuns completos, um ao vivo e agora outros três EPs, sempre apostando naquele doom morbidamente melancólico, onde acenos ao metal extremo dão ainda mais atmosfera para suas composições. Mais do que apenas mais um registro de estúdio, este novo EP é uma homenagem ao baterista Louis, falecido em agosto de 2022, pouco após o lançamento do ótimo *Act II: Walls of the Forgotten*. Tendo em mente o ressaltado caráter da obra, espere por um álbum ainda mais lúgubre, belo e denso que seus antecessores, três características que se aplicam muito bem em cada uma das três faixas que se distribuem ao longo dos quase vinte minutos de audição. Ao ouvir o repertório, dedique atenção especial às melancólicas passagens de teclado e à profundidade emocional garantida por uma performance vocal muito íntima e verdadeira, que deve encher de orgulho o homenageado aqui neste EP.

Valtemir Amler

SÍNDROME K

SOBREVIVENTES DO MAL
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

O segundo álbum da banda baiana de thrash metal Síndrome K possui um sentido dúbio. Ao mesmo tempo que é um baita trabalho do gênero, com aulas e aulas de riffs lecionadas por Volfer Freire, o disco representa a despedida do guitarrista, que se mudou para o Canadá. E que despedida! "Volfão", como também é conhecido, é responsável por uma coleção de bases e riffs matadores. Mas não é só ele quem brilha em atos como a brutal faixa-título (influência clara de Slayer), a cadenciada *Nosso Destino* e a agressiva *Em Nome de Deus*: a cozinha formada por Pedro Hugo (bateria) e Lula Souto (baixo e vocais) se mostra ainda mais sólida em relação à estreia do grupo, *Aqui se Paga* (2021). Às letras em português, outro ponto alto do power trio, traz temas como religião, abuso, bullying e outros problemas sociais. Gravado no Estúdio Preto, em Salvador, terra natal da banda, e contando com produção de Vicente Fonseca, *Sobreviventes do Mal* conta ainda com uma puta capa, idealizada por Pedro Hugo e assinada por Mateus Rodrigues. Daqui para frente, a guitarra será comandada por Márcio Vinicius, e fico na torcida para ver essa thrasheira ao vivo.

Thiago Prata

VOLKMORT

FALLEN IN THE BLOODY FIELD
BLACK HOLE PRODUCTIONS - NAC.

8,0

Para a banda ser extrema não precisa suprir a sede de velocidade de algumas pessoas. Existe outro ponto que se refere à música soturna, densa e impreterivelmente pesada. É o caso deste segundo álbum da Volkmort, de Timbó (SC). Dentre outros fatores, o clima nebuloso rege todas as sete faixas do repertório. No entanto, a obra é bem diversificada nos arranjos que permitem uma boa audição, evitando muitas saturações. Em conformidade à atmosfera doom, as letras sugerem temas niilistas, como em *From Glory to Abyss*, que dá sequência a *No Hope, No Life*. Em *Black Grave*, o estilo do death metal tradicional está mais presente por possuir um pouco mais de propulsão nos riffs. A sessão épica fica por conta de *Triumphus Mortis*, que é um arrepiante hino gutural com mais de dez minutos de duração. Os catarinenses têm tudo para se juntar a grandes nomes da vertente, pois ideias, feeling e qualidade de produção têm de sobra, sem contar que seu histórico de quase vinte anos de existência é bem regular.

Leonardo M. Brauna

DAVID REECE

BAPTIZED BY FIRE
EL PUERTO - IMP.

9,0

Não sei se é "meta pessoal", mas com *Baptized By Fire* David Reece reforça o ritual de um álbum por ano, conforme faz desde 2008 entre carreira solo e vários

outros projetos. Com os italianos Niccolò Savinelli (guitarra), Riccardo Demarosi (baixo) e Giovanni Savinelli (bateria), seus parceiros com quem resgatou em 2023 seu bom grupo de hard rock Bangalore Choir, o ex-vocalista de Accept e Sainted Sinners lançou, sem dúvida, o trabalho mais pesado da carreira. Nas excelentes *Enemy Is Me*, *Payback's a Bitch*, *Seasons of a Man* e *Tomorrow Don't Matter Today* a pegada é na linha "Pantera + Machine Head". Niccolò brilha em *We've Lost The Fight*, enquanto Giovanni tem seu momento em *No Rest For The Wicked*, onde agressividade e melodia coexistem com maestria. *Twilight of the Gods* inicia mais calma, mas logo o peso e velocidade voltam à tona. Elas contrastam com *Wrong Move*, hard à la Glenn Hughes, com a "quase" balada *My Heart Burns* e com a cadenciada *Closer To God*, que são mais leves, porém tão bacanas quanto. Em todas, Reece, que começou no início dos anos 1980, impressiona com uma voz impecável e acima da média.

Alessandro Bonassoli

HEADSPAWN

PARASITES

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Por mais que existam riffs, vocalizações e melodias que remetam a Slipknot e Sepultura, tais elementos funcionam apenas como influência ao Headspawn – ou seja, não se trata de uma cópia, tampouco de um grupo genérico. Juntando-os a estéticas, arranjos e sonoridades que remetam a alguns ritmos originados do Nordeste do Brasil, o trio formado por Alf Cantalice (vocais e guitarra), J.P. Cordeiro (baixo) e Marconi Jr. (bateria) reúne um som furioso, refletido também em suas letras de cunho social, contra as mazelas da sociedade em nosso país, vide o racismo, a xenofobia e a LGBTfobia. Tudo isso está presente em *Parasites*, full-length de estreia do grupo nascido em João Pessoa (PB). Falando em alguns destaques: *Terra Solis* é uma introdução que reúne peso e uma levada típica da região, no que seria um encontro entre o Sepultura e o Nação Zumbi; *Butchers*, *Everybody Hates Somebody* e *Brought Into this World* são porradas que unem groove, thrash e metalcore; e *Fili Caatinga* é uma bela instrumental com violões, pandeiro e berimbau em pouco mais de um minuto. Mas todas as dez faixas têm seus pontos fortes e valem a audição.

Thiago Prata

SAOR

ORIGINS

SEASON OF MIST - IMP.

8,0

Formado em 2013 pelo multi-instrumentista escocês Andy Marshall, o Saor tem como alicerce fundamental de sua música a mistura entre o black metal e o folk, mas nunca limitou-se apenas a essas paragens, adicionando boas e poderosas doses de melodias heavy tradicional, além de passagens atmosféricas do post-rock. Com uma temática lírica rica e predominantemente voltada ao folclore, à História e a Poesia da Escócia, a 'one-man-band' rapidamente chamou a atenção, e, acredite: *Origins* já é o quinto álbum completo do projeto! Tudo o que falamos até aqui, e que você já observou em discos como *Guardians* (2016) e *Forgotten Paths* (2019), continua válido nesse novo registro, mas talvez com uma dose ainda maior de qualidade. Isto torna a audição de faixas como *Call of the Carnyx*, *The Ancient Ones* e *Aurora* um verdadeiro prazer, e você nem percebe o tempo passar (todas as três ultrapassam os sete minutos). Com canções engrandecidas por seus belos arranjos e climas que invariavelmente evocam certa melancolia, *Origins* certamente agradará os velhos fãs, e angariará novos. E não apenas entre fãs de black metal ou metal extremo.

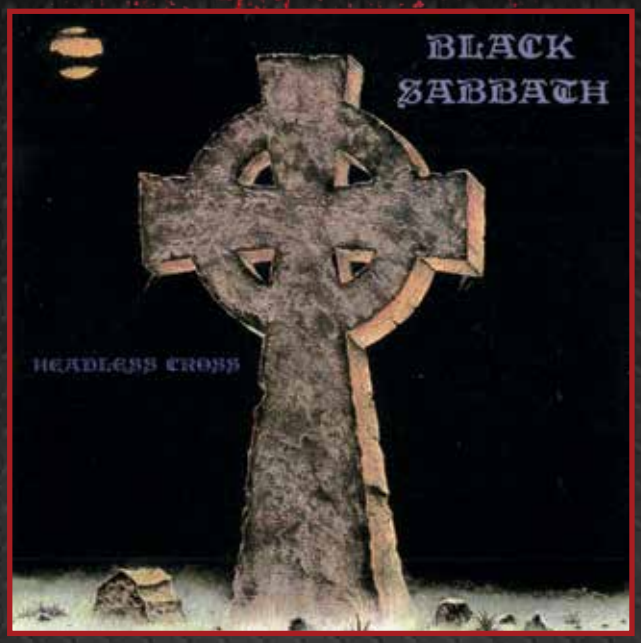
Valtemir Amler

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

BLACK SABBATH

HEADLESS CROSS



Após a tentativa frustrada de se reunir com Ronnie James Dio e Geezer Butler, Tony Iommi manteve o tecladista Geoff Nicholls e foi atrás de outros membros para gravar o sucessor de *The Eternal Idol* (1987). Para a bateria veio Cozy Powell, que dividiu a produção com Iommi e convenceu-o a trazer Tony Martin de volta. O vocalista havia estreado em *The Eternal Idol*, quando assumiu a vaga deixada por Ray Gillen, mas, durante o período conturbado entre os dois discos, passou uma curta temporada no Blue Murder com John Sykes. Para o baixo foi contratado Laurence Cottle, que mesmo tendo gravado todas as linhas e até ter aparecido no videoclipe da própria *Headless Cross*, não fez parte das sessões de fotos e nem saiu em turnê. Para tal, foi chamado Neil Murray (Gary Moore e Whitesnake).

Em 24 de abril de 1989, *Headless Cross* foi lançado e trouxe músicas fortes e letras que continham elementos sobre satanismo e ocultismo. O repertório traz faixas marcantes, como a faixa-título e *Devil & Daughter*. Já a bela *When Death Calls* teve seu solo gravado por Brian May (Queen). Destaques ainda para *Kill in the Spirit World*, *Call of the Wild*, *Black Moon* e *Nightwing*. Como resultado, obteve Disco de Ouro no Reino Unido e foi 20° nas paradas dos EUA.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **9,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **7,0**
Claudio Vicentin (editor): **7,0**
Daniel Dutra (redator): **8,5**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (redator): **7,5**
Heverton Souza (colaborador): **7,5**
Ivanei Salgado (colaborador): **9,0**
João Messias Jr. (colaborador): **9,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **8,0**
Leandro Nogueira Coppi (redator): **9,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **10**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,0**
Luiz Tosi (editor online): **8,0**
Maicon Leite (colaborador): **10**
Matheus Vieira (colaborador): **9,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,0**
Thiago Prata (redator): **9,0**
Valtemir Amler (redator): **7,5**

MÉDIA FINAL:

8,3

Clube de Revistas

WEAPON

NEW CLEAR POWER
PRIDE & JOY MUSIC - IMP.

7,0

A banda Weapon (ou Weapon UK), surgida em 1980 na efervescência da NWOBHM e liderada pelo vocalista Danny Hynes, surpreende em *New Clear Power*, como se ouve nas pesadas e impactantes *Drumbeats of War* e *Take It or Leave It*. O guitarrista Jeff Summers saiu em 2020, mas Hynes optou por convocar diversos músicos para o sucessor de *Ghosts of War* (2019). Assim, o álbum traz Robert Majd (Metalite, Captain Black Beard), Tony Forsythe (baixo), Steve Mann (guitarra, MSG e Lionheart) e Tino Troy (guitarra, Praying Mantis), além de Oscar Bromvall (guitarra, Palace), Magnus Ulfstedt (bateria, Ginevra), Marcus Johansson (bateria, Deathstars) e Mano Lewys (guitarra). Não deixe de ouvir *Remote Control*, *Diamon Lil'* e *Riding With The Angels*, aquela composta por Russ Ballard e famosa nas mãos do Samson na fase Bruce Bruce. True metal da NWOBHM atualizado com uma boa produção, guitarras pesadas e que cresce a cada audição.

Ricardo Batalha

TSJUDER

HELVEGR
SEASON OF MIST - IMP.

8,0

Entre as várias bandas norueguesas que ganharam destaque e garantiram que o black metal tivesse continuidade e apresentasse algo de qualidade após meados dos anos 90, Tsjurder é talvez um dos nomes mais notabilizados. A banda tem uma carreira sólida e a reputação de ser uma das mais agressivas do black metal atual. O sexto álbum, *Helvegr* – o primeiro em quase oito anos –, reúne muitas das melhores composições que a banda já fez. *Iron Beast* inicia o repertório com guitarras alucinantes, bateria frenética e linha de baixo pesada. É o black metal clássico em seu melhor estilo, bem como *Prestehammeren*, que tem uma pegada mais épica, com riffs sensacionais e bateria intrincada, juntamente com os vocais selvagens de Nag, aplicando uma influência de heavy metal que torna esse som bombástico. Destaque também para *Chaos Fiend*, que tem uma levada mais punk e guitarras ásperas, com passagens melódicas, e *Helvegr*, que é uma faixa diferente, mais cadenciada, com tons de guitarra mais limpos. É certamente um dos melhores álbuns dos noruegueses e tem uma ligação mais forte com os do início de carreira, como *Kill For Satan* ou *Desert Northern Hell*.

Claudio Vicentin

DIVINE DEATH

BLOOD SACRIFICE
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Não foram poucas as bandas que transformaram Minas Gerais na 'Terra Santa' do metal brasileiro nos anos 80 e 90, e inevitavelmente faria com que várias bandas – com trajetória interrompida e discografia curta – integrassem para sempre o rol das 'lendas cult'. Após lançar o slip/EP *Human Encarnation Sclerosis* em 1993 o Divine Death entrou para esse grupo, e foi apenas em 2020 que vimos um passo mais sólido da banda, com o full-length *Divine Death*. Agora, com o nome mais forte do que nunca, vem mais um novo EP, *Blood Sacrifice*, que mantém o bom nome conquistado à duras penas como algo digno de louvor. Com sua sonoridade fortemente gravada no death metal, o EP mostra uma variedade interessante de ideias, que vão de momentos mais rápidos e viscerais para outros mais cadenciados e viciosos, como se pode conferir na ótima *Unleashed By The Holy War*, um dos destaques nos pouco mais de 16 minutos de porrada extrema. A mistura da temática satânica, música violenta e vocalizações pútridas parece ter encontrado um novo auge. Que mais 'sacrifícios' como esse apareçam no futuro!

Valtemir Amler

DIMMU BORGIR

INSPIRATIO PROFANUS
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,0

Não é algo comum comemorar aniversário de carreira com um álbum de covers, ainda mais se for uma compilação com os que foram gravados e lançados ao longo de 30 anos de estrada. No entanto, o Dimmu Borgir resolveu presentear assim os seus fãs, especialmente os que são da velha escola, ou seja, que ouvem música e colecionam discos. Entre as oito faixas, há homenagens para algumas de suas referências, casos de Venom, Bathory e Celtic Frost, mas o interessante mesmo, ainda mais para quem não conhece, são as escolhas fora da caixa do metal extremo. Começando com *Dead Men Don't Rape*, canção do G.G.F.H. que cresceu com os toques de black metal em meio ao seu industrial natural, e terminando com três clássicos sem limites de gênero musical: *Metal Heart* (Accept), com o então guitarrista Astennu ampliando o solo; *Perfect Strangers* (Deep Purple), com participação de Snowy Shaw (ex-King Diamond, Mercyful Fate, Dream Evil e Therion) nos vocais; e *Burn in Hell* (Twisted Sister), com destaque para a alternância de vozes entre Shagrath e o então baixista ICS Vortex no melhor cover do CD.

Daniel Dutra

SEAWALKER

OVERCOME
TALES FROM THE CHAOS - NAC.

8,5

Intitulada *Ignis Ardet*, a introdução de um minuto e quarenta segundos de *Overcome*, segundo full-length do Seawalker, dá uma falsa impressão de abrir caminho para um power metal. Ledo engano! O que vem a seguir é o riffão de thrash que inicia *Words are Dying*, que já dá uma boa amostra deste novo trabalho da banda mineira: esmero nos arranjos, equilíbrio entre peso e melodia e encontros do thrash com o heavy, além de nuances prog. Sucessor do debut *Earthcode* (2011), *Overcome* prossegue forte com *Evolve and Decay*, *Post Amazon World* (com o baixão na cara e letra que fala de denúncias de queimadas e desmatamento na Amazônia), *Breathe and Burn* (faixa monstruosa e com a presença do vocalista Bruno Paraguay, do Eminence), *Hoax* (bateria insana!) e *Hidden* (tendo a ufologia como tema). Além das nove faixas do track normal, o disco possui uma versão alternativa para *Breathe and Burn* e um cover de *Refuse/Resist* (Sepultura). Ótimo trampo de Filipe Duarte (vocal e baixo), Daniel Saymon e Stéfano Mazzochi (guitarras) e Riccardo Linassi (bateria) – a formação atual tem Filipe, Léo Vieira (guitarra), Marcus Batista (guitarra e vocal) e Samuel Bernardo (bateria).

Thiago Prata

RADICITUS

MORPHING
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

O quarteto de Indaiatuba/SP se propõe a fundir o rock clássico dos anos 70 com o grunge dos 90, o que, convenhamos, se apresenta como uma mistura convidativa. E a realidade é que Lucas Branco (vocal), Hiago Mantovani (guitarra), Henrique Ciciliato (baixo) e João Elias (bateria) conseguiram levar a bom termo essa proposta. Ao longo das quatro faixas deste seu EP de estreia é possível perceber elementos tanto do classic rock (principalmente na guitarra) como do grunge (linhas vocais à frente). As composições privilegiam cada qual uma das duas escolas, a exemplo do tema de abertura, *Misery Blues*, que tem clara influência de Led Zeppelin, e de *On the Line*, cujo riff circular e hipnótico remete a Alice in Chains e Soundgarden, auxiliado pelo vocal com algum drive de Lucas. Já em *Come Inside Me* se percebe certa falta de punch justamente do vocal, o que poderia fazer da música um tema bem mais interessante. A propósito, é justamente no vocal que reside o principal problema do trabalho, já que a mixagem deixou-o excessivamente à frente, não só evidenciando pequenas falhas como colocando o excelente instrumental do Radicitus em segundo plano.

Antonio Carlos Monteiro

BOMBAY BLACK

¡EN FUEGO!
KIVEL - IMP.

8,5

Muita gente sequer ouviu falar, mas os chamados bad boys do Arkansas já trabalharam mesclando hard rock dos anos 80 com modern rock, obtendo êxito em alguns e chutando para fora em outros momentos nestas duas décadas de existência. No entanto, o Bombay Black agora marcou o gol da classificação, pois o oitavo álbum de sua discografia deve ser apontado como o melhor da carreira. Contando com o vocalista e multi-instrumentista Erik Johnson, Justin Velte (guitarra) e Ty Sims (baixo e produção), *!En Fuego!* traz ganchos cativantes, pontes e refrãos marcantes e harmonias vocais portentosas, em um hard rock explícito com diversos temperos e referências a nomes como Black 'N Blue, Danger Danger e Kiss. O forte repertório traz faixas mais diretas, outras pesadas (ouça *Makes Me the Devil* e *The Body*) e algumas que até podem ser descritas como a trilha sonora perfeita para a sua viagem de verão. Não deixe de conferir *Just Another Band From LA*, *Benefits*, *All You Need is a Heartbeat*, *Devil's In The Details*, *One of My Kind*, *Karma Train* e *Best Night of Our Lives*. Além destas, merece atenção especial a mais diferentona de todas, *No Sex B4 Breakfast*, que vem repleta de groove, wah-wah e até naipe de metais. Se curte hard, não perca!

Ricardo Batalha

BLACK PANTERA

GRIÔ
DECK - NAC.

9,0

Em menos de 13 minutos, o Black Pantera reúne nas cinco músicas de seu mais recente EP, *Griô* (2023), um feroz ataque punk/metal, ativista e antirracista, marca registrada desse trio mineiro que se tornou uma das principais instituições contemporâneas da música pesada nacional. Neste trabalho, sucessor de *Ascensão* (2022) e primeiro em que todas as letras são cantadas em inglês, Charles Gama (guitarra e vocais), Chaene da Gama (baixo e vocais) e Rodrigo Pancho (bateria) fazem jus, por meio da linguagem thrash/hardcore e pinceladas funk e reggae, ao título do álbum: *Griô*, palavra de origem africana, seria algo como "guardião da memória oral de um povo". Assumindo o papel de "griô da nossa era", a banda mineira traz mensagens e músicas diretas, cirúrgicas e de qualidade: *Dreadpool*, com referência ao diretor Spike Lee, começa com slaps no baixo e se torna uma primorosa junção de funk com metal; *R.I.S.E.* é um hardcore perfeito para mosh com inserção reggae no meio da canção; *Burnout* e *Shut up n' f... up* esbanjam riffs e levadas empolgantes; e *Ukumkani*, com a icônica frase "My ancestors keep the flame burning in my dreams", encerra um registro altamente necessário em um país onde a luta antirracista se faz necessária a cada segundo.

Thiago Prata

MONTANHA

ALÉM DO TEMPO
HELLION/METAL MUSIC - NAC.

9,0

Criado em 1992 na cidade de Santo André (SP), o Montanha é considerado por muitos o precursor do stoner metal no Brasil. Não seria uma definição errada, mas a banda é bem mais do que uma definição simplista como essa. Os riffs e a distorção totalmente inspirados em Black Sabbath, a cozinha que derrama peso sem constrangimento e os vocais furiosos cantando letras em português são algumas das características que marcam o trabalho do quarteto. E nem precisa ir longe pra confirmar: as duas primeiras músicas, a faixa-título e *Observadores*, entregam tudo isso e muito mais. Surgem ao longo da audição algumas passagens instrumentais mais longas do que o habitual, várias mudanças de andamento e até uma mudada de clima em *Sagrado*, balada com toques de música brasileira e um solo tocante. Já *A Batalha* abre espaço para cada um brilhar e aí dá pra sacar como o som de baixo e bateria podem fazer toda a diferença em um disco. Pra finalizar, a suave "pero no mucho" *O Levante* traz a participação de ninguém menos que Pedro Baldanza, baixista do Som Nosso de Cada Dia, que faleceu meses depois da gravação. Pena que a gente conhece o fim da história e sabe que a banda não vai ficar milionária mundialmente famosa com este disco. Mas como merecia!

Antonio Carlos Monteiro

DGM

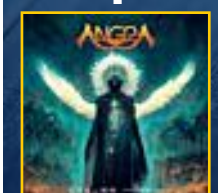
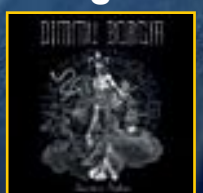
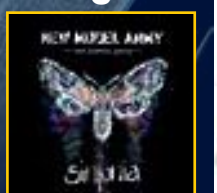
LIFE
FRONTIERS MUSIC - IMP.

9,5

Num oceano formado por bandas de metal, poucas maturaram tão bem quanto o DGM. Seguindo a pegada dos últimos três álbuns, *Life* – o décimo primeiro na carreira – traz o melhor do metal melódico, do prog e do AOR arranjado de tal forma que não cabe rotular o grupo italiano. Em dez faixas, Marco Basile (vocal), Simone Mularoni (guitarra), Andrea Arcangeli (baixo), Fabio Costantino (bateria) e Emanuele Casali (teclados) trazem refrãos melódicos de extremo bom gosto, transições empolgante e passagens técnicas; dinâmica e sensibilidade a serviço de cada uma das composições. Sem errar, *Unravel the Sorrow* abre de maneira envolvente, simples e empolgante. Na sequência, *To the Core* mostra uma faceta mais técnica. Contrastando, *The Calling* oscila entre o sensível e o robusto. Ao final, em *Neuromancer* percebemos que *Life* tem início, meio e fim. Ainda cabe voltar a atenção para excelente produção sonora de Mularoni, deixando nítido que a banda consegue fazer com que algo técnico e elaborado seja inspirador e muito acessível – algo raro de se ver. Ouça o disco e perceba como todos os elementos conversam entre si, inclusive com a linda capa ilustrada pelo icônico artista Travis Smith. Em suma, com *Life* o DGM atinge o apogeu dos seus quase trinta anos de existência.

Guilherme Spiazzi

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
ANGRA	TUATHA DE DANANN	DIMMU BORGIR	SADUS	NEW MODEL ARMY
CYCLES OF PAIN	THE NAMELESS CRY	INSPIRATIO PROFANUS	THE SHADOWS INSIDE	SINFONIA

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Clube de Revistas

Beartooth

LEVEZA PARA TRATAR ASSUNTOS PESADOS

The Surface, quinto álbum dos americanos, une metal à música pop para falar de saúde mental

Por Gustavo Maiato

Em 2023, o mundo ainda se recupera dos anos de pandemia e a preocupação com a saúde mental virou assunto nas rodas de conversa. Caleb Shomo, vocalista do Beartooth e ex-integrante do Attack Attack!, explicou como tratou desses temas delicados utilizando uma atmosfera positiva – até mesmo com influências da música pop. Assim surgiu *The Surface*, um disco de metalcore para ajudar nos momentos mais difíceis. Saiba mais detalhes sobre o quinto álbum da discografia do grupo, completado por Zach Huston e Will Deely (guitarras), Oshie Bichar (baixo) e Connor Denis (bateria), na entrevista a seguir.

Qual a mensagem central por trás das músicas do novo álbum? O sucessor de *Below* (2021) é um trabalho conceitual?

Caleb Shomo: Na verdade, é como se fosse o relato dos últimos dois anos da minha vida, talvez até um ano e meio, mais ou menos. No entanto, trata-se essencialmente de uma jornada, uma busca pela felicidade, seja lá o que isso possa significar. Para mim, a essência reside na perseguição da saúde mental e física, e em qualquer esforço que possa proporcionar uma sensação maior de estabilidade na vida. Este álbum é uma exploração sobre como realizar isso, como navegar pelos altos e baixos que vivenciei nos últimos anos e, no fim das contas, encontrar contentamento na pessoa que sou e na vida que levo.

E como o título do álbum dialoga com esse conceito?

Caleb: O título do álbum funciona como uma espécie de continuação de todos os anteriores, mas transcende ao ser o reflexo oposto do seu antecessor. Enquanto o disco anterior mergulhava em uma atmosfera profundamente sombria e melancólica, *The Surface* emerge como a antítese, radiante de positividade e elevação espiritual. A dualidade entre esses dois títulos não apenas destaca a evolução artística, mas também encapsula a jornada emocional e sonora que este novo álbum pretende oferecer aos ouvintes.

Falando sobre saúde mental e esses temas, posso ver que a faixa *Sunshine!* fala sobre esse importante assunto.

THE SURFACE
Red Bull - Imp.

Você poderia compartilhar mais sobre a inspiração por trás dessa música em particular e como esses temas se encaixam em sua arte em geral?

Caleb: Esta composição aborda primordialmente minha transição de Ohio para Los Angeles, mas, na verdade, mergulha na complexidade da depressão sazonal, um desafio que tenho enfrentado ao longo do tempo, intensificando-se com o passar dos anos. A música atua como um espelho desses extremos, capturando tanto os momentos de profunda melancolia quanto os de efusiva felicidade, moldados pelo meu entorno. A influência considerável que o ambiente exerce sobre minha saúde mental é o cerne dessa jornada musical, destacando a busca pela compreensão e aceitação desses altos e baixos emocionais.

Alguns comentários no YouTube mostram muitas pessoas dizendo que a música *Riptide* pode ser mais acessível para aqueles que não estão familiarizados com música pesada. Você concorda com essa afirmação? Como vê essa acessibilidade em sua música e nessa em particular?

Caleb: Sim, concordo totalmente. Estou realmente abraçando o pop e outros lados da música além do pesado que sempre influenciou o Beartooth. Com este sendo um álbum mais feliz e eu tentando buscar uma vida mais feliz, as músicas inevitavelmente serão mais melódicas e um pouco mais fáceis de entender. Foi muito intencional lançar *Riptide* primeiro para mostrar às pessoas o que estou perseguindo musicalmente, preparando-as para um disco talvez não tão pesado, mas um pouco mais edificante e direto, baseado em cantar junto e expressar sentimentos de uma maneira um pouco diferente. Ouvi-los dizer que acham mais acessível e que é um caminho para apresentar as pessoas ao metal é incrível, porque ainda acredito que há muitas partes pesadas no novo trabalho e sempre haverá momentos mais pesados no Beartooth. Dar às pessoas uma entrada mais fácil é ótimo.

Vocês lançaram o EP *Doubt Me* antes do próprio álbum. Como foi essa experiência e qual foi a estratégia por trás de lançar um EP antes, ainda mais que a banda fez sua estreia há dez anos com o EP *Sick*?

Caleb: O EP foi uma estratégia para

proporcionar aos fãs um vislumbre do que estava por vir no disco. Foi uma tática deliberada para instigar expectativas e apresentar algumas músicas antes do lançamento.

Como o EP *Doubt Me* se conecta com o álbum em geral?

Caleb: Ele atua como uma antecipação do que exploramos no álbum, estabelecendo uma conexão temática e definindo o tom para a experiência musical que almejávamos oferecer.

Você mencionou algumas influências da música pop, além do metal pesado. Existem artistas pop específicos que foram notáveis influências para a banda?

Caleb: Sim, com certeza. NSYNC, One Direction e, mais do que qualquer outro, Ariana Grande foram influências marcantes, especialmente na criação de músicas como *Might Love Myself*. Enquanto compunha esse tema, eu estava imerso nas poderosas melodias da Ariana Grande, que têm um impacto incrível. Essa experiência foi uma influência significativa para escrever uma música centrada no amor próprio, algo que eu nunca tinha explorado antes. Sempre fui apaixonado pelo pop, e a essência está em não temer, mas sim mergulhar e explorar o que pode surgir.

Como foi a colaboração com o cantor country Hardy na música *The Better Me*, que parece ser um dos destaques do disco?

Caleb: Sabe, honestamente, não me lembro como nos conhecemos, mas éramos fãs da música um do outro e acabamos nos encontrando. Ele é uma pessoa incrível, e para qualquer um que você perguntar sobre ele dirá que é uma das pessoas mais legais que já conheceram. Ele ama metal, e viemos de cenas e origens muito semelhantes. Obviamente, ele é um compositor e intérprete de country incrivelmente bem-sucedido, mas, ao mesmo tempo, entende de rock'n'roll e heavy metal. Para mim, que nunca tinha feito uma colaboração dentro do Beartooth antes, era muito importante fazer algo com alguém inesperado. Acredito que isso impulsionou o álbum e o gênero, pelo menos no contexto do Beartooth e no que posso fazer por conta própria. Contando a história como todas as outras, mostrei a ele a música, ele curtiu, gravou sua parte, nos divertimos jogando golfe, transformamos em um videoclipe e estamos prontos para seguir em frente. É uma verdadeira honra poder trabalhar com alguém tão talentoso e respeitado como compositor. Tê-lo cantando uma das minhas músicas é uma verdadeira honra.

Quais seriam os cinco discos que mais marcaram sua vida e tiveram um impacto significativo em sua abordagem à música?

Caleb: Bem, eu diria que *Back in Black* do AC/DC é um dos álbuns mais cruciais em toda a minha vida. Outro que se destaca seria algum álbum do Led Zeppelin, embora seja uma tarefa difícil escolher apenas um; vamos com Led *Zeppelin I*. Além disso, um disco mais contemporâneos que exerceu influência notável seria *The World's Best American Band* da banda White Reaper, lançado em 2017 e que é fortemente impregnado com o espírito do rock'n'roll dos anos 70. Outra banda notável é o The Dirty Nil, um trio de punk do Canadá que, em minha opinião, é talvez a melhor banda de rock ao vivo do planeta. Seus álbuns *Free Reign Two Passions* e *Master Volume* são absolutamente incríveis. Ah, e não posso deixar de mencionar *Ride the Lightning* do Metallica, um disco sensacional. Minhas influências estão em constante evolução, mas esses são alguns que realmente marcaram minha trajetória. E, claro, não posso esquecer de mencionar *Screen Violence* da banda Chvrches, lançado recentemente, que teve um impacto colossal em *The Surface*. Eu poderia continuar, mas vou parar por aqui... (risos).

Jimmy Fontaine

Além do metal, Oshie Bichar, Connor Denis, Caleb Shomo, Will Deely e Zach Huston abraçaram o pop e outras facetas da música

GUS G.: DA GRÉCIA PARA O MUNDO

Enquanto prepara o novo álbum do Firewind, Gus G relembra Ozzy e fala sobre a Grécia, sua terra natal

Por Gustavo Maiato

A renomada banda de power metal grega Firewind destaca-se na cena pesada pela presença marcante do fenomenal guitarrista Gus G. Completando o elenco estão o vocalista Herbie Langhans (também presente no Avantasia), o baixista Petros Christo e o baterista Jo Nunez. O grupo já brindou os fãs com o single *Destiny Is Calling* como uma prévia do aguardado novo álbum, programado para 2024. Enquanto aguardamos esse lançamento, Gus G compartilha 'insights' sobre a cena musical grega, celebra duas décadas de Firewind com o lançamento do Blu-ray *Still Raging* e revisita memórias fascinantes de sua época como guitarrista de Ozzy Osbourne.

***Destiny Is Calling* é o novo single do Firewind. Você pode compartilhar um pouco sobre o processo de composição dessa música em particular? E se puder adiantar algo sobre o novo álbum...**

Gus G: Na verdade, eu tinha uma demo dela há pelo menos três ou quatro anos. Surgiu a partir de um riff que criei naquela época. Foi uma das primeiras músicas em que começamos a trabalhar para o novo álbum. Inicialmente, trabalhei nela com o coprodutor Dennis Ward. Nós passamos muito tempo juntos, e Dennis criou as principais melodias, as melodias vocais. Tínhamos algumas linhas de refrão diferentes, na verdade, e ambas eram boas, mas no final, a mais forte, que se assemelhava ao riff da guitarra, foi a escolhida. Basicamente, o refrão é baseado na pequena melodia que estou tocando na guitarra. Depois, entregamos a música a Herbie Langhans e ele escreveu a letra com base nessa ideia. Basicamente, foi uma colaboração entre nós três: eu, Herbie e Dennis. Quanto ao álbum, na verdade, levou um bom tempo para finalizá-lo porque começamos trabalhando em singles primeiro. A AFM Records, nossa gravadora, começou a sugerir que deveríamos lançar singles, já que as coisas mudaram um pouco nesse sentido na indústria da música. Começamos a lançar singles e, eventualmente, eles acabaram fazendo parte de um disco. Passamos a trabalhar em uma música de cada vez e meio que perdemos o foco no álbum. Levou muito tempo para fazer o álbum, mais do que o usual. A parte boa é que sinto que ele tem muitas músicas fortes, que poderiam ser singles. Tínhamos isso em mente, de que deveriam ser músicas que valessem a pena ser singles.

Como você disse, Herbie Langhans é o vocalista da banda. Gostaria de saber o que você pensa sobre o trabalho dele neste novo álbum e se já ouviu outros trabalhos dele, como no Avantasia, por exemplo.

Gus: Posso dizer que as performances dele no novo disso são incríveis. Quero dizer, o cara canta como se sua vida dependesse daquilo, ele fez um trabalho incrível. Acho que talvez o fato de termos tido tempo suficiente para fazê-lo tenha ajudado. O disco anterior foi realmente complicado, tivemos que terminá-lo até certa data porque começaríamos uma turnê mundial imediatamente. Então, tivemos que entregá-lo imediatamente, mas, claro, teve a pandemia, você sabe, então, corremos para terminar o álbum e depois ficamos em

casa por dois anos. Acredito que o Herbie está mais integrado à banda agora, então acho que ele soa realmente muito bem neste novo trabalho. Quero dizer, ele soou ótimo no anterior, mas neste ele está incrível. Ele produz seus vocais, faz ótimos backing vocals, o álbum tem ótimos coros dele e, claro, seus vocais principais são cativantes. Vi Herbie ao vivo com o Avantasia. Na verdade, fizemos um festival juntos no verão passado, então o Herbie fez dois sets, tocou conosco primeiro e depois tocou com o Avantasia em seguida. Sim, quero dizer, o cara está fazendo um ótimo trabalho em tudo em que está envolvido.

Uma de suas influências é o mundo do power metal, certo? Podemos dizer que você tem uma relação com as outras grandes bandas desse cenário, como Helloween, algo assim? Essas bandas são, de alguma forma, uma influência para você?

Gus: Minhas influências são principalmente do heavy metal clássico, como as bandas realmente clássicas dos anos 70 e 80, como Black Sabbath, Iron Maiden e Judas Priest principalmente. E coisas mais pesadas como Megadeth e Metallica, foi isso que cresci ouvindo. E então, quando comecei a me interessar por guitarristas, fiquei muito envolvido com o álbum *Rising Force* do Yngwie Malmsteen. Então, para mim, o power metal está mais próximo do Rising Force do que do power metal dos anos 90, por assim dizer. Helloween, sim, claro, eu gosto do Helloween. Quero dizer, eles são uma banda única, começaram toda uma cena. Eu nunca fui muito fã desse tipo de cena de power metal alemão. A única banda alemã que eu realmente amava era os Scorpions.

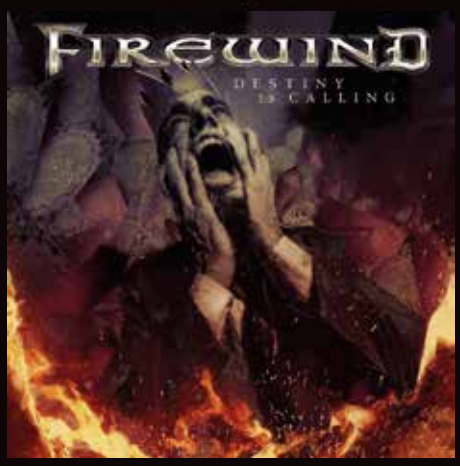
Você tocou com Ozzy Osbourne por alguns anos e agora ele não está bem de saúde. Como você se sente sobre essa situação? Você tem mantém algum contato com ele?

Gus: Bem, obviamente, quando li as notícias fiquei realmente chateado, sabe. Fiquei triste que isso tenha acontecido com ele. E vi que ele tem lutado muito, passou por várias operações. Sei que ele está se mantendo forte. Não estou em contato com ele. Não tenho contato com ele. Quando li as notícias, enviei um e-mail para sua esposa Sharon, que o gerencia, é claro, apenas para dar a eles os meus melhores desejos e desejar uma recuperação rápida, você sabe, por preocupação com ele, é claro. Mas não é como se mantivéssemos contato ou algo assim. As notícias que venho sabendo sobre ele são pela mídia, assim como todo mundo. Então, ouvi dizer que ele está melhorando. Sei que ainda não pode estar no palco, mas ouvi dizer que ele está se recuperando e se sentindo melhor nos últimos dias. Eu realmente desejo o melhor para ele.

Ainda falando um pouco sobre Ozzy, qual é sua faixa favorita do álbum *Scream* (2010), que você lançou com ele?

Gus: Essa é uma pergunta difícil, na verdade! Há algumas músicas realmente boas lá. O grande single foi *Let Me Hear You Scream*, que é uma música muito legal, eu adoro! Mas acho que *One More Time* é muito legal. A balada chamada *Time* também é boa. Também gosto de *Let it Die*, a faixa de abertura. Então, há muitas boas músicas desse disco que são meio subestimadas, em minha opinião.

Nos shows com ele, você tocou muitas músicas do Black Sabbath. Quais você mais gostava de tocar ao vivo naquela época?



DESTINY IS CALLING
AFM - Imp.

Gus: Ah, qualquer coisa do Black Sabbath é incrível! Eles são minha banda favorita, sabe? Eu realmente amo tocar *Fairies Wear Boots*, na verdade, adoro ela, tem uma vibe incrível. E também amava *Into the Void*, uma música pesada e envolvente. Então, eu amo tocar essas músicas.

Você está celebrando o 20º aniversário do Firewind com um Blu-ray chamado *Still Raging*. Primeiramente, parabéns pela conquista. O que os fãs podem esperar deste lançamento e como você se sente sobre isso?

Gus: Bem, isso foi uma gravação que fizemos na minha cidade natal, Tessalônica, na Grécia. Não planejamos realmente gravá-lo. Fizemos alguns shows na Grécia no ano passado após a pandemia, e foi o 20º aniversário da banda. Então, íamos fazer um tipo de seleção, um show de duas horas. Alguns amigos meus que têm uma empresa de transmissão aqui, eles transmitem eventos de motocross e coisas do tipo, têm uma van móvel com equipe de câmera e tudo mais. Eles me ligaram e disseram: 'Ei, podemos filmar isso para você, se quiser. Podemos enviar a van até o local com nossa equipe.' Pensei: 'Uau, isso é uma oportunidade legal.' Filmamos o show, gravamos o áudio, e depois comecei a pensar sobre isso: 'O que devemos fazer?' Coloquei alguns vídeos no meu canal no YouTube apenas para mostrar o que fizemos. Os fãs começaram a nos perguntar nos comentários quando íamos lançar aquilo, então, comecei a pensar: 'Talvez eu devesse tentar fazer algo especial com isso.' Conversei com o selo, a AFM, e eles disseram: 'Vamos fazer um Blu-ray.'

Você mencionou que tocou na sua cidade natal, na Grécia. Como você vê a cena grega hoje? Você ainda se sente conectado com suas raízes lá? Existe uma cena de metal forte no país?

Gus: Quando comecei, não fazia muito parte da cena grega, porque eu era o único grego na banda, todos os outros eram estrangeiros. Vivi na Suécia por um tempo, participei do Dream Evil, então comecei meio que na cena sueca e depois voltei para cá. A cena grega se desenvolveu muito nos últimos vinte anos, claro, há muito mais bandas. Há vinte anos, era impensável para uma banda fazer uma turnê na Europa ou na América. Acho que apenas bandas como o Rotting Christ faziam isso, e eram uma banda de black metal muito antiga, uma das primeiras. Então, a Grécia era principalmente conhecida pelas bandas de metal extremo. Mas hoje em dia muito mais bandas de diferentes gêneros estão fazendo mais coisas.

Talvez alguns fãs fiquem curiosos sobre como é crescer na Grécia. Quero dizer, como é a educação, o ambiente social? O que você pode dizer sobre crescer na Grécia?

Gus: Eu nasci em 1980, então, quando era criança, eram os anos 80 e 90. Era uma época pré-internet, então as crianças daquela época eram diferentes das de hoje. Era um mundo diferente, você tem que se lembrar disso. A vida aqui era muito simples. Acredito que a vida era mais simples em todos os lugares porque não tínhamos computadores, não tínhamos internet. A Grécia sempre foi um país muito turístico. Então, se você é daqui, é um pouco mimado porque tem acesso às ilhas e praias mais bonitas do mundo, sabe?

Clube de Revistas

BLIND EAR

Por Ricardo Batalha • Fotos: Luiz Carlos Vieira

FERNANDO PIU (VIRUS, MOFO JAM)

ANGEL WITCH
Sweet Danger
Angel Witch

"Esta música é daquele período de transição dos anos 70 para a década de 80, na fase da New Wave of British Heavy Metal. *Sweet Danger*. Animal! (R.C.: Eu coloquei de propósito uma do Angel Witch porque o Virus chegou a tocar cover e vocês até ficaram de registrar isso em estúdio). Sim, a gente toca a *Angel Witch*. Bem, tudo que é relacionado ao que a gente chamava de 'rock pauleira' e o que depois se tornou o heavy metal de certa forma influenciou o Virus. Seja essa dobra de guitarra tipo Iron Maiden, que é da mesma época, esse wah-wah do solo, o refrão ou essa típica levada de bateria. Tem a ver e é bem legal. Acho esse *Angel Witch* um disco perfeito sobre o que falei do período de transição do rock pesado 70 para o metal".

RAINBOW
Death Alley Driver
Straight Between the Eyes

"*Straight Between the Eyes* foi o disco que mais esperei sair na vida! Tinha tudo até *Difficult to Cure*, mas no Brasil era uma eternidade para sair algo novo. Aí finalmente saiu e fui na loja Hi-Fi, onde trabalhava o Guina, que foi tecladista do Centúrias nos primórdios (N.R.: Aguinaldo Martins, ex-Zero Hora). Ele fez questão de tirar os pop que tocavam na loja, colocou *Death Alley Driver* e aí me ganhou. Guina não está mais entre nós, mas essa lembrança nunca saiu da minha cabeça. Muita gente me associa com o Blackmore. Às vezes eu elogio, mas pensam que falo só porque sou fã. Eu nem imaginava que iria tocar, mas o que ele fazia já me chamava atenção. Só fui descobrir o quanto Blackmore era bom quando comecei a tocar".

EXTREME
Rise
SIX

"Essa já tem afinação drop. Boa guitarra, bom vocal... A guita está dobrada, mas parece que a banda tem uma guitarra só. Legal essa parte do solo que o vocal entra cantando como se fosse uma cama de teclado. Tem uma parte que é uma sequência harmônica normal e outra mais doidinha, diferente, arriscada e bem legal. Tomara que não seja um desconhecido, porque o solo está com cara de Nuno. É ele ou alguém querendo ser Nuno? (R.C.: É Extreme mesmo). Nunca tinha escutado essa, mas gostei. (R.C.: Sim, a *Rise* é do mais recente, *SIX*, e eles chegaram a tocá-la em São Paulo em 2023). Eu estava no Best of Blues and Rock no dia, mas tive que sair antes porque eu também tinha que tocar e perdi o Extreme. Vi a Malvada e saí pouco depois".

VAN HALEN
Atomic Punk
Van Halen

"Isso é um massacre em qualquer momento da história! Eu fui ao show do Van Halen em São Paulo, mas não acreditava que ia vir porque naquela época a gente não tinha nada. Só que achava os fãs da banda um saco e não conhecia nada. Aí, peguei os cinco primeiros, até *Diver Down*, e fui ouvir com calma. Caí para trás e virei fã! Quando Eddie faleceu minha cabeça ficou chapada. Eu sabia que gostava, mas não que era tanto. Pareceu que tinha ido alguém da família. Eddie tem uma leitura da guitarra antiga, de Clapton, Jeff Beck, Jimmy Page, Ritchie Blackmore, Brian May... Ele ouvia tudo isso e também, claro, Allan Holdsworth, mas é daí que vem o som dele. Muita gente às vezes quer tirar o som, mas não pensa na raiz, que é importante".

JIMI HENDRIX
Power to Love
Band of Gypsies

"Isso é de um universo alienígena. Tem coisas aqui que são inalcançáveis. Esta formação é diferente e não deram muita bola na época, mas é animal. Ele subiu mais um patamar do que as pessoas estavam esperando. Hendrix estava nessa e as pessoas pedindo *Hey Joe*, que é legal, mas ele ficava meio injuriado, porque estava em outra. Provavelmente ele teria que tocar *Hey Joe* até hoje se tivesse vivo, mas muita coisa diferente, como essa aqui, teria acontecido. Tem coisa sutil dele que passa batido, mas ele não estava de bobeira não. Lembro de escutar gente falando que as últimas coisas dele mostravam que ele não era mais o mesmo. Como assim?! É só ouvir com calma, porque é um massacre! Hoje seria foda, e não só em 1969".

GARY MOORE
Running from the Storm
After the War

"Ele curtia esse teminha, que lembra outras coisas, seja de Thin Lizzy, Vinnie Moore ou até do *Face the Truth*, do John Norum. Gary Moore é um guitarrista sem comentários, de habilidade indiscutível e de muito bom gosto. Ele gravou coisas muito boas e esteve ao lado de muita gente boa, o que ajuda, claro. É outro que não está mais aqui, mas eu gostaria de ter visto ao vivo. (R.C.: Eu também, porque ele se deu bem em vários estilos). Sim, no hard rock tradicional e depois quando entrou no blues, que não é um universo muito fácil, foi muito bem. Ele tem uma característica ótima que é ser uma referência tanto para Strato como para Les Paul. Alex Lifeson do Rush também, mas isso não é para muitos. E o Gary Moore ainda cantava".

MOTÖRHEAD
Shine
Another Perfect Day

"Vixi, que coisa bonita, né? É aquela típica situação de o som ser tão legal que é difícil as pessoas confundirem a leitura. Para muita gente é heavy metal, para outro é punk, rock pesado, barulhento, puta som, mas como Lemmy dizia: 'Somos uma banda de rock'n'roll'. Tem muita personalidade e o tipo de som que o Motörhead fazia, que é uma química mesmo, é bem característico. Guitarra Strato, baixo com drive e puta som de batera, tudo muito orgânico. E, claro, da formação clássica e até depois, como nesse som. (R.C.: Antes de falecer, Lemmy voltou atrás e passou a falar bem desse disco, porque antes ele dizia que não gostava do *Another Perfect Day*). Eu curto esse disco, mas era uma transição após a saída do Eddie Clarke".

BLACK SABBATH
Turn Up the Night
Mob Rules

"Essa música tem presença do wah-wah o tempo inteiro e o fato de ser retona, fica difícil manter os climas e as dinâmicas nos mesmos lugares quando você vai executá-la. É uma ótima faixa de abertura, ainda mais depois do *Heaven and Hell*. E os caras quando começam uma sonzeira assim com a contagem de chimbal pra mim já chama a atenção. Vinny Appice era novidade, mas era aquela coisa de 'Quem é esse cara?'. Só que foi uma substituição perfeita, parece que o cara foi forjado para um dia entrar na banda. E o que falar dos senhores Tony Iommi, Ronnie James Dio e Geezer Butler? (R.C.: Participei do Ranking Crew com Tony Monteiro e Vitão Bonesso e foi legal revistar a discografia da banda, porque se não fosse por ela eu nem estaria aqui). Bem legal.

LED ZEPPELIN
Last Achiles Stand
Presence

"Lembro na época de ouvir isso, de colocar o disco e não saber o que viria pela frente. Mas essa música chapou minha cabeça desde a primeira vez que ouvi e sempre a associei ao Rush, como o resumo do que o Rush viria a ser. E esse solo do Jimmy Page é um dos meus prediletos dele. Se não me engano, também já vi o Page falando isso. Enfim, essa música é incrível, já toquei muitas vezes e, apesar de ser grande e da dificuldade, é uma das mais prazerosas de se tocar. Tem tanta coisa legal acontecendo o tempo todo. Esse disco tecnicamente, principalmente em relação ao Page, é impecável. Não que os outros não sejam, mas tem um nível alto dele no *Presence*. É praticamente o primeiro feito sem ter nenhuma sobra de material antigo".

YNGWIE MALMSTEEN
Dragonfly
Fire and Ice

"Esse é quase um dos últimos que considero o trabalho do Malmsteen bacana. (R.C.: Vou até o *Facing the Animal*). Sim. Mas nessa eu fico espantado porque não me lembro de uma que ele tenha segurado tanto tempo do riff, do lance com o wah-wah, da voz, A e B, para aí chegar no solo e soltar tudo. Talvez tenha tomado o remedinho nesse dia (risos). Malmsteen não é igual o Van Halen, mas é um certo divisor de águas. Muitos estavam nessa soma de Blackmore, Van Halen, Iommi, Michael Schenker, mas ele chegou antes com uma coisa pronta, com a leitura dele e chamou a atenção. Alcatrazz com ele já era coisa fina. Muita gente que começa a tocar guitarra e gosta de Malmsteen é que vão dele para frente, sem olhar que veio antes. Isso é um erro".

ROADIE CREW ONLINE FESTIVAL
Heavy Metal & Classic Rock

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

37ª EDIÇÃO

38ª EDIÇÃO

39ª EDIÇÃO

40ª EDIÇÃO

41ª EDIÇÃO

42ª EDIÇÃO

43ª EDIÇÃO

44ª EDIÇÃO

45ª EDIÇÃO

46ª EDIÇÃO

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CINEGRAFIA SOM DO DARMA

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELITONTONASSI

Clube de Revistas

AVATAR

FAZENDO SEU CORPO MEXER

Johannes Eckerström explora o significa da sua música e nos conta como ela pode mexer com você

Por Guilherme Spiazzi

Além da sua constante evolução sonora desde a estreia (*Thoughts of No Tomorrow*, 2006), Johannes Eckerström (vocal), Jonas Jarlsby e Tim Öhrström (guitarras), Henrik Sandelin (baixo) e John Alfredsson (bateria) também são conhecidos por seus elaborados shows e pelo uso de pintura facial e fantasias. A versatilidade e o profissionalismo abriram as portas para extensas turnês pelo mundo, levando-os a dividirem o palco com alguns dos maiores nomes do heavy metal, além de ótimas posições nos charts e o recebimento de premiações. O sucesso do seu nono e mais recente disco de estúdio, *Dance Devil Dance*, deu mais um impulso e recentemente foi anunciado que o grupo sueco retornará ao Brasil em 2024, dessa vez para o palco do Summer Breeze.

Pouco se fala sobre o que acontece no mundo do artista no período entre a finalização de um disco e o seu lançamento oficial. Considerando *Dance Devil Dance*, conte-nos o que acontece nessa fase.

Johannes Eckerström: Eu acho que muita coisa acontece. Enxergo dois lançamentos – o nosso próprio e, depois, o comercial. Você cria, grava, produz, mixa e masteriza – vive toda essa jornada que é muito pessoal que se encerra quando você escuta a versão final pela última vez antes de mentalmente aceitar que acabou. É uma experiência extremamente especial quando feita de forma correta. Aí, tem o lançamento para o público... Para os fãs, aquilo é uma novidade, mas para a banda as músicas já são muito conhecidas. Há um certo descompasso quanto à familiaridade com a músicas entre público e banda, entende? Daí, a gente começar a tocá-las ao vivo e é somente depois de um bom tempo que essa relação se equilibra. Para mim, parte da criação musical diz respeito a comunicação, a transmissão de emoção, de ideias etc. Eu apenas quero fazer as pessoas moverem seus pés. *Dance Devil Dance* é nosso melhor trabalho até aqui porque ele tem um sentido diferente, um foco na vida real. Mas isso é apenas uma parte da fase. Temos as reuniões para decidir a parte criativa dos videoclipes, o repertório para a turnê etc. Claro que existe uma ansiedade quanto ao lançamento, isso é algo que vai e vem, pois eu não posso ficar sentado em casa esperando isso acontecer.

Elabore mais sobre essa sua ideia de alinhamento de percepções entre o público e a banda depois de um tempo, por favor.

DANCE DEVIL DANCE
Black Waltz - Imp.

Johannes: Posso tentar (risos). Acho que essa é a primeira vez que falo sobre isso. Depois da gravação e do lançamento, vem a última etapa que é levar a música para o palco. O show, especialmente o de metal, é um momento comunitário em que as pessoas participam com a voz ou o corpo. Isso afeta a maneira como pensamos a respeito da música. Mas a música também tem um movimento extradimensional – as pessoas não estão apenas ouvindo o show, mas assistindo também, enquanto você está assistindo o público. Antes de viver esse momento, a coisa é diferente. Se levar um ano entre a primeira ideia de composição até o seu lançamento, aquele ano é meu, entende? É a minha interpretação, é o meu sentimento, é o meu envolvimento com essa música. Depois do lançamento, a música embarca numa jornada de tempo indefinido, que é o tempo em que ela estará na memória das pessoas. Eu já vi a nossa música ser tocada em casamentos ao invés da tradicional marcha nupcial. Eu não compus uma música de casamento, mas ela se tornou uma. A música se torna o que a pessoa quiser. Ao ver isso, você imediatamente reconhece que a sua interpretação da música é tão verdadeira quanto a da pessoa que a escolheu para seu casamento. Ainda que essa seja uma palavra muito rasa para descrever o trabalho, eu sinto que a música de *Dance Devil Dance* é extremamente funcional. É por isso que acho esse o nosso melhor disco. Não que tenhamos planejado fazer músicas de festa ou algo assim, mas ela é... Veja o título, nela a palavra 'dançar' aparece duas vezes. O heavy metal é rock'n'roll e o rock é música para se dançar. Não são passos de salsa ou de samba, mas é algo que mostra aquilo que seu corpo deve fazer. Ainda que eu ache um metal mais complicado interessante, no final das contas eu quero que o meu heavy metal seja algo que me faça acelerar ou desacelerar o carro ou levantar pesos, ou engravidar... Você faz coisas que de alguma forma são parte da sua vida. Acho que essa ideia integra a energia que queremos incorporar neste disco.

Essa é uma maneira interessante pensar como a música pode preencher momentos de nossas vidas. Esse seria o papel dela?

Johannes: Eu sou um tanto nerd quando se trata de teoria musical e gosto do lance de analisá-la. Compositores, musicólogos e quem mais estiver interessado pode se reunir e compartilhar opiniões, mas essa coisa de pensar e falar de música é apenas uma peque-

na parte de um todo existente fora do ambiente acadêmico. Eu amo esse tipo de coisa, mas eu acho que a música tem um papel muito mais importante e que não pode ser extinto, que é o seu papel tribal. Eu não sou uma pessoa religiosa, mas já toquei na igreja durante o batismo de sobrinhos. Esse momento entre irmãos, pais e amigos, assim como numa celebração qualquer no verão, cantando canções que todos nós daquele grupo lembramos, é uma experiência compartilhada que não depende do lançamento de músicas novas. Eu acho que é nesse ambiente que você deve desejar que a sua música esteja, entende?

Diante de tudo o que foi dito, durante a criação de um disco como *Dance Devil Dance* tudo surge naturalmente ou você pensa um pouco no direcionamento da estrutura, do arranjo e tudo mais?

Johannes: Eu penso muito. Entre nós cinco, dá para ter um bilhão de ideias num único dia acerca das coisas que podem ser feitas, das que temos vontade de fazer e das que talvez queiramos fazer. Pode ser uma música muito longa ou mais punk, algo pesado, leve ou engraçado etc. Ideias e inspirações iniciais as quais você pode escolher no que focará acabam sendo o coração do trabalho. Enquanto ouvinte, eu não tenho fortes ideologias em termos do que é música boa ou ruim, e posso gostar de algo independente do seu gênero. Porém, quando se trata de criar música, eu considero saudável você escolher se comprometer com um direcionamento. Definir o escopo e trabalhar em direção a um objetivo tem sido grande parte do trabalho.

Para este disco vocês se isolaram no estúdio por um mês. Qual foi a influência do ambiente no resultado?

Johannes: Foram algumas influências. Em *Hunter Gatherer* (2020) nós fomos para Los Angeles (EUA), o centro do universo musical. Por conta disso, resolvemos fazer diferente. Isso só foi possível porque conseguimos uma propriedade familiar emprestada e alugamos o equipamento. O ambiente definitivamente mudou nossa atitude, fazendo com que escolhêssemos de maneira mais embasada. Estávamos o produtor Jay Ruston e nós, então éramos cozinheiros, técnicos e assistentes – o que vez com que tudo fosse uma comunhão. O sentimento foi de construir o próprio universo e trabalhar muito presente no momento. A casa onde estávamos era muito simples e não contava com uma fundação de concreto – ela basicamente estava em cima de pedras. Isso fez com que a vibração fosse a ideal para fazer a bateria soar maior do que qualquer um podia esperar. Eu posso apontar a diferença entre nosso estúdio e um estúdio chique de Los Angeles, que tinha uma sala gigante e linda para a bateria. Geralmente levamos um mês para gravar, mas dessa vez tínhamos a forte sensação de termos todo o tempo do mundo

O papo está ótimo, mas antes que o nosso tempo se esgote, conte para nós como foi estrear no Brasil abrindo para o Iron Maiden durante a 'Legacy Of The Beast World Tour' em 2022.

Johannes: Foi a primeira vez desde crianças em que ficamos nervosos. Já éramos uma banda, mas ainda nem tínhamos gravado a primeira demo quando fizemos a nossa primeira viagem juntos. Fomos para Estocolmo (SUE) ver o Iron Maiden. Sempre estivemos atentos para a relação do Iron Maiden com o Brasil e tal... Então, havia o sentimento de querer ser aceito. Ainda que hoje não nos preocupemos com isso, entendemos que algumas pessoas podem não gostar da gente, mas nossa história afetiva com o Iron Maiden fez com que nos sentíssemos como os jovens daquela época. Éramos fãs ali. No primeiro show foi aquela descarga de adrenalina. Além disso, tudo no que diz respeito a como ser tratado pelo headliner foi incrível. O público também foi maravilhoso e receptivo. No que tange a estar num país pela primeira vez, eu não poderia pedir mais. Foi uma estreia perfeita e somos muito gratos por isso. Muito obrigado por terem feito da primeira vez algo que nunca esqueceremos. Logo voltaremos para o seu país!

Henrik Sandelin, Jonas Jarlsby, Johannes Eckerström, John Alfredsson e Tim Öhrström: prontos para estremecer o Brasil

Johan Carlén

Clube de Revistas

HP van Velthoven

Randy van der Elsen, Koen Herfst, Adrian Vandenberg e Mats Levén: a versão 3.0 do clássico Vandenberg

VANDENBERG

PECADO E TUBARÕES

Adrian Vandenberg explica a conexão do passado com o presente, e num novo álbum que ratifica que sua clássica banda voltou realmente para ficar

Por Daniel Dutra

Depois de um hiato de mais de três décadas, Adrian Vandenberg reativou o grupo que carrega o seu sobrenome, lançou o álbum da volta durante a pandemia e não esmoreceu: três anos depois, solta um disco ainda mais forte, *Sin*, para provar relevância incontestável. Em um agradável bate-papo, falamos sobre a música do Vandenberg e, também, sobre a pintura que ilustra a capa, mudanças - a cozinha segue a cargo de Randy van der Elsen (baixo) e Koen Herfst (bateria), mas Mats Levén substituiu Ronnie Romero nos vocais - e os primeiros anos que o levaram a ser homem de confiança de David Coverdale no Whitesnake. Com a palavra, o verdadeiro "Flying Dutchman".

A primeira coisa que chamou a minha atenção em *Sin* foi a capa, porque aqueles três tubarões voando remetem a *Heading for a Storm* (1983). Como você chegou a essa ideia?

Adrian Vandenberg: Achei que seria interessante fazer uma conexão com o início da Vandenberg, então pensei na arte de *Heading for a Storm* e percebi que seria uma boa ligação. Naquela época, ninguém, inclusive eu, sabia para onde aqueles tubarões estavam voando, e decidi agora que seria legal fazê-los voar até a Cidade do Pecado, que é Nova York. Na Bíblia, o pecado original fala de cobra, uma maçã, Adão e Eva, e o apelido de Nova York é "Big Apple". Além disso, como fiz parte do Whitesnake no passado, tem uma cobra no começo do videoclipe de *Sin*. Como tudo se conectava perfeitamente, coloquei os tubarões sobrevoando Nova York, e foi um desafio, porque eu não pintava neste estilo desde 1986, quando fiz a capa do *Alibi*. Meu estilo de pintura evoluiu para o expressionista abstrato colorido, como se vê na capa de *Manic Eden* (N.R.: álbum homônimo do supergrupo formado com Rudy Sarzo, Tommy Aldridge e Ron Young, em 1994). Gostei da brincadeira, mas subestimei o processo, afinal, eu tinha somente cinco dias para terminar a pintura antes de viajar a Los Angeles para finalizar o disco e mixá-lo. Achei que seria rápido, porque costumo levar uns dois ou três dias para terminar uma arte, mas desta vez eu levei três dias apenas pintando o céu! Quis fazer um céu com as luzes da aurora boreal, usando várias camadas, então precisava esperar uma camada secar até poder aplicar outra por cima. A viagem para LA estava se aproximando, e eu ainda tinha de pintar os prédios, os tubarões e tudo mais, então começava muito cedo e ficava até altas horas da noite pintando para conseguir concluir de um jeito cujo resultado me deixasse satisfeito, embora na pintura original eu ainda tenha feito alterações em alguns detalhes que provavelmente ninguém perceberá no encarte. Eu consigo ver no original, mas isso é porque sou perfeccionista e gosto desses detalhes.

Musicalmente, apesar de alguns momentos mais pesados, como *House on Fire* e alguns harmônicos aqui e ali, a identidade da banda está intacta, e isso inclui o seu timbre de guitarra, limpo e cristalino. Não importa se a música é mais bluesy, hard rock ou até heavy metal, porque a sonoridade é bem particular.

Adrian: E não tem segredo, sabe? Eu toco assim e sempre quis ser assim, porque sou perfeccionista, mesmo. É como ouvir o que uma pessoa tem a dizer, e é assim que ajo com a minha guitarra: quero que seja clara e direta, sem rodeios. Não sou o tipo de guitarrista que se esconde atrás de solos que duram uma eternidade, com um milhão de notas. Gosto de contar uma historinha com os meus solos, sendo mais breve, porque é isso que me importa. Fui muito influenciado por guitarristas melódicos como Leslie West, Eric Clapton e Jeff Beck, que cresci ouvindo, e mais tarde Brian May. Eles me inspiraram e continuam inspirando, porque ainda ouço o que eles dizem por meio dos seus instrumentos, e é o que tento fazer com o meu, também. Toco uma melodia que ouço na minha cabeça e me certifico de que ela seja traduzida da forma como eu quero.

Mas *Sin* trouxe uma grande mudança. Koen e Randy continuam na banda, mas Mats assumiu os vocais. Como aconteceu?

Adrian: Eu tive de parar de trabalhar com Ronnie quando nossas agendas se tornaram incompatíveis. Ficou muito difícil planejar uma turnê, porque Ronnie está sempre na estrada. Depois da pandemia, Ronnie, que mora na Romênia, conseguiu planejar seus projetos muito antes de mim, e onde eu estava não havia como planejar nada. Ele é um vocalista fantástico, todo mundo sabe disso, mas eu queria sair em turnê, não dava para esperar até que nossas datas batessem, então precisei buscar outro cantor. Estou bastante feliz por ter encontrado Mats, que é incrível, e nós trabalhamos muito bem juntos. Ele também tem boas ideias para as letras, e é a primeira vez desde David Coverdale que trabalho com um vocalista nas letras e nas melodias vocais. Amo a intensidade com a qual Mats canta, porque ele realmente vai até o fim e, também, é ótimo ao vivo. Já fizemos alguns shows juntos, e estou muito satisfeito com a escolha que fiz.

Honestamente, eu nunca consegui imaginar o Ronnie por muito tempo no Vandenberg, uma vez que ele deve ter mais bandas e projetos do que cuecas...

Adrian: (rindo bastante) A verdade é mesmo que eu tinha que esperar muito pelo Ronnie, que tem muita coisa acontecendo ao seu redor, então vi que não tinha outro jeito que não fosse chamar outra pessoa. O pós-pandemia ainda são tempos estranhos, então temos de agir rápido. Ronnie está em três bandas ao mesmo tempo, e eu gosto de fazer as minhas coisas com o Vandenberg, por isso só posso contar comigo mesmo. Também gosto e sempre gostei da sensação de uma banda, não curto quando é um projeto ou algo assim. Para mim, é mais prazeroso estar num grupo com pessoas que têm suas próprias identidades e com as quais eu possa me divertir enquanto passamos tempo juntos, porque você vê essas pessoas 24 horas por dia quando está em turnê! Gosto de ter uma boa energia entre os integrantes, porque vivemos, tocamos, viajamos e nos divertimos juntos. Esse tipo de convívio conta muito.

Vamos falar um pouco sobre o passado. Depois do lançamento do primeiro álbum (N.R.: homônimo, de 1982), *Burning Heart* virou um hit, e a banda abriu shows de Ozzy Osbourne, KISS, Rush e Scorpions, além de ter sido headliner no Japão. Quais são suas principais lembranças?

Adrian: Foi uma época muito emocionante. Era muito difícil para uma banda de rock sair da Holanda, porque o estilo nunca foi muito grande no país. Há muitos fãs, mas a música não toca nas rádios, então nunca tive a ilusão de que conseguiria sair da Holanda com a minha música, e o rock era a única coisa que eu queria tocar. Ouço vários outros gêneros, como world music, jazz, fado e erudito, só que para tocar o que eu gosto mesmo é o estilo do Vandenberg e de tudo que sempre apresentei. Nunca fiz concessões para me tornar conhecido ou famoso, apenas queria tocar a música que ouço dentro da minha cabeça. Quando o primeiro disco finalmente decolou nos Estados Unidos e *Burning Heart* virou um hit, fiquei surpreso e pensei: 'Uau! Eu realmente posso tocar em qualquer lugar! As pessoas gostam da minha música!'. Foi muito emocionante ouvir a minha música numa rádio americana e assistir ao vídeo na MTV! E foi uma ótima experiência quando começamos a turnê, porque tocávamos em lugares muito pequenos na Holanda, afinal, não éramos uma banda pop. Nossa primeira turnê foi com o Michael Schenker na Inglaterra, e de repente nós estávamos diante de três mil pessoas, o que foi ótimo! Na sequência, como convidados do Ozzy, tocamos todas as noites para 15 mil pessoas nos EUA! Foi uma grande experiência sobre como divulgar nossa música para um público enorme, bastante diferente de tocar num lugar pequeno, como estávamos acostumados. Tudo isso era muito animador e empolgante, e fiquei inspirado para compor o segundo disco, que escrevi no ônibus enquanto estávamos nos EUA, mas em algum momento ficou muito difícil trabalhar com o vocalista (N.R.: Bert Heerink), porque ele era um cara complicado, causava muitos problemas. Eu precisava gostar do que fazia, então parei de trabalhar com ele. Não queria ser como uma babá que tem de cuidar de criança, porque esse era um pouco o caso, e depois aconteceu o Whitesnake. Foi uma surpresa, honestamente, porque David já havia me chamado umas duas ou três vezes antes, e eu havia recusado porque ainda estava tentando fazer o meu nome, o que seria bom para todo mundo. Enfim, decidi me juntar a ele em 1986.

SIN
Hellion - Nac.

Exatamente. Isso aconteceu depois do lançamento do *Alibi* (1985), e você construiu uma ótima relação e parceria com Coverdale. O isso significa para você?

Adrian: Significa muito! Para começar, sempre fui fã do David, desde que ele entrou para o Deep Purple. Na primeira vez que ele me chamou para o Whitesnake, creio que ouviu meu primeiro disco, que ainda não havia sido lançado, no escritório da Atlantic Records na Inglaterra. Ou seja, eu não pude aceitar porque o álbum estava para sair, e aí *Burning Heart* virou um sucesso, só que nós ficamos em contato. David me chamou novamente na época em que o Whitesnake seria headliner do Donington, só que eu estava gravando meu segundo disco no estúdio do Jimmy Page, então disse a ele que eu não podia aceitar. Em 1986, John Kalodner, que era A&R na Geffen Records, soube que eu e meu empresário estávamos prestes a terminar o contrato com a Atlantic, então me chamou para ir até os EUA falar com ele sobre um contrato para o novo álbum do Vandenberg. Quando eu cheguei lá, John disse: 'Bom, eu não fui totalmente honesto com você. Na verdade, tenho duas propostas para você: uma é se livrar da formação original e montar uma nova banda em Los Angeles', o que foi curioso, porque o empresário americano da minha banda havia dito a mesma coisa dias antes. Eu disse que era algo a se pensar, e John continuou: 'E a segunda é que eu realmente gostaria que você se juntasse ao David e gravasse o solo e outras partes de guitarra em *Here I Go Again*', e isso porque ele não gostava da forma como John Sykes tocava naquela música. Veja bem, Sykes é um guitarrista fenomenal, mas John não acreditava que a forma como ele tocava em *Here I Go Again* fazia justiça à música, porque ele sabia que a regravação seria um sucesso, e realmente foi. Ele pediu que eu fizesse o solo e alguns arranjos no que ele chamava de "estilo Vandenberg". Eu fiz, e acabou que a música virou um hit. Foi uma época interessante, porque entrar para o Whitesnake significava que eu estaria nos EUA o tempo todo, já que o restante da banda também morava lá. Isso seria mais fácil, mas eu fazia questão de voar para a Holanda toda vez que tinha mais de uma semana e meia de folga. Fiz isso por muito tempo.

Clube de Revistas

Divulgação

Jon Allen e Darren Travis no primeiro álbum do Sadus como um duo

SADUS

A ESCURIDÃO DENTRO DE NÓS

O que parecia impossível aconteceu e Darren Travis fala tudo sobre o seu primeiro álbum sem a companhia do amigo Steve DiGiorgio

Por Valtemir Amler

Para aqueles que viveram o final dos anos 80 e início dos 90, ou mesmo para aqueles que apenas depois descobriram e foram fisgados pela sonoridade brutal e feroz do death/thrash metal, o Sadus é certamente um nome que não pode ser superado. Nascido em Antioch em 1985, eles foram parte da chamada "era de ouro" do thrash californiano e foram indubitavelmente o nome mais extremo daquele cenário. Formada desde sempre pelo trio Jon Allen (bateria, ex-Dragonlord e Testament), Steve DiGiorgio (baixo, Testament, ex-Control Denied, Death e muitos outros) e Darren Travis (vocal), a banda estreou oficialmente em 1988 com *Illusions*, álbum que, depois de esgotado em sua primeira versão financiada pela própria banda, voltaria rebatizado como *Chemical Exposure* e mudaria para sempre a percepção do que se poderia alcançar dentro do thrash. Ao lado de nomes como Sepultura, Demolition Hammer, Devastation, Protector e muitos outros, o Sadus iniciou os anos 90 esmurrando os portões do underground e mais uma vez reafirmou seu caráter extremo com os riffs viciantes e vocais ensandecidos de *Swallowed in Black* (1990), prontamente seguido por outra joia do underground, *A Vision of Misery* (1992). Mais requintado, *Elements of Anger* (1997) parecia anunciar uma nova era, mas foi apenas em 2006 que encontrou sua sequência com *Out for Blood*. Hoje, dezessete anos depois, finalmente aquilo que parecia impossível aconteceu: o Sadus está de volta com um novo álbum, *The Shadow Inside*. Darren Travis nos contou tudo sobre o seu primeiro álbum sem a companhia do amigo Steve DiGiorgio.

Há quase quatro décadas vocês fundaram o Sadus, que passou por algumas pausas ao longo desse período, o que evidencia ainda mais o fato de que você nunca tocou em outra banda.

Darren Travis: É verdade, nunca participei de nenhuma outra banda, nem mesmo como brincadeira ou quando garoto. Para mim, o Sadus sempre foi a minha única expressão musical, o que é meio estranho, já que talvez isso me limite artisticamente, como músico. Mas, se quer mesmo saber a verdade, jamais senti falta de nada disso, é como se não fosse o meu mundo. Não sou o tipo de cara super artístico, que vive e respira arte todas as horas do dia. Na verdade, sou alguém bem tranquilo quanto a isso. As necessidades que tenho como músico, consigo satisfazer com o Sadus, que é a única banda que toca a música que realmente estou a fim de tocar. A verdade é que não dá para viver disso, então infelizmente não posso colocar minha vida na música como uma prioridade.

Bem, acho que posso entender isso melhor do que imagina.

Darren: Que bom, pois muita gente

não entende quando digo isso. Eu gostaria de fazer mais coisas com o Sadus, mais turnês, mais álbuns? Com certeza, mas a verdade é que simplesmente não tenho tempo para isso, pois tenho que cuidar de muitos outros assuntos. Quando lançamos nosso álbum anterior (N.R.: *Out for Blood*), Steve estava realmente conversando muito comigo, estava muito resoluto de que deveríamos colocar um esforço maior na banda e continuar de maneira consistente, ele era o cara que estava erguendo nossa bandeira na época - cada um de nós três já teve a sua vez ao longo da história. Bem, ele nunca conseguiu ficar longe da música. Tenho certeza que é a parte mais importante da vida dele, está no sangue e no coração. Sinto que passei a vida toda decepcionando aquele cara e lamento muito por isso. Você sabe, eu acabei me desiludindo muito com esse mundo, pois uma vez que não consigo o suficiente sequer para pagar minhas contas e alimentar minha família, como posso realmente me dedicar a isso? Como posso dedicar minha vida à música quando estou lutando para sobreviver, para colocar comida na mesa? Infelizmente, nunca tive uma escolha. Então, acho que é culpa minha que o Sadus nunca tenha podido ser uma banda consistente. Eu sempre estive ocupado demais sobrevivendo, correndo para pagar as contas, e nunca tive como me dedicar totalmente à banda. Steve simplesmente teve que procurar outras formas de satisfazer suas necessidades, e tocou muita música ótima ao longo dos anos, tenho acompanhado tudo. Ele é um cara incrível, não conheço outros como ele, e o mesmo acontece com Jon, que ao longo dos anos também teve que explorar outras possibilidades por conta da minha inconsistência. Infelizmente, é assim que aconteceu, e isso explica as pausas e os longos períodos sem discos: a culpa é minha e de mais ninguém. Alimentar minha família é mais importante para mim do que qualquer arte ou música, embora eu também ame tocar. Apenas não funcionou para mim.

Vocês chegaram a ter discussões sobre isso?

Darren: Não, nunca aconteceu. Ninguém nunca me culpou por nada, apenas seguiram em frente. Quer dizer, aqueles caras estavam com a criatividade explodindo, escrevendo um monte de músicas e não tinham como explorar tudo com o Sadus, então tiveram que dar seus voos com as próprias asas. Por muito tempo, nem sequer conversamos sobre música.

Dito isso, como esse novo álbum acabou acontecendo?

Darren: Começou comigo, sozinho. Comecei a escrever um monte de novas coisas, partes de riffs, letras, um monte de coisas que sequer imaginava se iriam se tornar um disco algum dia. Eu não tinha uma banda, não tinha um selo, não estava conversando com ninguém sobre isso. Eu pensei: 'Certo, vou continuar fazendo isso para ver no que vai dar', e não alimentei nenhuma ilusão, pois todos estavam apenas seguindo suas vidas. No início, outro baterista estava me ajudando com alguns ensaios, mas depois acabei reencontrando Jon, começamos a ensaiar juntos e a coisa fluiu, ficou muito divertido, como nos velhos tempos. Começamos a compor juntos, e claro que pensamos em Steve, mas ele estava muito ocupado com as suas coisas, você sabe. Eu só queria fazer algo com aquelas músicas, Valtemir. Algumas pessoas começaram a me ajudar, e uma delas foi Juan Ortega

THE SHADOW INSIDE
Nuclear Blast - Imp.

(N.R.: ex-vocalista do Vile e produtor de bandas como Exodus, Cattle Decapitation, Testament, Machine Head e muitas outras). Ele logo me disse: 'Cara, consigo arranjar uma banda para te acompanhar em um piscar de olhos.' E eu fiquei só: 'Nah, deixa quieto, não é isso que quero, só quero escrever umas músicas.' No fim das contas, acho que tinha algo como cinquenta partes bastante fortes e separei o equivalente a dez músicas. Disse para ele que iria gravar aquilo, que eu mesmo custearia. Havia outras pessoas querendo me ajudar, uma delas era Monte Conner. Perguntei se ele conhecia alguém que pudesse me ajudar a lançar aquelas músicas, e ele logo disse: 'Conheço, sim: eu!' Como fiquei sem responder, ele disse: 'É que trabalho na Nuclear Blast e adoraríamos lançar seu material.' Eu mal podia acreditar! Eu e Jon estamos juntos nessa, chamei Steve, mas ele estava ocupado demais, então eu mesmo toquei o baixo.

Ah, então você assumiu o baixo também.

Darren: Sim! Você é o primeiro para quem estou dizendo isso. Nunca gostei de dar entrevistas, não acho que deveria dizer tudo para todas as pessoas, mas confio em você, por algum motivo. Bem, a razão de ter feito isso é que o Sadus sempre foi coisa nossa. Eu, Jon e Steve sempre estivemos ali. Eu não conseguiria ter outro cara tocando o baixo, nunca ficaria confortável com isso, não sob o nome Sadus. Acho que essa é a minha forma de dizer para Steve que a porta sempre estará aberta para ele. Eu nunca colocaria alguém para substituí-lo.

***The Shadow Inside* parece um disco bem pessoal para você, então imagino que, de alguma forma, o título represente sua experiência.**

Darren: Sim, com certeza. É bem pessoal para mim, pois agora foi a minha vez de empunhar a bandeira do Sadus e levar a banda adiante. Então, escrevi basicamente sobre essa voz que todos temos dentro de nós, que nos leva a fazer algo que não queremos fazer ou que tira nossa motivação de seguir em frente, algo nesse sentido. Existem tantas coisas sombrias no mundo, vivemos um tempo muito sombrio, e muitas vezes não nos tocamos que as sombras vivem dentro de nós mesmos.

Agora, mergulhando no passado, gostaria de perguntar sobre os seus vocais, que sempre foram os mais extremos do thrash. Como foi que chegou nessa abordagem?

Darren: Ah, que legal que você curte! Sabe, tem tudo a ver com nossos primeiros ensaios. Eu sempre fui falido, nunca tive grana, e os outros caras estavam na mesma. Então, quando ensaiávamos, não tínhamos amplificadores para ligar todos os instrumentos, as guitarras, o baixo e a voz. E guitarra e baixo desligados são completamente inúteis. Então, tive que encontrar uma maneira de fazer com que minha voz fosse ouvida nos ensaios, mesmo sem um microfone. A única solução foi berrar como um doido (risos gerais). Quando gravamos o disco de estreia, os caras não acompanharam a gravação dos vocais, estávamos apenas eu e o técnico de gravação. Eu tinha ensaiado todo aquele tempo tentando encobrir os instrumentos com minha voz e foi isso que fiz no estúdio. Lembro que o técnico ficou meio: 'Mas que porra você tá fazendo?', mas os outros caras ouviram e falaram: 'Que porra, isso é demais!' Então, ficou daquele jeito (risos gerais).

Clube de Revistas

Ítalo Yure e Ricardo Cohen

A grandiosa obra de Luiz Mauricio, Ericsson Marin, Natalia Tsarikova, Everton Marin, Carlos Zema e Francis Cassol lançada após quase quatro anos de planejamento e execução

UM GRANDE FEITO PARA A MÚSICA BRASILEIRA

Após disco ao vivo com orquestra, banda goiana lança o conceitual *Chronos*, com orquestra e coral

Por Matheus Vieira

O Heaven's Guardian comemorou seus vinte anos de estrada de forma inédita ao lançar o álbum ao vivo *Live at Goiânia Theater*, que contou com a participação da Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás. E esse acabou sendo o ponto de partida para o trabalho seguinte, o recém-lançado *Chronos*, disco conceitual e que contou ainda com um coral sinfônico. O álbum teve uma verdadeira super produção, já que teve o renomado Roy Z como produtor e foi gravado na Califórnia (EUA), além de envolver no total mais de 150 músicos. Atualmente formada por Carlos Zema e Natalia Tsarikova (vocais), Ericsson Marin e Luiz Mauricio (guitarras), Murilo Ramos (baixo), Everton Marin (teclado) e Francis Cassol (bateria), o Heaven's Guardian agora se prepara para divulgar o novo álbum. Luiz Maurício, Ericsson e Everton contaram tudo sobre o novo disco para ROADIE CREW.

Em 2020, vocês lançaram o CD/DVD ao vivo *Live at Goiânia Theater*, acompanhados pela Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás. Houve alguma relação entre esse trabalho e *Chronos*, que também conta com orquestra, além de um coral?

Luiz Mauricio: Sim, em junho de 2018, fizemos o nosso maior trabalho, que foi a gravação do CD/DVD *Live at Goiânia Theater*, para comemorar vinte anos de carreira. E foi no planejamento deste registro que tudo ligado à Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás realmente aconteceu. Primeiro, porque era um projeto inédito no Brasil e até mesmo na América Latina uma banda autoral, ter as suas músicas escritas e arranjadas para uma orquestra sinfônica e tocar todo esse material ao vivo em um concerto. Segundo, porque no momento em que o Everton Marin (tecladista) apresentou todos os arranjos escritos por ele a Eliseu Ferreira (maestro titular da Orquestra Sinfônica de Goiás), imediatamente o maestro começou a dar vida ao projeto. Foi incrível a reação dele lendo as partituras e já pensando na execução com orquestra e banda ao vivo. A partir desse ponto, o projeto foi só crescendo! Tivemos o retorno do Carlos Zema (vocalista) à banda depois de praticamente dez anos, vieram a produção artística do Paulo Baron (Top Link), a produção de todo o áudio, desde a captação até a masterização, de Marcello Pompeu e Heros Trench (Korzus) e a presença de convidados como Alírio Neto, Edu Ardanuy (Sinistra, ex-Dr. Sin) e Ricardo Confessori, que contribuíram para fazer daquele show nosso maior registro até o momento. Esse concerto, para o Heaven's Guardian e sua história, é icônico! Realizado esse feito, veio o período de trabalhar o DVD e o álbum ao vivo, para, em seguida, começarmos a pensar em um novo formato para um novo álbum de estúdio, que foi *Chronos*.

Clube de Revistas

Quando *Chronos* começou a ser criado? Ele já nasceu grandioso ou as ideias foram surgindo aos poucos?

Everton Marin: Ele começou a surgir em 2020, em pleno início de pandemia. Os primeiros contatos com Roy surgiram nessa época, quando Carlos Zema apresentou a ele o projeto com orquestra e coral. A aceitação foi imediata e com muito entusiasmo, pois foi o primeiro trabalho dele com algo deste porte. Iniciamos então as composições, que aos poucos foi ganhando forma e personalidade. Na medida em que as músicas foram surgindo, a ideia de criar um disco conceitual com letras focadas no tempo apareceu. A partir daí, dedicamos muito esforço e muito tempo para que os arranjos da orquestra e coro ficassem prontos, além levantar todo o recurso financeiro que o projeto exigiu. Roy trouxe para o projeto outro produtor renomado para auxiliar na captação, edição e mixagem, Addasi Addasi. A banda ficou cerca de um mês na Califórnia gravando e depois toda a equipe veio ao Brasil para captarmos orquestra e coro. Graças aos fãs que contribuíram na campanha de financiamento coletivo, conseguimos realizar este grande feito para música brasileira, envolvendo cerca de 150 músicos de três países, sete estúdios de gravação, três mil páginas de partituras, dois teatros, seis produtores e uma gravadora, além, claro, de uma banda de heavy metal, uma orquestra e um coral.

Aliás, aproveite e nos conte um pouco sobre o conceito de *Chronos*.

Ericsson Marin: Chronos, o deus grego do tempo é o grande destaque da obra, que mostra os ciclos cronológicos vividos pela humanidade, desde a antiguidade da mitologia grega, passando pela Idade Média, até a contemporaneidade da Inteligência Artificial. O tempo é personificado na capa pelo imponente Guardião, que testemunha e narra histórias vividas ou construídas pela humanidade, que foram preponderantes para a evolução da sociedade, percorrendo cronologicamente momentos de dor, superação e reinvenção que nos levam a entender o passado, viver o presente, e projetar o futuro. Os elementos descritos na capa – o Guardião (Pai do Tempo) acionando o amuleto do tempo, o busto grego se constituindo em um cyborg, a arquitetura antiga e moderna e a Roda do Zodíaco – materializam a linha cronológica da civilização humana, nos encorajando a viajar pelos detalhes do que outrora fomos, nos transformamos e possivelmente seremos. Outros acontecimentos históricos que o álbum retrata são: era vikings, descobrimento das Américas, escravidão, conquista do espaço, Guerra Fria, World Trade Center e aquecimento global.

Como foi o contato com Roy Z e Addasi Addasi? Qual a parcela de cada um para o resultado do álbum?

Everton: O primeiro contato com o Roy veio através de Carlos Zema, que já tinha trabalhado com ele anteriormente. Roy estava muito animado para trabalhar com este grupo tão grande e trouxe para o projeto vários pontos importantes na produção do disco, como técnicas modernas de gravação que foram usadas por ele recentemente em outros trabalhos, inclusive no novo disco do Bruce Dickinson. A inclusão do Addasi Addasi foi ideia do próprio Roy para que ele pudesse auxiliá-lo principalmente na captação. Com o passar do tempo, Addasi ganhou muita importância no projeto, participando efetivamente na mixagem e na captação da orquestra e do coro aqui no Brasil. Sem dúvida nenhuma, essa junção de forças acabou sendo de extrema relevância para a qualidade do álbum, já que estamos falando de uma superprodução trabalhosa e cheia de detalhes, que não se compara a um álbum tradicional de alguma outra banda.

CHRONOS
Sleaszy Rider SRL - Imp.

Não há como negar que as participações da Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás e do Coro Sinfônico Jovem de Goiás chamam muito a atenção. Como surgiu essa parceria?

Everton: Ela vem desde 2018, com a gravação do DVD. Em 2020, soltamos o álbum ao vivo e no show de lançamento passamos a contar também com o coro sinfônico. A partir dai, iniciamos os contatos com estes grupos para mais uma vez fazer história no país com o lançamento do primeiro álbum de estúdio com músicas pensadas desde o inicio para essa formação com banda, orquestra e coro. Possivelmente, essa parceria de sucesso deve se prolongar por mais alguns anos, pois acredito que muita coisa legal ainda possa surgir dessa união. Sabemos que muitos outros projetos acabaram surgindo posteriormente e por isso temos muito orgulho de sermos os precursores aqui no Brasil.

Vocês já são veteranos na cena do metal melódico nacional, já que surgiram em 1999, época do apogeu do estilo no Brasil e no mundo. Como se manter fiel ao estilo, mas sem soar desgastado? Ainda há público consumidor?

Luiz: Sim, já estamos na estrada há 25 anos. O primeiro EP, *Roll of Thunder*, é de 1999. Mas a banda já estava no circuito de shows underground do Brasil desde 1997. Para ser fiel ao estilo, acredito que não tem uma receita pronta. Todos nós temos diferentes influências e quando nos reunimos para compor todas essas frentes vão ao encontro de um metal que tem na sua essência um trabalho atento à qualidade das harmonias e melodias. Talvez esteja aí um ponto que nos mantenha sempre criativos. Quanto ao público, eu verdadeiramente acredito que sim. Tenho visto cada vez mais uma parcela da nova geração se ligando em bandas de metal que tenham nas suas composições melodias fortes e climas épicos.

***Chronos*, com certeza, é o ápice artístico da banda. Quais os planos para a divulgação dele? Qual a maior dificuldade quando vocês pensam em um próximo passo?**

Luiz: Estamos trabalhando pesado juntamente com nossa gravadora Sleaszy Rider para que o álbum possa atingir patamares nunca antes conquistados pela banda. Os números nas plataformas digitais cresceram assustadoramente e várias resenhas colocaram o álbum como um dos melhores do ano, até mesmo internacionalmente. A maior dificuldade que temos, sem dúvida, é o custo da produção, que é sempre altíssimo. Mesmo assim, estamos organizando uma turnê para 2024 passando por grandes cidades brasileiras e quem sabe realizamos o sonho de levar esse projeto para a Europa, onde acredito que teríamos uma aceitação ainda maior do que dentro do próprio Brasil. Outra questão que sempre teremos que vencer é o fato de a banda não estar em um grande centro e por isso acaba muitas vezes sofrendo pela falta de apoio da grande mídia e pelo preconceito de pessoas sem noção da realidade e que ainda acreditam que coisas boas só vem do eixo Rio-São Paulo.

Clube de Revistas

PARTE 3

Nightwish

RUMO À DOMINAÇÃO MUNDIAL

Em quatro anos, o Nightwish experimentaria uma tempestade perfeita às avessas, culminando em *Once*, que colocou o metal sinfônico no mapa do heavy metal mundial

Por Gustavo Maiato

O conceito de "tempestade perfeita" é utilizado para ilustrar quando uma série de fatores se encadeiam para resultar em uma tragédia. No caso dos finlandeses do Nightwish, o início dos anos 2000 trouxe, pelo contrário, uma sucessão de acertos que levaria a banda ao estrelato mundial com o lançamento de *Once*. Mas para chegar até lá, muitas decisões traumáticas precisaram acontecer...

From Wishes To Eternity

From Wishes to Eternity foi o primeiro ponto crucial nessa trajetória que culminaria no *Once*. Lançado em abril de 2001 pela Spinefarm Records, o DVD foi gravado na cidade finlandesa de Tampere, capturando a banda em seu auge inicial. Tuomas Holopainen compartilhou nos bastidores a singularidade desse registro para a época: "Fomos pioneiros na Finlândia a lançar um DVD ao vivo. O desafio foi que precisava ser filmado em um único show, algo incomum naquela época." Esse registro não apenas mostrou a maturidade da banda, mas também trouxe aos fãs a energia crua do palco. Foi nessa fase também que eles fizeram sua primeira visita ao Brasil.

Esse lançamento mostrou ao mundo a força da banda ao vivo e angariou muitos novos fãs, como explicou Ewo Pohjola, o empresário. Ele também destacou os custos expressivos desse projeto, que abarcou músicas dos três primeiros álbuns, *Angels Fall First* (1997), *Oceanborn* (1998) e *Wishmaster* (2000). "Foi uma aposta arrojada. Gastamos uma quantia substancial, mas nunca tivemos prejuízo. Esse DVD solidificou a reputação excepcional do Nightwish ao vivo e impulsionou a demanda por seus shows."

O Nightwish já com a nova formação e a entrada do baixista Marko Hietala

O vídeo está repleto de momentos memoráveis que permaneceram cravados na mente dos fãs, como a interpretação de Tapio Wilska como o faraó maligno em *The Pharaoh Sails to Orion* e a participação de Tony Kakko, do Sonata Arctica, em *Beauty and the Beast*. Kakko lembra com humor: "Rabisquei um poema e recitei antes de entrar no palco. Claro que estava nervoso! Cometi alguns erros no palco!"

O repertório abraçou desde faixas do primeiro álbum, como *Elvenpath*, até hits técnicos e velozes de *Oceanborn*, a exemplo de *Sacrament of Wilderness*. Entretanto, a ênfase principal recaiu sobre o disco mais recente até então *Wishmaster*, com destaques para a faixa-título e as já clássicas *She Is My Sin* e *The Kinslayer*.

Over the Hills and Far Away

A vibe de aproveitar o bom momento levou o Nightwish a lançar o EP *Over the Hills and Far Away* em junho, poucos meses depois do DVD. O destaque principal foi a faixa-título, originalmente de Gary Moore, um ídolo louvado por Tuomas. O EP também trouxe uma faixa inédita que se tornou parte do repertório da banda, *10th Man Down*. Completando o conjunto, temos a suave balada *Away* e uma versão repaginada de *Astral Romance*, com Tony Kakko assumindo os vocais originalmente interpretados por Tuomas.

Curiosamente, o homenageado Gary Moore não ficou impressionado com a versão do Nightwish de sua música clássica. Ao receber o single da gravadora Spinefarm, ele comentou que o trabalho "não diferiu muito do original". Mesmo assim, um vídeo foi produzido, marcando o primeiro clipe de verdade na história da banda. Ambientado em um cenário viking medieval, o videoclipe intercala cenas do grupo com batalhas navais. O EP superou as expectativas de vendas e permaneceu nas paradas de singles da Finlândia por incríveis quarenta e nove semanas.

Voltando ao tracklist, *10th Man Down* se mostrou uma música enérgica que aborda a guerra através dos olhos de um soldado que precisou lutar para sobreviver e realizar coisas das quais não se orgulha. Com um refrão robusto e a participação de Tapio Wilska como a voz do militar sofrido, a música foi muito bem recebida na época e posteriormente

apareceu no álbum *Decades* (2019), uma homenagem aos clássicos do passado da banda interpretados pela formação com Floor Jansen nos vocais. Seus versos, como "hoje eu o matei, ele era apenas um garoto", na tradução em português, tornam-na uma das composições mais diretas e dramáticas da banda, se afastando da atmosfera de fantasia de *Wishmaster*.

Já a nova versão de *Astral Romance* não só apresentou a voz de Tony Kakko, mas também um arranjo com camadas de teclado que exploram o eletrônico e uma letra atualizada, aparecendo tanto nos trechos de Kakko quanto na parte final cantada por Tarja. Por outro lado, *Away* é possivelmente uma das músicas mais fracas de toda a discografia do Nightwish, abordando temas como a relação com o passado, a natureza e a ausência de algo que já foi presente. Bastante clichê.

O trauma necessário: Oa saída de Sami Vänskä

A saída do baixista Sami Vänskä, embora olhando em retrospectiva não tenha tido o mesmo impacto notório de outras na história do grupo, como as de Tarja Turunen, Anette Olzon, Jukka Nevalainen e Marko Hietala, marcou sim o fim de uma era para o Nightwish. Foi um momento que permitiu a entrada de Marko Hietala e sua voz única, que harmonizou perfeitamente com a de Tarja. Essa troca seria fundamental para estabelecer o som pelo qual o Nightwish é conhecido até hoje. No entanto, os motivos por trás da saída de Vänskä foram atribuídos a certos hábitos que não eram bem recebidos pelo restante do grupo, juntamente com sua falta de engajamento e presença de palco.

Tuomas expressou sua frustração, mencionando que Sami frequentemente se atrasava para os compromissos da banda sem nunca se desculpar. Ele também apontou que Vänskä não compartilhava do mesmo gosto musical ou ideológico, mas esclareceu que os rumores sobre a saída estarem relacionados ao seu consumo de álcool não eram verdadeiros. O restante da banda, incluindo Emppu e Jukka, corroboraram sobre os constantes atrasos e a falta de comprometimento de Sami, mencionando que isso gerou descontentamento.

O que não é tão conhecido é que Tuomas, nessa época, estava exausto e quase desistiu de tudo. Os shows incessantes estavam desgastando-o, mas Tarja Turunen, junto com seu futuro companheiro e empresário Marcelo Cabuli, convenceram-no a prosseguir. "Tuomas me disse que já não tinha energia para continuar", começou Tarja. "Também comecei a me sentir mal, achava nossas turnês muito longas. Quis conversar. Nós nos encontramos e resolvemos não forçar tanto a barra. Conversamos nós três sobre como deixar as coisas mais fáceis."

A banda na época da gravação do *Century Child*

Tony Kakko também foi um apoio fundamental, agindo como uma espécie de psicólogo para Tuomas durante esse período delicado, aconselhando-o a não desistir. "Percebi que havia algo estranho quando recebi uma mensagem de texto do Tuomas dizendo: 'Acho que não tenho mais uma banda'. Resolvemos fazer uma viagem pela Lapônia juntos. Ele estava surpreendentemente tranquilo. Parecia que estava em paz com sua decisão. Por muitos anos, o Nightwish tinha sido a vida dele. Ele sabia que não podia simplesmente acabar com uma banda como o Nightwish. Ele estava disposto a ceder, mas isso certamente passaria pela demissão de Sami. Era difícil para o Tuomas dar esse passo."

A demissão de Sami não foi conduzida da forma mais respeitosa. Tuomas pediu ao novo empresário da banda, Ewo, que comunicasse a decisão a Sami, uma atitude que mais tarde ele considerou vergonhosa por não ter enfrentado a situação pessoalmente. Sami, por sua vez, já esperava por isso, mas ficou surpreso ao ver que o empresário foi encarregado de comunicar a notícia em vez de Tuomas enfrentar a conversa diretamente.

Mais um passo para a dominação: Marko Hietala embarca

O papel de Marko Hietala na ascensão do Nightwish após sua entrada na banda foi crucial e merece todo o reconhecimento. Um veterano da cena musical finlandesa, conhecido por sua passagem por bandas como Tarot e Sinergy, Marko se destacou não apenas como baixista, mas também como um vocalista masculino que trouxe novas possibilidades de arranjos à banda.

Nascido em Tervo, em 14 de janeiro de 1966, Marko é o caçula da família Hietala. Sua jornada musical começou cedo, quando, ao lado de seu irmão Zachary, fundou a banda de heavy metal Tarot, inicialmente conhecida como Purgatory. O Tarot rapidamente conquistou espaço, garantindo um contrato para seu primeiro álbum, *Spell of Iron*, ainda em 1986, e embarcando em uma turnê para promovê-lo. Antes de se dedicar inteiramente à música, Marko trabalhou como engenheiro de áudio, tanto ao vivo quanto em estúdio.

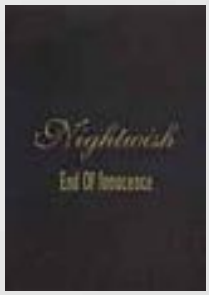
Sua entrada no Nightwish em 2001, após o convite de Tuomas Holopainen e do empresário da banda, marcou uma mudança significativa. Ele assumiu os papéis de vocalista e baixista, trazendo uma nova dinâmica à banda desde seu primeiro álbum, *Century Child* (2002), que sucedeu à saída do baixista anterior, Sami Vänskä. Além do Nightwish, Marko esteve envolvido com outras bandas, como Delain, Sinergy e Northern Kings, demonstrando sua versatilidade e presença na cena musical.

Suas influências como baixista

From Wishes to Eternity (2001)

Over the Hills and Far Away (2001)

Century Child (2002)



End of Innocence (2003)

Clube de Revistas

incluem nomes como Geezer Butler e Bob Daisley, enquanto como cantor suas inspirações são Ronnie James Dio e Rob Halford. Ele é conhecido por sua amplitude de gosto musical, absorvendo uma vasta gama de estilos, desde músicas sensíveis até o peso do metal. Esse amplo repertório se reflete em sua própria música, alimentando sua criatividade e expressão artística.

Mas como se deu sua entrada no Nightwish? Tudo começou com um simples convite de Ewo. Marko recorda esse momento: "Ele me ligou dizendo que poderia haver mudanças na formação e sugeriu que eu aparecesse. Tuomas estaria na sede da gravadora. Eu disse que terminaria meu café e fumaria um cigarro primeiro. Estava morando a algumas centenas de metros dali. Cheguei lá de moletom, todo desarrumado. Tuomas me contou que as coisas não tinham dado certo com o antigo baixista e que estavam procurando alguém para os vocais masculinos. Eu disse que é claro que estava interessado!"

Marko tornou-se fundamental para o Nightwish já em *Century Child*, destacando-se nos duetos lendários com Tarja em hits como *Dead to the World* e *Slaying the Dreamer*. Sua presença mais madura também funcionou como um elemento estabilizador e um bom ouvinte, trazendo uma atmosfera profissional à banda e renovando as energias do quinteto. Para alçar voos maiores, o Nightwish definitivamente precisava desse ingrediente na mistura, e Marko foi essencial nessa jornada.

Century Child e o desabrochar sinfônico

O Nightwish evoluiu ao longo dos anos, e essa mudança se tornou muito mais evidente do EP *Over the Hills and Far Away* para o álbum *Century Child*. Até então, seu som poderia ser classificado como power metal sinfônico, com nuances de orquestra mais proeminentes do que em outras bandas do gênero. A influência do som mais rápido e direto do Stratovarius era palpável no final dos anos 90 e início dos anos 2000. No entanto, tudo se transformou em 2002 com o lançamento de *Century Child*, um marco notável do metal sinfônico finlandês e, por que não, mundial.

O álbum representou uma redução na velocidade das músicas, uma fusão mais profunda entre guitarras e orquestrações, colocando-as em destaque, e uma temática mais profunda, explorando o lado humano, existencialista e poético. Essa mudança foi abraçada pelo que mais tarde acabou sendo conhecido como a tribo urbana dos góticos, alterando até mesmo o visual da banda. As vestimentas pomposas deram lugar a um estilo mais "depressivo", com maquiagem carregada e um olhar desafiador, convidando o público a confrontar os recantos mais sombrios de suas almas.

Century Child marca o quarto álbum de estúdio do Nightwish, lançado em 24 de maio de 2002 pela Spinefarm Records. O sucesso do álbum foi imediato. No dia do lançamento, conquistou Disco de Ouro na Finlândia e, posteriormente em 2003, alcançou Disco de Platina Dupla. Em 2002, foi o segundo disco mais vendido na Finlândia, totalizando 60 mil cópias comercializadas. E esses números continuam impressionantes: atualmente, *Century Child* ultrapassa as 90 mil cópias vendidas apenas na Finlândia. Globalmente, entre 2002 e 2003, o álbum atingiu a marca de mais de 350 mil cópias vendidas. Esse sucesso expressivo solidificou ainda mais o Nightwish como um dos

Tarja Turunen em foto promocional do *Century Child*

expoentes do metal sinfônico no cenário musical internacional.

O álbum se inicia com a poderosa *Bless the Child*, que até ganhou versão em videoclipe, diminuída em cerca de um minuto. A melodia começa com a voz triste e melancólica de Tarja Turunen, acompanhada por um desafiador riff de teclado, reconhecido por Tuomas como um dos mais complexos para ser executado nos palcos. Essa música estabelece o tema central do álbum: a metáfora da criança como uma entidade abençoada, fonte de inspiração e sabedoria para os adultos enfrentarem os desafios do dia a dia. Um aspecto marcante é a presença da voz de Sam Hardwick, que já havia colaborado no disco *Wishmaster*, na introdução narrativa.

Na sequência, *End of All Hope* marca a estreia vocal de Marko. Apesar de ser apenas no refrão e em segundo plano ao lado de Tarja, é a primeira vez que os fãs testemunham sua participação em uma canção. A mensagem da música carrega o tom desesperançoso, refletido em seu título (fim de toda esperança). Com um refrão que ecoa o estilo de *Wishmaster*, repleto de pausas dramáticas, a faixa ainda apresenta um solo de Emppu e uma passagem de teclado de Tuomas, lembrando, em certa medida, o som do Children of Bodom, só que mais lento.

Dead to the World se consolida como uma das grandes estrelas do disco, destacando a forte conexão entre Tarja e Marko. A letra narra a jornada de um homem adulto que contempla sua própria trajetória, expressando o desejo de não deixar este mundo sem cicatrizes e a sensação de estar "morto para o mundo". No dueto, Tarja reforça o conceito da criança como símbolo de idolatria e redenção, capaz de aliviar as dores do planeta. Esta música se destaca como um dos últimos vestígios do power metal na discografia do Nightwish, com seus pedais duplos e uma breve passagem acelerada que poderia facilmente se encaixar em *Oceanborn*.

Ever Dream, que vem em seguida, é outro clássico memorável de *Century Child*. Concebida para ser mais comercial, a música começa com um suave piano de Tuomas, criando um cenário para Tarja cantar versos sobre alguém que expressa seu amor por todas as pessoas que foram ou ainda são significativas em sua vida. É uma verdadeira declaração de amor universal. O ponto alto chega no épico encerramento, quando a banda eleva o tom, aumenta a velocidade da bateria, baixo e guitarra, e adiciona a poderosa voz de Marko, junto a Tarja. Um espetáculo grandioso.

Por outro lado, *Slaying the Dreamer* atua como uma antítese à essência de *Ever Dream*. Ela é direcionada aos críticos e às pessoas que de alguma forma atrapalharam a trajetória do Nightwish. Tuomas compartilha detalhes sobre a curiosa inspiração por trás da música: "*Slaying the Dreamer* é extremamente intensa. Escrevi a letra após uma noitada no bar, por volta das 5h da manhã. Alguém tinha acabado de me criticar, dizendo o quão horrível e idiota eu era, e isso me afetou profundamente. Foi algo insignificante, mas me atingiu como mil agulhas. Um amigo de Tarja veio até mim e questionou por que eu não dava crédito a ela, o quanto ela tinha contribuído para a banda. Foi como se eu nunca tivesse me preocupado com Tarja. Esse incidente desencadeou muitos traumas. Eu queria expressar meus sentimentos sobre isso, então, quando cheguei em casa escrevi *Slaying the Dreamer*. Na manhã seguinte, li a letra com uma mente mais clara e

Clube de Revistas

removi todo o palavreado. O resultado é o que se ouve no álbum".

Forever Yours, ultrapassando a metade do disco, pode ser considerada a mais fraca do álbum. Ela versa sobre uma alma que declara sua eterna devoção à pessoa amada, mas não consegue empolgar e nem ir a um próximo nível. A seguir, surge a balada mais impactante do álbum, *Ocean Soul*. Nunca apresentada ao vivo pela banda, essa faixa captura a essência das profundezas oceânicas com uma letra nostálgica e densa, refletindo sobre pesadelos dolorosos e o desejo de se entregar a um sentimento maior. *Feel for You* já aborda de maneira mais explícita o desejo, a paixão e a sexualidade. Essa temática não é nova, uma vez que já havia sido explorada em *She Is My Sin* e *Nymphomaniac Fantasia*. Aqui Marko assume o refrão, retratando um tipo de dominador que busca controlar o coração e a mente de sua presa, enquanto Tarja entoa versos sobre memórias do cheiro do quarto do amado e os arrepios que essas recordações podem evocar.

Chegando ao final, a versão do Nightwish de *The Phantom of the Opera* é uma das joias preciosas do álbum. Em entrevista a este jornalista, Tarja revelou o quanto a música é especial para ela em sua jornada com o Nightwish: "Entre todas as músicas que compartilhei com Marko, minha favorita seria *The Phantom of the Opera*. Ela é uma das razões pelas quais sou cantora hoje e a motivação para aprender tudo sobre canto lírico quando era jovem. Gravar essa música com o Nightwish foi realmente especial para mim, porque ela tem um significado muito pessoal. O desafio vocal que ela traz é simplesmente incrível e eu gosto de me desafiar com ela."

Encerrando o tracklist regular, temos a monumental *Beauty of the Beast*. Com uma pitada de progressivo, a música apresenta diversas passagens distintas, divididas entre *Long Lost Love*, *One More Night to Live* e *Christabel*. Ela é celebrada como uma das melhores "músicas longas" da banda, disputando o pódio com outros hinos imensos que viriam mais tarde, como *Ghost Love Score* e *The Poet and the Pendulum*. A letra retrata uma relação amorosa que enfrenta grandes desafios, separações, ausências, desejos e reflexões profundas. No desfecho, um poema é declamado, contendo uma das frases mais emblemáticas do Nightwish: "Pelo que sei agora, sou uma marionete neste silencioso palco de espetáculos. Nada mais do que um poeta que fracassou em sua melhor peça. Um menino morto, que falhou em escrever um fim para cada um de seus poemas". Esta inserção destaca Tuomas como personagem em suas letras, algo que seria amplificado mais tarde em *Dark Passion Play*.

Duas faixas bônus surgem para finalizar: *The Wayfarer*, ainda bebendo na fonte do power metal, tem uma introdução ao estilo *Wanderlust*, com melodia animada e enérgica. Já *Lagoon* até hoje permanece um mistério, pois parece ser um sampler de música eletrônica desconexo, sem relação alguma com o álbum. Sua presença inusitada é uma curiosidade que intriga os fãs até hoje.

Surfando o bom momento

A turnê do *Century Child* foi realmente um divisor de águas para o Nightwish. Ela era trouxe um ar de cura para as dinâmicas dentro da banda, um momento crucial para a explosão de popularidade que viria a seguir. Apesar das complicações trazidas pelo casamento de Tarja com Cabuli no início de 2003, naquele momento o mar parecia navegável. As relações estavam renovadas e oxigenadas com a chegada de Marko. Tarja expressou isso ao afirmar que foi um álbum de purificação: "Depois de *Wishmaster*, tivemos uma crise e agora o ar foi limpo. Isso nos mostrou que ainda poderíamos continuar." Ela continuou, refletindo sobre o impacto do álbum: "Nossa carreira decolou e o álbum foi muito bem, percebemos que a situação não estava tão ruim. Tivemos grandes momentos e shows incríveis. Muitas portas se abriram para nós. Estávamos vivendo um grande momento, tocando em grandes locais e com o apoio contínuo dos fãs. Isso nos deu forças para continuar", resumiu Tarja sobre o sentimento geral que predominava entre eles naquela época.

Tarja com seu tradicional vestido vermelho usado no videoclipe de *Nemo*

Quando Jukka refletiu sobre a jornada até aquele ponto, ele expressou como as coisas mudaram: "Hoje, não vejo muito meus amigos, exceto Emppu. A falta de tempo é a razão principal. Quando estou em casa, tenho outras responsabilidades. Estar em uma banda desse nível pode afetar algumas de suas relações sociais, mas também te apresenta a novos amigos incríveis. Antes de viajar pelo mundo com o Nightwish, eu só tinha ido à Suécia. Hoje, toda minha identidade é baseada no Nightwish", compartilhou Jukka sobre as transformações que essa jornada trouxe para sua vida pessoal e social.

O fim da inocência

O lançamento do DVD *End of Innocence* (2003) foi um verdadeiro marco na história do Nightwish durante a primeira metade dos anos 2000. Sendo o segundo DVD da banda, estava repleto de imagens de performances ao vivo (incluindo a incrível *Beauty and the Beast* com Marko nos vocais!), momentos descontraídos e um documentário que traçava a jornada do grupo até aquele momento. Dirigido por Timo Halo, o documentário incluía longas entrevistas com Tuomas Holopainen, Jukka Nevalainen e Tapio Wilska, além de vários clipes curtos do grupo se apresentando, pregando peças em bandas de apoio, gravando no estúdio e se divertindo em geral. A edição limitada ainda trazia um CD ao vivo, *Live at Summer Breeze 2002*, contendo as faixas *End of All Hope*, *Dead to the World*, *10th Man Down*, *Slaying the Dreamer*, *Over the Hills and Far Away*, *Sleeping Sun*, *The Kinslayer* e *Come Cover Me*.

Quanto ao conteúdo do corte final do DVD, Tuomas expressou suas ressalvas: "Algumas coisas muito pesadas foram retiradas. Tive que brigar com Halo por causa de muitas cenas. Eu não queria incluir aquela cena em que estou sendo levado para meu quarto de hotel bêbado, por exemplo, mas ele conseguiu me convencer de sua importância. Ele disse que a cena simplesmente pertence ao filme. Então, talvez seja a mesma coisa de quando componho sobre assuntos pessoais: eu escrevo apesar de saber que centenas de milhares de pessoas vão ouvir e ler aquilo, como se compartilhar sua dor lhe desse alguma satisfação. Perverso. Outras pessoas talvez possam experimentar um pouco do que você atravessou. Por isso, *End of Innocence* é tão franco e aberto", concluiu.

A explosão iminente...

O próximo passo do Nightwish seria o álbum *Once* (2004), que se tornou o mais importante da história da banda, responsável por quebrar totalmente as barreiras do estilo e disputar audiências com grupos do primeiro escalão da música mundial. A narrativa por trás desse disco emblemático, revelando como a tempestade perfeita criada pela banda resultou em uma reputação impecável, será abordada na próxima edição.

Entretanto, essa história também trouxe consigo um dos maiores traumas da história da banda: a saída de Tarja Turunen. A separação foi um momento doloroso para os fãs e para a própria banda, trazendo desafios emocionais e criativos. A partida de Tarja marcou uma mudança significativa na dinâmica e na sonoridade do Nightwish, abrindo caminho para uma nova era, mas deixando um legado poderoso e uma jornada de superação que continuou a moldar o curso da banda. *Continua...*

Clube de Revistas

CLASSICREW

1974 JUDAS PRIEST
Rocka Rolla

Quando o primeiro vocalista do Judas Priest, Al Atkins, não teve opção a não ser deixar a banda por conta de sua situação financeira, Rob Halford foi convidado a assumir o posto graças a sua irmã Sue, que namorava o baixista Ian Hill. Porém, mais importante que isso em termos musicais é o fato de que não muito depois de sua entrada a banda gravaria seu primeiro disco. E *Rocka Rolla* não seria exatamente a estreia dos sonhos para o Judas.

Primeiro de tudo, os músicos se queixaram dos problemas técnicos que enfrentaram no estúdio. E também não ficaram muito felizes com o trabalho de Rodger Bain, produtor escolhido pela gravadora Gull para assinar o disco. Bain tinha no currículo a produção dos três primeiros discos do Black Sabbath, mas acabou se tornando uma decepção para o Judas. "Bain era um cara tranquilo, talvez até tranquilo demais...", lembra Halford em sua biografia "Confesso". Ele conta que flagrou o sujeito dormindo enquanto eles ralavam para acabar a gravação. "Ele roncava no sofá."

Quando, no dia 6 de setembro de 74, o disco veio ao mundo, Halford, Hill, os guitarristas Glenn Tipton e K.K. Downing e o batera John Hinch (que seria demitido logo depois) não gostaram do que viram e ouviram. "*Rocka Rolla* foi uma decepção em muitos sentidos", resumiu Rob. "Não gostamos do título, definitivamente não gostamos da capa, mas a maior decepção foi com o som. Fomos com tudo para o estúdio, no entanto a produção tirou nossa força e deixou tudo morno."

Musicalmente, *Rocka Rolla* é completamente diferente do que o Judas Priest viria ser não muito tempo depois. Dá pra identificar ali a fúria que marcaria a trajetória da banda e muitos dos riffs de guitarra eram bem agressivos para a época, mas o repertório soa muito mais blues rock com toques de progressivo do que heavy metal – há músicas realmente empolgantes lá, mas que em nada se assemelham ao que viria depois. Parte disso também seria culpa de Rodger Bain, que teria vetado várias composições por considerá-las "pouco comerciais".

Isso fez com que o álbum, segundo o vocalista, se consolidasse "como um prego na areia". Vendeu pouquíssimo e praticamente não apareceu na programação das rádios. Isso deixou a banda em situação financeira difícil – os músicos chegaram a passar fome na época. Porém, a perseverança (teimosia?) prevaleceu e o mundo acabaria ganhando um dos maiores nomes do rock pesado da história.

Antonio Carlos Monteiro

VAN HALEN 1984
1984

Por mais que se exaltem os feitos, inovações e criações de David Lee Roth, Eddie Van Halen, Michael Anthony e Alex Van Halen, é sempre bom recordar para reafirmá-los. O álbum *1984*, produzido por Ted Templeman, se encaixa na categoria dos notáveis, mas vem com um tempero agridoce. Gravado em dezembro de 1983 no 5150 Studios, em Hollywood/CA, foi lançado a 9 de janeiro de 1984 e obteve sucesso imediato, vendendo dez milhões de cópias. Este é o lado doce, pois o amargo é que acabou se revelando o último álbum da fase Lee Roth até seu retorno e o lançamento de *A Different Kind of Truth* (2012).

A icônica capa, concebida por Diamond Dave, foi criada pela especialista em fotorrealismo com aerógrafo Margo Zafer Nahas. A arte apresenta a imagem de um bebê anjo segurando um cigarro – o modelo, Carter Helm, era filho de um amigo de Nahas. A capa causou controvérsia no Reino Unido, mas esse contratempo não impediu que *1984* alcançasse a 15ª posição nas paradas britânicas e a segunda nos EUA.

O repertório abre com a instrumental *1984*, seguida por *Jump*, que liderou as paradas. A primeira música gravada oficialmente no 5150 Studios por pouco não foi limada, já que Roth e Templeman eram contra o uso de teclados. No entanto, Eddie não só demonstrou que estava certo, como ampliou o uso em *5150*, que marcou o início da era Sammy Hagar.

O hit *Panama*, assim como *Jump*, saiu em clipe. O título e a letra têm a ver com o carro Panama Express, que Roth viu numa corrida em Las Vegas. Já *Hot for Teacher*, que mostra a habilidade não só de Eddie, mas de Alex Van Halen, foi outro single que saiu em vídeo. Dirigido por Roth e Pete Angelus, diretor do clipe de *Jump*, mostra pré-adolescentes caracterizados como os músicos da banda e, pela época politicamente incorreta, destaca o nerd estereotipado Waldo – Roth até aparece como motorista do ônibus que vai pegá-lo para ir à escola.

Outro single que privilegiou os teclados foi *I'll Wait*, composta com auxílio de Michael McDonald (Doobie Brothers). Também chama a atenção o resgate de

House of Pain, uma das primeiras composições da banda e que foi incluída por insistência de Alex. O repertório ainda traz *Top Jimmy*, *Drop Dead Legs* e *Girl Gone Bad*.

A transição para a era Sammy Hagar marcou um novo capítulo na história do Van Halen, mas *1984* é um clássico da década de 80. Seu legado e impacto permanecem indeléveis até hoje.

Ricardo Batalha

Clube de Revistas

1994 BLACK CROWES
Amorica

Ao contrário de tantas bandas que suaram a camisa até conseguir um lugar ao sol, o Black Crowes já estreou frequentando o topo das paradas. O trabalho de estreia, *Shake Your Money Maker* (1990), chegou ao 4º posto da parada americana, enquanto seu sucessor. *The Southern Harmony and Musical Companion* (1992), alcançou a 1ª colocação nos EUA e a 2ª na Grã-Bretanha. Nada mais animador do que esses resultados para partir para um próximo disco de sucesso, certo? Em termos... O fato é que havia um problema na banda, que atendia por um nome – ou melhor, sobrenome. Acontece que os irmãos Chris (vocal) e Rich Robinson (guitarra), principais compositores do grupo, experimentaram durante boa parte de sua existência uma verdadeira vida-guerra. Tanto que o trabalho seguinte, que deveria se chamar *Tall*, foi marcado por uma verdadeira batalha entre os manos, a ponto de Chris gravar algo numa sessão e Rich, chegando no estúdio mais tarde, simplesmente apagar tudo – e vice-versa.

Óbvio que com um clima desses não ia sair disco algum e a banda deu uma pausa para apaziguar os ânimos. Até que em maio de 1994, acompanhados de Jack Joseph Puig, que iria coproduzir junto com a banda, Chris, Rich, Marc Ford (guitarra), Eddie Harsch (teclado), Johnny Colt (baixo) e Steve Gorman (bateria), mesmo time que registrara o álbum anterior, entraram no Sound City para enfim gravar o novo trabalho – e muitas das faixas escolhidas eram das sessões do que viria a ser *Tall*, várias delas com muitas modificações.

Chamado *Amorica*, o álbum já gerou controvérsia na capa, que mostrava uma modelo usando uma calcinha com a estampa da bandeira dos EUA e pelos pubianos à mostra, imagem que foi tirada de uma edição de 1976 da revista masculina americana Hustler. Claro que algumas redes de loja puritanas esbravejaram e se recusaram a vender o álbum, que teve que receber uma capa alternativa, contendo apenas a calcinha sobre um fundo preto.

Não dá pra dizer que o disco teve um mau resultado, já que foi certificado Disco de Ouro nos EUA e chegou ao Top 2 tanto nos EUA como na Grã-Bretanha – mas nada que se comparasse ao Disco de Platina quíntuplo do primeiro trabalho e ao Platina duplo do segundo.

Entre idas e vindas, o Black Crowes lançaria mais seis full-lengths e voltou ao Brasil em março último para um show inesquecível. Aparentemente, a paz reina na família Robinson.

Antonio Carlos Monteiro

2004 EXODUS
Tempo of the Damned

A trajetória da banda que deu ao mundo o indispensável *Bonded By Blood* (1985) não poderia acabar daquela maneira. Não pela segunda vez. Apesar do sensacional ao vivo *Another Lesson in Violence*, a tentativa do Exodus de voltar, em 1997, pode ser resumida na passagem pelo Rio de Janeiro, no ano seguinte: o caótico show no Garage, para um público inacreditavelmente minúsculo numa casa que já era pequena. A pífia infraestrutura do local deixou Gary Holt com cara de pouquíssimos amigos, e a cena de Paul Baloff comendo um "podrão" na Rua Ceará era a imagem do momento ruim de um dos gigantes do thrash metal.

Em 2001, a nova tentativa foi logo marcada por uma tragédia: a morte de Baloff por um derrame seguido de ataque cardíaco, no dia 2 de fevereiro do ano seguinte. No entanto, Holt, Rick Hunolt, Tom Hunting e Jack Gibson seguiram em frente com Steve "Zetro" Souza de volta para os vocais, e o fruto dessa resistência se chama *Tempo of the Damned*, lançado exatos dois anos de Baloff ter partido deste mundo. E o sexto disco de estúdio da banda californiana é um diploma de doutorado em thrash metal, daqueles que fazem você arrastar os móveis da sala e abrir espaço para pogar em casa, mesmo que sozinho.

Sintomático, aliás, que o álbum não comece com uma bombástica introdução instrumental, e sim com um dos muitos riffs magistrais de Holt, o melhor guitarrista da história do thrash. E o início é um completo massacre: a trinca com *Scar Spangled Banner*, *War is My Shepherd* (com uma performance perfeitamente agressiva de Souza) e *Blacklist* é para fazer fila na porta de consultório médico para o tratamento de dores no pescoço. Isso antes sequer de chegar a *Forward March* e *Throwing Down*.

Impaler ainda merece uma menção à parte por trazer Kirk Hammett, guitarrista da primeira formação do Exodus, como coautor. E você pode até dizer 'Opa, isso parece *Seek & Destroy*' no início, mas a canção tem mesmo é um dos riffs que Hammett levou para o Metallica e usou em *Trapped Under Ice*, de *Ride the Lightning* (1984).

Enfim, era para ser um recomeço de primeira, certo? Não para o Exodus, cujos

percalços sempre estiveram no caminho. Souza pulou fora no meio da turnê, e a banda recrutou Matt Harvey (Exhumed) e Steev Esquivel (ex-Defiance) para finalizar a agenda de shows, sendo este último o titular do microfone na passagem pelo Brasil em 2004. E até encontrar em Rob Dukes o substituto ideal, o Exodus se viu às voltas com outro dos obstáculos que o impediram de ser um Big 4.

Daniel Dutra

Clube de Revistas

Eternal Idols

Antonio Carlos Monteiro

BERNIE MARSDEN

✷ 07/05/1951 † 24/08/2023

Bernard John Marsden, nascido em Buckingham (ING), não teve uma família abastada, mas, ao contrário de tantos astros do rock, cresceu num lar tranquilo e amoroso. Caçula de quatro irmãos, sempre se interessou por rock'n'roll até que aos 11 anos ganhou de natal sua primeira guitarra – era um instrumento simples e barato (era o que seus pais podiam comprar), mas não importava: ele adorou! Passou a treinar compulsivamente, aprendendo com seu irmão mais velho, que tocava numa banda local, e tentando reproduzir as músicas de seus ídolos, que assistia no Top of the Pops e Ready Steady Go!, programas britânicos de TV.

Começou fazendo covers de Rolling Stones, Beatles e Kinks no grupo Clockwork Mousetrap e adorou a ideia de subir num palco e ser aplaudido. Aos 16 anos largou a escola e passou a trabalhar como auxiliar de eletricista enquanto dava sequência ao sonho de se tornar músico profissional. No ano seguinte, passou a fazer parte do Skinny Cat, banda que tinha um bom equipamento e até um empresário. Chegaram a gravar alguns singles, mas nada aconteceu. Então, resolveram mudar para Londres em busca de maiores oportunidades. Ledo engano... A concorrência na capital era brutal e depois de dois anos a banda acabou.

Sua primeira oportunidade profissional aconteceu em 1972, quando ficou sabendo que o UFO precisava de um guitarrista. Candidatou-se para a vaga, foi contratado, mas não ficou muito tempo: não era seu estilo favorito de rock e nem se deu muito bem com os demais integrantes da banda. No ano seguinte, passou a fazer parte do Wild Turkey, na qual, ao contrário do UFO, encaixou-se perfeitamente, mas o sucesso comercial não veio.

Depois, entrou no Cozy Powell's Hammer, com quem gravou o single *Na Na Na* (1974) – também fazia parte da banda o tecladista Don Airey – e mais duradoura foi sua passagem pelo Babe Ruth, com quem gravou *Stealin' Home* (1975) e *Kid's Stuff* (1976). Na mesma época, foi recomendado por Powell a Jon Lord, que estava montando uma banda com Ian Paice e o vocalista e tecladista Tony Ashton. Com o Paice Ashton Lord gravou *Malice in Wonderland* (1977) mas, apesar de muitos apostarem no sucesso da nova banda, ela se desfez após apenas um disco e cinco shows. Foi quando aconteceu a grande virada na carreira de Bernie, já que ele começou uma nova banda com o vocalista David Coverdale e o guitarrista Micky Moody. Esse novo grupo, como todo mundo que não morou em Marte nos últimos cinquenta anos sabe, se chamaria Whitesnake e lançaria Bernie Marsden ao sucesso.

Bernie ficou por lá de 1978 a 1982, gravando os discos *Snakebite* (1978), *Trouble* (1978), *Lovehunter* (1979), *Ready & Willing* (1980), *Live in the Heart of the City* (1980), *Come an' Get It* (1981) e *Saints & Sinners* (1982). Mais que isso, foi coautor de diversos hits, como *Here I Go Again* (de *Saints & Sinners*), que se tornou sucesso mundial. Em entrevista a este repórter publicada no site da ROADIE CREW, ele disse que não percebeu de imediato que seria um hit: "Na verdade, nunca dá pra ter certeza de algo assim. Mas o grande Jon Lord assim que ouviu falou: 'Isso é um hit!' Ele inclusive insistiu em fazer a introdução no teclado, que originalmente era feita na guitarra. *Here I Go Again* fica maior a cada ano que passa e eu fico muito feliz com isso."

Com a banda se afastando do blues rock e se aproximando do hard rock, uma mudança radical ocorreu na formação, resultando na saída de Marsden. Porém, no futuro ele estaria ligado a vários grupos relacionados de uma forma ou de outra ao Whitesnake, como MGM, The Moody Marsden Band, The Snakes, The Company of Snakes e M3. Também formou a banda Alaska, que gravou dois discos na primeira metade dos anos 80, além de lançar dezenas de discos solo. Os últimos foram as antologias de clássicos *Kings* (2021), *Chess* (2021) e *Trios* (2022).

E quando todos achavam que sua carreira prosseguiria a pleno vapor, Bernie faleceu subitamente, por conta de uma meningite bacteriana, aos 72 anos – o mesmo mal que privou o mundo de outro gênio da guitarra, Jeff Beck, em janeiro de 2023.

Babe Ruth
Kid's Stuff (1976)

Paice Ashton Lord
Malice In Wonderland (1977)

Whitesnake
Lovehunter (1979)

Whitesnake
Saints & Sinners (1982)

Bernie Marsden
Kings (2021)

Clube de Revistas

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

DEATHSPIT- CHAOS OF DOOM

@deathspit.official

Chaos of Doom é o álbum debut da banda, e traz temas polêmicos, pesados e históricos, ponteado pelos riffs cortantes e os vocais ferozes de Victor Espeschit, pelo peso do contrabaixo de Mauricio Nazareth e a parede sonora da bateria de Victor Rossi. "Chaos of Doom" é um material que não faz rodeios, englobando elementos do Thrash/Death old school com o Thrash/Death atual!

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

anúncio: www.jduartedesign.com

Clube de Revistas

RIVAL SONS

A JORNADA ATÉ A LUZ

Patrik Sluglew

Dave Beste, Scott Holiday, Mike Miley e Jay Buchanan: rock'n'roll ao quadrado em 2023

Banda californiana transforma a dor e o escape de períodos difíceis bem recentes numa caminhada conceitual e musical em dois álbuns de inéditas

Por Daniel Dutra

Em dias de streaming e baixa venda de CDs, lançar dois discos num mesmo ano, e num curto intervalo de tempo, pode ser considerado um negócio arriscado. No entanto, foi necessário para o Rival Sons exorcizar os demônios de Jay Buchanan (vocal e guitarra), Scott Holiday (guitarra), Dave Beste (baixo) e Mike Miley (bateria) – o tecladista e percussionista Todd Ögren acompanha a banda. Especialmente para Buchanan, que explicou o caminho do sofrimento até a paz construído em *Darkfighter* e *Lightbringer*, dois dos grandes álbuns de 2023.

Gostaria de começar com algo que você disse sobre *Darkfighter*, que o disco 'representa a mitose cultural do isolamento, da pandemia e do tecido nacional de um Estados Unidos cada vez mais frouxo'. Você poderia explicar melhor?

Jay Buchanan: Durante a pandemia, quando o grosso desse álbum foi composto e gravado, havia muito isolamento, e estávamos vivendo algo que nenhum de nós havia vivido antes. Sei que existem muitos países e muitas culturas que vivem em constante deslocamento e privação de direitos, porque estão em guerra ou fugindo da fome, e quando falo de todas essas questões nos EUA, quando você coloca em contexto, comparando com as questões que outras nações vivem, as nossas parecem bem pequenas. Mas eu só posso falar da cultura com a qual estou familiarizado, só posso falar da vida que eu vivo. Durante a pandemia, a música foi tirada de nós... Quer dizer, não a música em si, mas a habilidade de compartilhá-la com outras pessoas e de tocar ao vivo, que é a fortaleza onde construí a minha vida. Então, pela primeira vez ter esse nutriente vital subitamente tirado de mim me forçou a olhar as coisas de uma maneira diferente. Para a banda, o ano 2019 foi maravilhoso, o nosso maior ano! Fomos indicados ao Grammy, e o *Feral Roots* estava voando. Estava tudo indo muito bem quando, de repente, tudo parou absolutamente. Estaria tudo bem porque somos artistas e fazemos isso basicamente pela arte, mas estávamos ansiosos por aquele impulso, para ver até onde aquele momento nos levaria. Ou seja, não apenas isso parou como todo o resto parou, também, e todo mundo tinha de ficar em suas casas. Para piorar, aqui nos EUA nós testemunhamos a politização de cada aspecto da pandemia de uma maneira tão ridícula que realmente fez as pessoas se voltarem umas contra as outras! Eu vi familiares se odiando! Em 2020, tivemos eleição no país, e foi algo muito, mas muito nojento. Como se não bastasse, quem achou que deveria ter vencido não venceu, então iniciou uma insurreição, e aí pessoas invadiram o Capitólio. Uma maluquice! Além disso tudo, ainda havia as teorias de conspiração sobre as vacinas, tivemos o assassinato do George Floyd pelas mãos da polícia, que levou ao movimento cultural Black Lives Matter, que deveria ter acontecido há muito tempo, mas do lado oposto tinha gente falando que a opressão sistemática do povo negro não é real, que perfil racial não existe... Cara, isso é muito absurdo! Então, quando eu falo em "mitose cultural" é a célula se dividindo sucessivamente, porque a sensação era essa. Pessoalmente,

tive a infelicidade de perder três dos meus melhores amigos em 2021. Todos morreram num intervalo de seis meses entre um e outro. Faz parte da vida, e é preciso aprender a lidar com isso, mas havia tanto tumulto acontecendo dentro e fora de mim que minha salvação foi compor, produzir e gravar essas músicas.

Olha, eu iria perguntar sobre a frase 'você é capaz de proteger aqueles que ama?' na letra de *Darkside*, porque minha interpretação era de que ela resume o que vivemos na pandemia. Agora, porém, ela faz todo sentido.

Jay: E a música é sobre um dos meus amigos, um cara muito família, ótimo pai, ótimo marido, bastante responsável e excelente pessoa, mesmo, e nós éramos melhores amigos desde crianças. No entanto, ele ficou viciado em analgésicos e escondeu muito bem de todo mundo esse vício. Havia alguns sinais de que algo errado estava acontecendo, mas ninguém sabia o que era. A frase diz 'algo colocou uma farpa na sua mão; você é capaz de proteger aqueles que ama?', e é isso: meu amigo estava lidando com uma culpa muito íntima, um obstáculo e uma impotência profundamente pessoais, um problema que manteve totalmente em segredo. Daí vem essa frase, no sentido de 'lidando com esse vício, você ainda tem a capacidade de proteger aqueles que ama sem que eles descubram?'.

***Lightbringer* saiu apenas quatro meses depois de *Darkfighter*, e hoje em dia é bem incomum uma banda lançar dois discos de inéditas no mesmo ano. Isso foi planejado?**

Jay: Honestamente, não. Nunca planejamos gravar dois álbuns, mas acabou sendo uma necessidade. Tínhamos uma coleção bem vasta de músicas, e colocá-las num único disco teria desvalorizado e diluído esse material. O que nós queríamos fazer era organizar as canções de forma que fossem dois lados diferentes da mesma história, duas parcelas diferentes de uma história que pudessem ter vida própria. Quando começamos a trabalhar nessas músicas, não havia um grande conceito ou esforço para fazer uma grande obra. Eu estava compondo instintivamente, tinha de escrever sobre as coisas pelas quais estava passando e vendo. A pandemia e tudo mais que estava acontecendo na minha vida eram algo tão intenso que foi como espremer 20 anos em dois, e isso era muita coisa. Por causa disso, acabamos com muito material, mais músicas do que eu sabia que precisaria compor para me expressar, e o Scott, que é meu parceiro de composição, tinha mais coisas que ele queria fazer, também. Foi só quando eu compus *Mosaic* que soube que havia concluído o trabalho. Era como se eu estivesse esperando por algo como ela, tipo uma crise de febre. Eu estava num quarto de hotel na Filadélfia e, no meio da noite, levantei e compus as estrofes, o pré-refrão e o refrão de *Mosaic*. Depois que fiz isso, senti que a coleção de músicas estava finalizada, porque eu ainda não havia escrito nada com aquele tipo de esperança. Eu estava esperando por isso, estava esperando pelo nascer do sol, e com *Mosaic* isso aconteceu.

Isso é bem interessante, porque as oito músicas de *Darkfighter* e as seis de *Lightbringer* fazem sentido onde estão. Há uma conexão entre os discos, obviamente, e há uma clara divisão do clima musical.

Jay: Exatamente. Quando eu olho para as músicas de *Darkfighter*, vejo que elas falam muito sobre a luta durante a jornada. Quando o *Lightbringer* chega, é como se a poeira tivesse baixado e avaliássemos qual foi o custo da jornada, avaliar quem e o que somos. Não o que estamos passando, mas quem somos. Os dois discos compartilham do mesmo DNA, mas os cromossomos são diferentes. O *Darkfighter* seria XX, porque é mais confrontador, combativo e custoso, e *Lightbringer* seria XY, mais provedor, feminino e nascimento. Músicas como *Darkfighter*, *Redemption* e até mesmo *Mercy* lidam primariamente com a ideia e as complicações de um trauma herdado, e finalizar o *Lightbringer* com uma música como *Mosaic* é como apresentar uma canção de ninar, dizendo que as coisas vão se acertar, porque *Darkfighter* termina com *Darkside*, que é muito sombria e abismal.

LIGHTBRINGER
Wikimetal - Nac.

Ainda assim, não deixa de ser curioso que a faixa-título de *Darkfighter* esteja no *Lightbringer*. Ficou uma passagem de bastão interessante, digamos assim.

Jay: A introspeção de *Lightbringer* é diferente daquela que se passa em *Darkfighter*. Trata sobre o imediatismo da jornada, da dificuldade dela, como aparece em *Darkside*. É preciso perseverar diante dos problemas no meio do caminho, e aí vem *Bright Light*, que, assim como *Mirrors*, é uma grande música para estar no *Darkfighter*. Elas são muito diferentes do que temos no *Lightbringer*, também.

Você explicou o que *Mosaic* significou no processo de composição, mas eu preciso falar sobre o aspecto musical... Na verdade, fazer um complemento: é compreensível entender agora por que ela tem a sua melhor performance vocal até hoje.

Jay: Obrigado pelas palavras, e, olha, ela é um resultado inconsciente. Depois de passar por tanta coisa, compor uma música como *Mosaic* foi um encerramento para mim, também. Tendo passado pelo trauma que eu vivi, poder escrevê-la e cantá-la foi uma forma de reivindicar a minha vida de volta, reivindicar o amor e o conforto que foram penalizados por esses anos difíceis. É uma canção muito boa de cantar, porque não há tristeza e nenhuma dificuldade nela. É como uma massagem no meu coração e na minha mente. É muito tranquila.

O Rival Sons já esteve duas vezes no Brasil, e acredito que agora é hora de uma turnê própria. Enquanto isso não acontece, quais são as suas lembranças daquelas passagens por aqui?

Jay: São muitas, e a maior delas é de estar no Rio de Janeiro e ir à Praia de Copacabana. Gosto de correr pela manhã e pude fazer isso lá num dia muito bonito, vendo as pessoas tomando sol e brincando no mar. Estava muito quente quando terminei minha corrida, então pude dar um mergulho, tomar água de coco e depois ir comer numa churrascaria. À noite, pude dançar, beber umas caipirinhas feitas com cachaça, conversar com pessoas com muita cultura musical. É um lugar maravilhoso! Todos nós queremos voltar desde que saímos daí e estamos trabalhando nisso. Aliás, acho que posso dizer a você que tivemos uma reunião hoje cedo para pensar numa forma de retornar ao Brasil.

Essa é uma boa notícia. Obrigado pelo papo, Jay, e espero mesmo vê-los em breve no Brasil e, claro, no Rio.

Jay: (N.R.: falando em português) Obrigado, Daniel. É assim que se diz, né? (RC: Sim!) Então, obrigado! (risos) Espero vê-los todos em breve!

Clube de Revistas

Bruno Paraguay

SJ Bernardo, André Damien, Guilherme Alvarenga, Germânia Opus Mortis e Robert Aender prometem um disco conceitual para 2024

PARADISE IN FLAMES

passado, presente e... um disco conceitual a caminho

Próximo álbum da banda mineira de black metal sinfônico terá uma história fictícia que gera reflexão sobre o mundo de hoje

Por Thiago Prata

Se *ActOne* (2021) representou o primeiro ato (com o perdão do trocadilho) da repaginada e atualizada formação do Paradise in Flames, o próximo álbum promete evidenciar a essência mais plena do "teatro do horror" da banda mineira de black metal sinfônico – ou seria extreme symphonic metal? Rótulos à parte, o guitarrista e vocalista André Damien garante que o quinto full-length, previsto para 2024, será o melhor e mais completo disco do grupo, completado por Germânia Opus Mortis (vocais), Guilherme Alvarenga (teclados e vocais), Robert Aender (baixo) e SJ Bernardo (bateria). Papo de artista que sempre diz que o próximo trabalho será o melhor? André garante que não, tem embasamento para tal e dá mais detalhes do futuro da banda, além de enfatizar um passado revisitado com o melhor que o Paradise in Flames tem a oferecer.

Queria saber como vem sendo a repercussão do *ActOne*, dois anos após o lançamento, ocorrido no fim de 2021.

André Damien: Dois anos já? É engraçado, parecia menos... A parte do processo de composição do álbum foi um pouco conturbada, tivemos troca de formação em meio às gravações. Mas a repercussão foi melhor do que a esperada. O *ActOne* é o ponto alto da banda até o momento. As músicas têm uma diversidade rica e criam uma identificação com um público heterogêneo. O disco tem músicas que agradam um determinado público de black metal, por exemplo. E outras agradam um público gothic metal. Acho interessante porque, em um disco com dez músicas, alguém vai gostar de pelo menos alguma coisa. A pessoa pode até falar que não curtiu o álbum como um todo, mas também não pode falar que é ruim, porque possivelmente alguma coisa ali o agradou. E *ActOne* deu esse 'ponto inicial' para a banda, conseguimos ali forjar nossa identidade.

É realmente muita coisa que se ouve ali...

André: Estão até nos rotulando de extreme symphonic metal. Extremo pela velocidade. Estava conversando com o Samuel (SJ Bernardo), e a gente nunca tinha se atentado a isso, de que na história do Paradise in Flames não existe nenhuma música que não tenha metranca. Toda música tem, pelo menos, um mínimo de metranca. Extremismo, mas com muita melodia. Tem esse paradoxo, um som rápido e brutal, mas ao mesmo tempo tão meloso que às vezes a pessoa nem vai perceber que a bateria está rápida. Engana um pouco a audição.

Queria que você falasse um pouco sobre os dois últimos EPs, *Past in Files* (2022) e *Preludium* (2023), que são uma homenagem ao passado, celebrando a primeira demo, com músicas regravadas da carreira em uma roupagem 'New Paradise in Flames'.

André: A ideia desses EPs, principalmente do *Past in Files*, era de resgatar algumas músicas de que eu gostava bastante. Na época, não tínhamos condição alguma de gravar. Lembro que as que estão no *Past in Files* eram músicas com pré-produção, e a banda se desfez no meio da gravação. Gravamos por gravar e lançamos naquela época. E eu queria ver como ficariam com a nova roupagem da formação de hoje. A gente decidiu refazer algumas gravações para enxergar como ficariam. Foi bem legal, mudamos alguma coisa nos arranjos e nos tempos. Amadurecemos, o que fez com que criássemos novas roupagens para essas músicas. O material ficou bem interessante. É um material que era assim que eu queria ter ouvido uns dez anos atrás, por exemplo. Hoje estou satisfeito com o que produzimos.

Não pelo que a música era, mas pelo fato de ter envelhecido bem, não é datada. A ideia inicial era regravar canções antigas em três EPs – ainda faltando um, vamos juntar esses EPs e lançar um CD duplo.

O próximo EP já tem previsão de lançamento?

André: Estamos na pré-produção ainda. Selecionamos as músicas que estarão nele. Vamos começar a gravar por agora (N.R.: entrevista concedida em setembro de 2023). Não sabemos se virá antes ou depois do disco novo. Minha ideia é que, se o disco novo demorar de seis a oito meses, mesmo estando pronto, lançaremos o EP antes e teremos o material físico (o CD duplo com os três EPs). É bem legal revisitar o passado com essa cara e essa identidade novas. Tem músicas nesses dois EPs que não continham teclados. Era uma fase na banda em que eu enfezei com o tecladista da época, nunca dava certo. A gente então tirou o teclado. Agora o resgatamos, com o Guilherme Alvarenga fazendo toda a orquestração em cima. Parece até outra música.

Dito tudo isso, temos a união do passado, com as músicas regravadas nos dois EPs, o presente, com a repercussão de *ActOne*, e esses dois lançamentos, e o futuro, com a banda em produção do próximo disco. O que você pode nos adiantar do próximo álbum?

André: Sou suspeito para falar. O novo álbum para mim é muito melhor que *ActOne* (risos).

Este é aquele velho papo do artista que fala que o próximo disco será melhor que o atual ou você realmente está sentindo isso?

André: Não, não. Eu realmente estou sentindo isso. Eu já lancei disco e falei que o anterior era melhor. É que tivemos um amadurecimento muito grande. Em *ActOne* a banda ainda estava em formação. O Samuel tinha entrado no meio da gravação, tínhamos já três músicas prontas. E neste próximo álbum, o Samuel começou desde o início. Ele é um multi-instrumentista. Além de bateria, sabe tocar guitarra, baixo... Contribuiu bastante, pois há músicas que ele criou. Tinha música feita pelo Guilherme que era para ter entrado em *ActOne*, mas não tivemos tempo suficiente para tocar da forma como viriam a ficar. Elas estavam prontas pela metade, mas mereciam um carinho e um detalhamento maiores. Se tivéssemos feito de qualquer jeito, não iriam ficar tão boas. Então há músicas que foram amadurecendo desde *ActOne*. São como uma continuação dele, só que mais maduras. Conseguimos fazer tudo isso neste álbum. E de tanto todo mundo perguntar se *ActOne* era um disco conceitual, e não era, fizemos deste novo um álbum conceitual (risos).

O processo de composição teve participação de todo mundo, tanto o instrumental quanto as letras? Pergunto até por ser um disco conceitual.

André: A parte de composição foi com todo mundo dando pitaco, com cada um apresentando ideias. Coube a mim e ao Samuel pegar essas ideias, digeri-las e colocá-las dentro do roteiro do que precisávamos para o álbum. Havia ideias muito boas, mas que não usamos porque não tinham nada a ver com a história. Já a parte lírica eu tomei a frente. E é complicado criar, porque é praticamente uma letra de quarenta minutos. Quando eu dava uma travada, antes dos ensaios, conversava com o Guilherme; a Germânia contribuiu bastante. Colocava a música para rolar, falava da letra daquela parte, mas não sabia o que falava em tal trecho. A gente ficava discutindo, com essa troca de ideias. Sempre eu pedindo ajuda para uma pessoa, e não a pessoa chegando com uma letra pronta. Aconteceu de termos músicas a mais para este disco, vimos que a história se fechava, e nem tudo entrou no álbum. Não forçamos a barra, foi tudo natural. E como não temos prazo para lançar, foi tudo muito tranquilo. A banda estava mais madura e sabendo o que queria.

PRELUDIUM
Independente - Nac.

Você pode nos adiantar algo da história ou teremos que esperar a próxima entrevista (risos)?

André: Não sei (gargalhadas). Ah, posso adiantar, sim.

Eu agradeço (risos).

André: Não tenho pudor nenhum com isso. A história é fantasiosa, como se fosse um mundo pós-moderno, como nos dias de hoje, essa era digital. Mas fazendo uma analogia com o 'Ensaio sobre a Cegueira' (1995), do José Saramago, só que não tem a ver diretamente com a história. A ideia é: o Vaticano sempre quis dominar o mundo por meio da religião. Ele então consegue fazer uma lavagem cerebral nas pessoas, e as pessoas que seguem as religiões começam a perder a visão, não conseguem enxergar. Quem acreditava no Vaticano, ficava totalmente cego. E as pessoas que diziam acreditar, mas que na verdade não acreditavam, se aproveitavam disso. Existiam então a Igreja, as pessoas que ficavam cegas, as pessoas que falavam que seguiam Deus e se apropriavam disso para ganhar benefícios próprios, e foi-se gerando uma guerra, um conflito muito maior. A busca pelo poder é um ciclo. A ideia de antes, dominada pela Igreja, com pensamento medieval, de ser enganado facilmente... E, no mundo de hoje, a gente vê que as pessoas querem voltar à Era das Trevas, ficando fanáticas religiosamente, gerando uma doença que é psicológica. O final eu não posso falar (risos).

Você gosta de discos conceituais? Não necessariamente se algum serviu de inspiração para este álbum, mas curte discos conceituais, de bandas como Queensrÿche, Iron Maiden ou King Diamond?

André: Cara, um disco conceitual que escutei muito na minha vida foi *Metropolis Pt. 2: Scenes from a Memory* (1999), do Dream Theater. Eu tinha o DVD com o show na íntegra. Achava muito foda essa conexão de uma música com a outra e as letras. Sempre gostei da ideia de fazer um disco conceitual, achava que era mais fácil (risos). Mas é muito difícil. Você tem que pensar como um todo. Às vezes, você perde uma ideia muito boa, mas que não faz sentido ali. Tem que pensar na parte harmônica, juntamente com a letra. E a maior dificuldade é criar uma letra só, que tenha relação com todas as músicas. O grande desafio para a banda foi finalizar o álbum por ele ser conceitual. Mas o DVD do Dream Theater me inspirou a ver as cenas, pensando em como seria um show nosso quando lançarmos o álbum. Temos que tocar da primeira à última música dele tendo algum acontecimento no palco, nem que seja no telão, precisa haver uma interação. O próximo álbum tem uma história fictícia, mas no fim das contas é um conto filosófico, para se refletir sobre o mundo de hoje, uma filosofia por trás de toda a letra.

Última pergunta: qual o nome do disco? (risos)

André: (risos) A coisa mais fácil do mundo: *Blindness*.

CALENDÁRIO 2024

SUMMER BREEZE

Clube de Revistas

JANEIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

FEVEREIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29		

MARÇO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

ABRIL

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

MAIO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
10	9	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

JULHO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

AGOSTO

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

SETEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

OUTUBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

NOVEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

DEZEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

2.6 **2.7**

28

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Clube de Revistas

ENFORCER

Clube de Revistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Clube de Revistas

Clube de Revistas

CLANDESTINE (ZOMBIE COOKBOOK)

Por Ricardo Batalha • Fotos: Divulgação

Primeiro disco que comprou:
"Sepultura - *Arise*".

Melhor disco de heavy metal:
"Queensrÿche - *Operation: Mindcrime*".

Último disco que comprou:
"Volkmort - *Fallen in the Bloody Field*".

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Lucifer, Mastodon, Ulver e Death Breath".

Música que mais gosta de tocar:
"*Buried Beneath the Leachate*".

Música que melhor define sua carreira:
"*Motel Hell*".

Disco que mudou sua vida:
"Faith no More - *Angel Dust*".

Disco que mais ouviu na vida:
"Sepultura - *Arise*".

Melhor capa de disco:
"Obituary - *Cause of Death*".

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Metallica - *St. Anger*".

Disco que gostaria de ter gravado:
"The Dillinger Escape Plan - *Miss Machine*".

Música que gostaria de ter composto:
"Faith no More - *Ricochet*".

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Black Sabbath - *Master of Reality*".

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Slayer - *Hell Awaits*".

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Faith no More - *Angel Dust*".

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"The Dillinger Escape Plan - *Miss Machine*".

Três hinos do rock/metal:
"*Wasted Years* (Iron Maiden), *Jawbreaker* (Judas Priest), *Eyes of a Stranger* (Queensrÿche)".

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Marina Gasolina*, do Bonde do Rolê".

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Carpenter Brut".

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Gostaria de ter um projeto de math rock ou metal, na linha do Dillinger Escape Plan".

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"Algum Massive Attack".

Site:
www.zombiecookbook.com.br
@zombiecookbook

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Malmsteen".

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Tocar com afinco e destreza nenhum, mas arranho de tudo um pouco, desde guitarra até bateria, piano e baixo".

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Hoje estou na pira do Mastodon, geralmente prog ou algo mais trabalhado".

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Gosto muito de trip hop, punk, música latina (Paco De Lucia, Al Di Meola, Buena Vista Social Club) e aqueles pop sem vergonha dos anos 2000, principalmente os produzidos pelo Max Martin".

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Já tenho minha rotina paralela como arquiteto. Como sou muito ligado às quatro ciências quadrivianas, tenho um sonho ainda de ser astrônomo, inclusive estudei Física antes da Arquitetura".

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Acho que nunca tive um bizarro de verdade, até porque sou um cara bem tímido, reservado... mas sempre tem algum 'nóia' que cola em mim nos shows".

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Posso fazer as pessoas sorrirem. Ou urrarem em frente ao palco!" (risos)

Clube de Revistas

THE NAMELESS CRY É O OITAVO E NOVO ÁLBUM DOS DUENDES DE VARGINHA (MG).
Marca uma reinvenção no som da banda mas ao mesmo tempo consegue manter muitos de seus aspectos e peculiaridades em todas as faixas, trazendo uma atmosfera mais sóbria e amarga, reflexo do período sombrio que vivemos com uma pandemia.

Com paricipações especiais de Hugo Mariutti, Daísa Munhoz, Fabricio Altino, Romulo Salobreña, Julie F. Gonçalves, Edson Guerra, Adriano Sarto e Nathan Viana.

OUÇA AGORA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify DEEZER MUSIC Google Play

ad: www.JDuarteDesign.com

Clube de Revistas

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
SÃO PAULO • BRASIL

SUMMER BREEZE

26.27.28 - ABRIL 2024

SEXTA, 26 DE ABRIL DE 2024

GENE SIMMONS BAND

MR. BIG
The BIG Finish

Sebastian Bach

BIOHAZARD • EXODUS • BLACK STONE CHERRY • EDU FALASCHI
FLOTSAM & JETSAM • THE 69 EYES • TYGERS OF PAN TANG • NESTOR • DR. SIN
MASSACRATION • CULTURA TRES • SIOUX 66 • ELECTRIC MOB • MINIPONY
ZUMBIS DO ESPAÇO • ALCHEMIA • CLASH BULLDOG'S

SÁBADO, 27 DE ABRIL DE 2024

WITHIN TEMPTATION

EPICA

HAMMERFALL

LACUNA COIL • ANGRA • GAMMA RAY • FORBIDDEN • IN EXTREMO
DARK TRANQUILLITY • NERVOSA • THE NIGHT FLIGHT ORCHESTRA
JEFF SCOTT SOTO • JELUSICK • KORZUS • EMINENCE • SINISTRA
NITE STINGER • SPEKTRA • ABOUT2CRASH • RAGE IN MY EYES

DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2024

Mercyful Fate

ANTHRAX

KILLSWITCH ENGAGE

CARCASS • AVATAR • OVERKILL • AMORPHIS • DEATH ANGEL
WHILE SHE SLEEPS • BATTLE BEAST • ECLIPSE • RATOS DE PORÃO
TORTURE SQUAD • THE TROOPS OF DOOM • KRYOUR • AXTY
JOHN WAYNE • HELLISH WAR • NEW BLOOD WINNER

WWW.SUMMERBREEZEBRASIL.COM

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!